

Dr. CORRADO MALANGA



**PSICOSSOMÁTICA DOS FENÔMENOS DE ABDUÇÃO
ANÁLISE DE UM FENÔMENO E RESOLUÇÃO DE CASOS
ESPECÍFICOS
TÉCNICAS DE PNL E HIPNOSE REGRESSIVA APLICADAS AO
PROBLEMA**

Redação do manuscrito finalizada em 4 de Fevereiro de 2005

Consentimento para a publicação em 29 de Março de 2005

ABDUÇÕES

ÍNDICE

ÍNDICE pág.

ABDUÇÕES: CENÁRIO, AS RESPOSTAS 6

AS PRIMEIRAS HIPÓTESES 13

AS PROVAS 17

E NA ITÁLIA? 21

OS RESULTADOS 22

AS “RAÇAS” ALIENÍGENAS 23

I GRUPO DE PODER 24

II GRUPO DE PODER 24

III GRUPO DE PODER 25

IV GRUPO DE PODER 25

V GRUPO DE PODER 27

SEGUNDO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA 28

TERCEIRO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA 30

QUARTO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA 31

QUINTO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA 35

SALAS E CILINDROS 37

AS SALAS 37

OS CILINDROS 40

TIPOS DE ALIENÍGENAS 50

MENTES ALIENÍGENAS ATIVAS E PASSIVAS: A ÚLTIMA FRONTEIRA DAS
ABDUÇÕES 53

IMPLICAÇÕES FINAIS 54

AS CICATRIZES 58

IMPLANTES E ANIMAIS 64

**ABDUÇÃO: PARAESQUIZOFRENIA PSICOPATOLÓGICA DE UM FENÔMENO
REAL 65**

PREMISSA 65

ANTECEDENTES 66

UMA PRIMEIRA HISTÓRIA INTERESSANTE: O CASO DE ANNA 71

ANJOS E DEMÔNIOS 76

ABDUÇÃO COMO SEPARAÇÃO (PARAESQUIZOFRENIA) 83

MÃES E FILHOS 86

VARÕES E FÊMEAS: RELAÇÃO PERCEPTIVA DO TEMPO E REAÇÃO À ABDUÇÃO

91

ABDUZIDOS E SEXUALIDADE 95

ABDUZIDOS POR SI MESMOS, ABDUZIDOS PELA PRÓPRIA MEMÓRIA 97

ESTABILIZAÇÃO DO ABDUZIDO 100

ESQUECIMENTO E CURA 101

INTRODUÇÃO 103

CONCLUSÕES PARCIAIS 105

O CASO DE UM FILHO ÚNICO E DE UM PAI PADRONE (AUTORITÁRIO) 108

SÍNDROME DE FALSO SEQUESTRO 110

UMA VOZ NO OUVIDO DIREITO 112

ALIENÍGENAS PERTURBADORES E FENÔMENOS PARANORMAIS 119

TESTE DE AUTOAVALIAÇÃO (TAV) 119

****INTRODUÇÃO****

Tudo começou há muitos anos.

Eu estava interessado em UFOs em nível amador, quando decidi entrar para uma organização em nível nacional que estudava esse tema. Passei a ser membro do Conselho Diretivo e trabalhei para essa organização durante várias décadas. Um dia, me foi atribuída a tarefa de acompanhar um caso de suposto sequestro, por parte de alienígenas, de um rapaz de Gênova: Valerio.

Após quatro anos de investigação, escrevi meus resultados em um livro, por vontade da própria diretoria do Centro para o qual trabalhava.

Desencadeou-se o inferno!

Fui imediatamente ameaçado, dentro e fora da organização, e tentaram me calar. As mesmas pessoas que, num primeiro momento, haviam me apoiado em minhas investigações, voltaram-se contra mim, e não é preciso muito para entender que estavam em conivência com alguns setores do governo, italianos e não só. Conivência da qual eu, estupidamente, não havia me dado conta. Na verdade, eu a havia percebido em nível inconsciente, mas não quis dar ouvidos à voz da minha Consciência, a qual me dizia claramente, dia após dia, que nessa organização, como em outras na Itália, a **longa manus** dos serviços secretos é que mandava.

Como não gosto de deixar um trabalho pela metade, decidi que era bom continuar com as investigações sobre o fenômeno **abduction**. A tarefa me havia sido dada e a máquina estava em movimento: quando começo um trabalho, não podem me parar, a menos que o façam para sempre!

Este tratado é o fruto de muitos anos de trabalho, de investigar os testemunhos do fenômeno sequestro alienígena (**abduction**), de buscar as melhores técnicas para estudar essa estranha casuística, de investigar a realidade que se esconde por trás das mentiras da **mass-media**, de buscar a verdade por trás das estupidezes dos grupos religiosos **new-age** e por trás das mentiras das igrejas de todos os tempos.

Este não é um livro sobre **abductions**. Livros desse tipo existem às dúzias: descrevem a história do fenômeno, fazem uma lista pedestre de avistamentos, falam dos ocultamentos dos governos e os mais corajosos introduzem alguns relatos testemunhais de supostos abduzidos por alienígenas.

Neste tratado não há nada disso, de fato não é direcionado a leitores comuns, àqueles que, não sabendo como pegar no sono, leem três páginas de qualquer coisa.

Por caridade, se vocês são desses, não leiam estas páginas, porque não conseguirão dormir durante meses.

Este tratado também não é direcionado aos leitores de livros sobre UFO, os chamados ufófilos. Eles não entenderiam uma palavra do que está escrito porque não possuem os pré-requisitos para entender um grande quê.

Este tratado não é direcionado nem mesmo aos ufólogos, cuja principal aspiração consiste em colecionar muitos livros sobre o tema, para mostrar com orgulho aos amigos quando vêm visitar.

Certamente também não foi escrito para os religiosos, que me importam pouco, e verão, neste tratado, demolidas todas as suas aspirações de poder, como mediadores entre Deus e o homem.

Também não foi escrito para os militares, os quais, como veremos nas conclusões, estão decididamente inabilitados para a mais insignificante compreensão do Universo inteiro. Este tratado se dirige apenas e exclusivamente aos abduzidos italianos, e em segundo lugar, a todos aqueles que, armados de boa vontade e com algum neurônio em funcionamento, pensem que há algo no ar que não vai bem.

Sim, há algo no ar que não vai!

Os abduzidos, em nível inconsciente, sabem e sentem claramente, porque experimentaram na própria pele e dentro de si: os demais sabem porque percebem nas pequenas coisas do dia a dia.

Não se sabe bem o que está acontecendo, mas há um certo mal-estar pairando. Culpam-se as circunstâncias, a política, as guerras, o tempo atmosférico e a poluição, mas na realidade ninguém entende o que está acontecendo. Acontece que nossa Alma, em nível inconsciente, sabe que está prestes a acontecer o irreparável, mas não sabe como dizer, em nível consciente, à parte restante de nós mesmos, aos planos da consciência e ao subconsciente. Tudo fica, portanto, no torpor, entorpecido em nível de sensação. Sabe-se que tem que acontecer algo, mas não se sabe o quê. Percebe-se que aquilo que tem que acontecer não será algo bom, mas pensa-se nos vários milenarismos e catastrofismos do passado e considera-se que se trata de sensações ditadas mais pelo estado em que hoje se encontra a sociedade, do que por um problema real e concreto.

Este tratado explica, com todos os detalhes, em que consiste o problema das interferências alienígenas, internas e externas do abduzido, esclarece a inter-relação entre alienígenas e alienígenas, e entre alienígenas e grupos de Governo Mundial (NWO - *New World Order*).

Estão descritas as técnicas de submissão que os alienígenas, e os militares em conivência com eles, utilizam para seus próprios objetivos.

Indica-se quais são os objetivos pelos quais tudo isso acontece e descrevem-se, detalhadamente, as técnicas utilizadas para compreender o fenômeno.

Faz-se amplo uso de hipnose regressiva e de Programação Neurolinguística (PNL), completamente renovadas e reestruturadas a partir das bases.

Acrescentam-se os testemunhos daqueles que foram abduzidos e que carregam, em seu corpo, as cicatrizes dessa terrível experiência. Essas cicatrizes, como veremos no texto, não tocam apenas o físico, mas sobretudo fazem sentir seu peso a nível da psique: psique e corpo humano nas mãos dos alienígenas.

Este tratado fala das cicatrizes que os alienígenas infligiram à sociedade humana desde sempre, escondendo-se atrás das religiões, política e poder, e utilizando a estupidez de alguns seres humanos vazios por dentro.

Este tratado, no entanto, fala também da verdadeira natureza do homem e do Universo, distingue entre Alma, Corpo, Mente e Espírito e entre realidade real e realidade virtual e dá a chave de leitura para poder finalmente tornar-se.

Dei-me conta, de fato, que ao estudar os alienígenas, havia cometido um grande erro metodológico, não se pode estudar os alienígenas sem saber como somos feitos nós mesmos.

Descobri cedo que os alienígenas buscavam algo de nós que eles mesmos não possuíam, algo de que nós não sabíamos que éramos possuidores, algo que torna muitos homens parte integrante de Deus.

O objetivo deste tratado é trazer clareza e isso é direcionado aos abduzidos italianos, os quais, se tiverem constância para ler tudo, se reconhecerão nesse terrível cenário. Naquele preciso momento terão dado o primeiro passo para sua libertação e também a nossa! Libertar-se dos alienígenas quer dizer, de fato, libertar-se de todas as formas de poder, também daquelas que nos ensinam a respeitar desde pequenos, para aprender a distinguir e a reconhecer os falsos deuses do Deus verdadeiro. O Deus verdadeiro, entender-se-á lendo este tratado, é algo que está dentro do homem e não fora dele. Quem nos diz para buscá-lo fora de nós, frequentemente o faz para nos confundir e para fazer aceitar um falso deus que diz quando se apresenta: "EU SOU AQUELE QUE SOMOS", em vez do verdadeiro Deus, que está dentro de nós e nos diz, quando se apresenta: "EU SOU AQUELE QUE SABE QUEM SOMOS!".

Há uma grande diferença.

Começaremos a falar dos alienígenas e terminaremos por falar de Deus, ou seja, o Homem, mas isso não é uma coisa para ufólogos e muito menos para cientistas e tampouco para os alienígenas: isso é algo para aqueles que têm Alma e que não a ..."venderam ao diabo". Este tratado é dedicado a todos os abduzidos que me ajudaram com seus testemunhos e sua vontade de ver claro, que lutaram e lutam comigo contra aquela componente da estupidez humana que nos levou à beira do abismo.

Sem essa vontade de sair da prisão alienígena, sem o esforço e o desejo de fazer algo para salvar a si mesmo e aos outros, não teríamos podido juntos fazer uma investigação desse tipo.

Eu mesmo jamais teria compreendido como é realmente desmoralizador viver sem saber nem mesmo quem se é. Graças a eles entendi tantas coisas, muitas das quais não podem ser descritas com palavras, se não apenas sentidas com aquela parte de mim que não sabia utilizar e que hoje me permite ver o mundo de uma maneira mais próxima da realidade real. Espero que este tratado seja útil a eles, os abduzidos, e àqueles que queiram continuar pelo caminho da libertação da progênie humana, da escravidão alienígena.

De qualquer forma, hoje eu me tornei outro: encontrei parte de mim e ainda estou procurando os pedaços que faltam.

Um agradecimento ulterior vai a todos os integrantes do Grupo StarGate Toscana, que me apoiaram em todos esses anos, de diferentes modos e formas, suportando minha verborrágica forma de expressão verbal.

****ABDUÇÃO - CENÁRIO: AS RESPOSTAS****

Como anunciei antes, a investigação sobre o fenômeno dos sequestros alienígenas, definidos com o termo em inglês "**abduction**", e renomeado por mim, mais corretamente, como "Interferências Alienígenas", está em mudança radical.

Meu projeto de pesquisa, que remonta a aproximadamente dezessete anos, chegou à culminação daquela que defino como a TERCEIRA FASE.

Façamos agora um salto para trás no tempo, em benefício daqueles que nunca ouviram falar do fenômeno **abduction**.

A "estreia oficial" ocorre em 1957 na América Latina (Brasil), no estado de Minas Gerais, com o famoso caso, já histórico, do camponês Antonio Villasboas. É esse camponês, depois formado, que pela primeira vez conta a estranha experiência de seu sequestro por parte de criaturas alienígenas.

Em meados dos anos sessenta, o escritor John Fuller escreve sobre outro evento estranho: dois cônjuges americanos, Barney e Betty Hill, sob hipnose, descrevem uma experiência análoga. Também nesse caso, e com o uso de hipnose regressiva, as duas testemunhas recordam o ocorrido que as tornou protagonistas de um sequestro alienígena realizado por seres pequenos, que desceram de uma espécie de disco voador que havia seguido seu automóvel durante uma quente noite de verão.

Nos anos oitenta, cabe ao investigador ufólogo Bud Hopkins escrever alguns livros que relatam numerosas histórias de americanos ligadas a experiências de *abduction*. Também neste caso, Hopkins faz amplo uso das técnicas de hipnose regressiva para fazer emergir do cérebro das testemunhas dessas estranhas experiências as lembranças aparentemente esquecidas ou escondidas nas dobras de sua mente.

E depois é a vez do escritor Whitley Strieber, também ele americano, o qual, em um par de livros conta, desta vez como testemunha direta, a história de sua experiência de sequestro. Neste caso, é exposto um ponto de vista completamente diferente dos precedentes: o caso de um pai de família que se vê a si mesmo e seus entes queridos sendo objeto de estranhos interesses por parte de criaturas alienígenas provenientes de outros planetas, ou de outras dimensões, ou quem sabe de onde.

Quem sabe de onde! Talvez da parte do cérebro que é utilizada na criação dos sonhos fantásticos, dizem os detratores do problema *abduction*, entre os quais se destacam, na América, alguns personagens famosos, como o ilusionista James Randi, do CISCOP (uma organização de céticos de governo, alguns dos quais estão em estreita relação com entes da Inteligência do Estado, como a CIA ou FBI) ou o homólogo italiano Piero Angela, jornalista e divulgador científico radio televisivo, na equivalente organização (CICAP). Enquanto, de qualquer maneira, a atenção ao fenômeno *abduction* toma corpo e inicia a produzir investigações independentes em outros países do mundo. Assim, assistimos à publicação de um livro do alemão Fiebag e um do inglês Philip Mantle, com o título *Without Consent*, ou seja, *Sem Consentimento*!

Também a psiquiatra americana Karla Turner escreve um livro, muito feminino: trata-se da história de oito mulheres abduzidas pelos alienígenas, com o título de *Raptadas pelos UFO*, enquanto o psiquiatra John Mack, da Universidade de Harvard, descreve os resultados de suas análises, realizadas em cerca de sessenta casos.

Mack não é o único, no mundo acadêmico, em descrever e avaliar o fenômeno dos sequestros alienígenas: também a Temple University, com o professor David Jacobs, um historiador que conhece as técnicas de hipnose regressiva, se expõe às críticas da comunidade acadêmica americana. O livro de Jacobs que obtém maior sucesso, *The Threat*, relaciona os projetos alienígenas com as experiências sofridas pelos sequestrados e depois esquecidas, canceladas de suas mentes. Trata-se de um primeiro intento de dar uma resposta à pergunta: "Por que tudo isso?".

Jacobs sustenta, pessimistamente, que os alienígenas não são propriamente uma linhagem de santos e que perseguem um projeto preciso: modificar biogeneticamente os terrestres para poder depois conviver conosco em nosso planeta. Esse projeto deveria concluir-se dentro de aproximadamente quatro gerações terrestres, quando, segundo o autor, já toda a população terrestre terá tido ao menos uma experiência de *abduction*. Testemunhos controversos, comportamentos fidedignos de testemunhas e investigadores e críticas à metodologia hipnótica empregada, aguçam sempre mais, durante todos os anos noventa, as diatribes entre investigadores-ufólogos, órgãos de estado e líderes religiosos, dos quais os

primeiros (órgãos de estado), para manter em alto o próprio poder, tendem a negar a presença de tal fenômeno sobre nosso planeta e os segundos se encontram com ter que manejar uma situação na qual eles, sua fé e seu Deus não poderiam mais representar o centro do Universo, dado que isso seria, em vez disso, compartilhado com outras diferentes entidades inteligentes.

****AS PRIMEIRAS HIPÓTESES****

Apesar de terem passado quase cinco décadas, nenhum dos estudiosos do problema *abduction* conseguiu ainda entender um grande quê, mas enquanto isso, hipóteses se fizeram muitas, e nem sempre positivas.

A seguinte é, em síntese, a situação ao término da primeira cinquenta anos de estudo. O pessimista Jacobs sustenta que nós já estamos nas mãos dos alienígenas e que estes não nos pediram permissão para levar a cabo certas decisões sobre nós. Segundo ele, nós somos propriedade alienígena, porque somos inferiores seja do ponto de vista científico, seja biológico: ou seja, o que os alienígenas buscam é nosso planeta e, na melhor das hipóteses, vão tomá-lo sem empregar a força, farão isso com um sutil engano plurissecular.

O psiquiatra Mack, em contrapartida, é otimista e, ao final de seus estudos, é propenso a reter que não se sabe bem qual seja o objetivo dos alienígenas, mas certamente estes produzem uma espécie de "expansão da consciência" em cada abduzido. Tal efeito serviria ao humano escolhido para cumprir, dentro de si, um salto evolutivo e poder, portanto, aceder ao mundo futuro, preparando o planeta para suportar e superar os traumas que nossa civilização insalubre produziu e produzirá nos próximos anos.

Esta versão do "amemo-nos todos", estilo *new-age*, é sustentada por uma corrente de psiquiatras e psicólogos americanos, os quais veem na própria civilização a causa de seus males. Não devemos esquecer que, nos EUA, o abuso no recorrer a psicólogos e psiquiatras parece representar o efeito de um mau humor difundido, que tende a levar os americanos a não serem capazes de resolver por si mesmos problemas de contato com seus semelhantes, porque seu mundo os empurra a se tornarem escravos do "ter" e a considerar que o "ser" seja algo somente exterior, condicionado pelo julgamento dos outros. Não por acaso seu inconsciente tenta se libertar justamente dessa vida insalubre e o americano médio se torna obeso se empanturrando de comida para manifestar, por um lado, seu desejo de possuir tudo (psicologicamente se possui também aquilo que se come); por outro, engordando e ficando flácido, se opõe inconscientemente àqueles cânones de beleza física que o queriam magro e musculoso e rejeita o dogma que lhe impõe ser rico e belo.

Não por acaso os detratores do problema *abduction* dizem que isso é preponderantemente americano (veremos que não é nada certo) e deve ser considerado o fruto de psiquismos insalubres, subprodutos da frenética civilização consumista.

Portanto, ao professor John Mack se reprovava ter escrito um tratado sobre os psicóticos, acreditando que fossem, na realidade, os eleitos dos alienígenas. Ele teve que padecer uma verdadeira e própria inquisição por parte de um colégio de docentes da Universidade, por ter ousado escrever esse livro (*Rapiti* é o título da versão italiana publicada pela Mondadori). No entanto, no ano anterior à publicação do livro incriminado, Mack havia ganhado o prêmio Pulitzer por um tratado sobre psiquiatria, criando assim, para o mundo científico americano, sérias dificuldades para fazer desaparecer de cena esse psiquiatra incômodo. O processo, pelo menos na aparência, foi ganho por Mack, mas é certamente lícita a suspeita

de que seu segundo livro (nunca publicado na Itália), tenha sido adotado por exigências "políticas" e existem muitas dúvidas sobre as causas de sua própria morte, ocorrida na Inglaterra no ano passado em um acidente (tendo sido atropelado por um automóvel).

Em conclusão, as opções resultantes são apenas três:

1. Os abduzidos são todos esquizofrênicos psicóticos.
2. Os alienígenas existem realmente e são maus.
3. Os alienígenas existem realmente e são bons.

Deixamos por agora a primeira opção, que será examinada mais adiante.

Na segunda opção os alienígenas são maus, submetem os raptados a terríveis intervenções cirúrgicas para extrair sangue e esperma, transplantam óvulos fecundados em fêmeas de nossa espécie e implantam microchips subcutâneos em várias partes do corpo do abduzido, para poder monitorá-lo continuamente.

Na terceira opção, em contrapartida, os alienígenas são bons e fazem experimentos cirúrgicos, mas são para salvar os abduzidos de algumas doenças, para melhorar o corpo e a mente e para prepará-los para o grande dia em que a Terra entrará na Confederação Estelar. Tchá-râââ-n-n-n-n!!

Um dos aspectos mais demenciais da terceira opção está representado pelas novas religiões, nascidas, oh! casualidade, sempre no mundo anglo-saxão e sobretudo nos Estados Unidos, que descrevem os alienígenas como salvadores da humanidade.

Assim, a Scientology nos EUA e os Raelianos na Europa não se limitam a considerar os alienígenas como criadores dos humanos, mas sobretudo os consideram deuses tecnológicos e, portanto, superiores.

Os Raelianos, que entre outras coisas são fundadores da Clonaid, uma multinacional tecnologicamente capaz de efetuar os mais ferozes experimentos biogenéticos, anunciaram que clonarão Hitler e que o futuro da humanidade está na vida eterna obtida através dos processos de clonagem. Tudo isso porque Claude Vorillon, discutido personagem francês, piloto automobilístico nos anos sessenta e hoje chamado Rael, teria sofrido um sequestro alienígena quando jovem. Nessa ocasião, os alienígenas o teriam escolhido como seu embaixador e lhe teriam revelado também, entre outras coisas, que eles são os criadores da raça humana, que usam a clonagem para obter a imortalidade e tantas outras coisas sumamente similares àquelas descritas pelos abduzidos, sob hipnose regressiva, que declararam aos investigadores de plantão.

Portanto, a hipótese "tecnicista" da presença alienígena na Terra para Vorillon não é, de fato, algo sem sentido, porque está avalizada por dezenas de testemunhos, além de obviamente por seu relato pessoal.

Ao lado da hipótese "tecnicista" existe aquela "espiritualista", até agora apoiada por muitos famosos *contactados*, para os quais a *abduction* não seria na realidade um sequestro verdadeiro, mas uma espécie de catarse mental, um momento onde os alienígenas falam ao abduzido e lhe ensinam verdades de tipo religioso, moral e científico.

A ideia de que a mente faça parte de nossa existência, mas represente um estado evoluído do corpo, com acesso a planos perceptivos "superiores", faz supor a alguns que um contato com seres totalmente diferentes de nós do ponto de vista energético possa acontecer somente através da percepção mental. Nascem assim os *Channelers* ou Canalizadores de Entidades, as quais, desde outras dimensões, falam e falam e falam de coisas suas e sobretudo de coisas nossas.

Isso é um aspecto da ufologia que torna tal matéria similar ao estudo das aparições marianas; essas pessoas se sentem seguras da existência de um deus tecnológico, representado pelo alienígena de plantão. Assim como a uma divindade, ao alienígena vêm atribuídos os atos de criação e de destruição; as profecias místicas fazem sua aparição e enquanto quem diz ver a Virgem Maria revela que o mundo terminará com uma catástrofe proveniente do céu, os *Channeler* ufológicos relatam de Nibiru, misterioso planeta escondido e habitado por alienígenas, sobre o qual desde há muito se presume a existência, que roçará a Terra (ou cairá em cima dela) e que coincidência, nos mesmos anos em que, para os videntes, terá lugar a vingança divina. Observando bem, há fortes analogias de fundo e isso significa, para mim, que "onde há fumaça, tem que haver algo que se queima": talvez não exista uma só verdade, mas sim diferentes tipos de interferência alienígena.

****AS PROVAS****

Independentemente das várias hipóteses, aquilo que lhes faltava para poder julgá-las mais ou menos válidas era um quadro total, que definisse de uma vez por todas a realidade do fenômeno *abduction* e além disso identificasse o verdadeiro motivo, tornando-o crível. Portanto, nos últimos anos, diferentes estudiosos puseram mãos à obra para encontrar as provas da realidade do fenômeno *abduction*.

A busca das provas da existência da fenomenologia UFO e a demonstração do fato de que os UFO existem verdadeiramente se resolveram historicamente como um fracasso total, não porque não tenham sido entregues, nos últimos cinquenta anos, provas abundantes e irrefutáveis à comunidade científica, mas porque esta não considerou conveniente acreditar na validade das provas apresentadas; faltaria mais, se se pudesse esperar um comportamento diferente no caso das *abductions*.

Não me interessa, neste lugar, falar dos modelos mentais clássicos e tratar a percepção dos fenômenos físicos indicada pelas limitações de sua percepção, dado que já enfrentei à parte esse específico aspecto do argumento, mas tenho que dizer que, também neste caso, as provas foram apresentadas: por isso excluí a opção segundo a qual todos os abduzidos são esquizofrênicos psicóticos.

As provas objetivas de uma concreta *abduction*, e não aquelas subjetivas (que estão caracterizadas por diferentes indícios de validade), são hoje sempre mais dificilmente desmontáveis.

Por exemplo, os abduzidos, sob hipnose, contam ter sofrido uma estranha intervenção cirúrgica através do nariz e, de fato, foi o próprio Hopkins que descobriu pela primeira vez um microimplante no interior do cérebro de um abduzido que havia descrito essa intervenção.

Esse tipo de implante, introduzido através de uma das fossas nasais (geralmente a direita) até chegar ao osso esfenóide, perfurando-o, que é colocado na posição final no interior da hipófise, foi depois encontrado facilmente em muitos outros abduzidos mediante RMN (Ressonância Magnética Nuclear), TAC (Tomografia Axial Computadorizada) e às vezes também, por meio de simples radiografias frontais e parietais. Outros tipos de implantes foram encontrados sob micro cicatrizes que os abduzidos têm no corpo, sem saber em nível consciente; mas que, sob hipnose, eles recordam sempre a operação, embora nem sempre saibam dizer com certeza se algo lhes foi introduzido ou extraído.

Nos Estados Unidos, Derrel Sims aprofundou a investigação e, com a ajuda do Dr. Leir e de outros cirurgiões, extraiu do corpo de muitos abduzidos, quando foi possível, estranhos objetos microscópicos, alguns dos quais, analisados em pelo menos cinco universidades americanas, revelaram a presença de uma porcentagem isotópica (nos componentes do implante) diferente da terrestre, confirmando, sem sombras de "dúvida lógica", a procedência alienígena.

A definição "dúvida lógica" é para indicar que tecnicamente não se tem a certeza nem mesmo da existência real do Universo, que algum físico sustenta ser um gigantesco holograma. Diante de certos resultados podem ser apresentadas, na verdade, também outras explicações, mas essas resultam muito menos plausíveis do que a solução alienígena. O método da navalha de Occam, segundo o qual a explicação mais simples é também a mais verdadeira, não pode ser usado pelos detratores do problema ufológico apenas para negar a existência.

Para citar um exemplo, há alguns anos Sims extraiu, do dedo grande do pé esquerdo de uma mulher de meia-idade, um pequeno objeto metálico coberto por uma membrana de material quitinoso, provavelmente para evitar a rejeição. Esse material possuía uma porcentagem isotópica diferente da terrestre previsível para aquela amostra, tão diferente, que fez declarar a Sims que a natureza do objeto encontrado era alienígena, algo que resultava confirmado pelo resultado das hipnoses regressivas efetuadas sobre a senhora. O CISCOP, em contrapartida, afirma que a senhora, sob hipnose, havia inventado tudo e que o implante alienígena derivava do fato de que um belo dia a senhora, descendo da cama, havia pisado casualmente num micrometeorito que se incrustou no dedo.

Tentava-se assim, illogicamente, explicar a inegável presença de isótopos "alienígenas" na amostra cirurgicamente extraída por Sims.

Outra prova fundamental das *abductions* é a presença de testemunhas oculares: sejam pessoas abduzidas examinadas durante a hipnose, sejam observadores casuais que estão em condições de referir fielmente, permanecendo fora da experiência, aquilo que o abduzido conta durante a hipnose.

Descobre-se assim, para dar outro exemplo, que nada menos que Pérez de Cuéllar, então secretário das Nações Unidas, e sua escolta, em companhia de uma dúzia de pessoas, foram testemunhas oculares do famoso caso de *abduction* sucedido à ítalo-americana Linda Cortile, estudado por Hopkins, e ocorrido muito cedo uma manhã, num edifício com vista para a ponte do Brooklyn, em Nova York.

Devem ser consideradas também provas as cicatrizes verificáveis, internas e externas, a respeito das quais o abduzido descreve, sob hipnose, as circunstâncias em que os alienígenas as propiciaram, contra sua própria vontade. Algumas cicatrizes foram examinadas por peritos e resultaram ser traumas cutâneos muito particulares, os quais, até agora não se logrou explicar a gênese, senão recorrendo à "dúvida lógica" de que o que o abduzido conta seja efetivamente verdadeiro.

Neste contexto é fundamental fazer notar que algumas abduzidas são objeto de fecundações artificiais por parte dos alienígenas, os quais introduzem um óvulo, preparado por eles e já fecundado, no corpo das vítimas; estas últimas levam adiante a gestação durante três meses, e depois, durante outra experiência de sequestro, o feto é extraído da portadora (*carrier*) e introduzido num cilindro de material transparente, cheio de líquido, para continuar com a gestação *in-vitro*. Ao relato do ocorrido, realizado sob hipnose regressiva, contado exatamente do mesmo modo por todas as interessadas até nos mais mínimos detalhes,

acrescenta-se o aval das análises médicas, das ecografias e de tudo aquilo que possa servir a identificar nestas mulheres, não casos de gravidez histérica, como vai tagarelando algum desinformado, mas sim como verdadeiras provas objetivas de *abduction*.

Também neste caso as provas disponíveis são esmagadoras, mas mais uma vez a ciência oficial, interpelada sobre este aspecto característico das *abductions*, explica o fenômeno assim (!): "Nestas mulheres o nascimento de um tumor nos ovários produz os efeitos de uma gravidez durante três meses, depois o tumor, grande como um pequeno feto, se cura sozinho e desaparece".

As abduzidas, tratadas por mim, que foram submetidas à implantação do óvulo formaram tecido placentário e, sucessivamente, à extração do feto por parte dos alienígenas, o expulsaram, tendo gerado além disso um inchaço nos seios por produção láctea.

Algumas delas tinham as trompas cirurgicamente fechadas, algumas utilizavam progestágenos para evitar a gravidez, outras não tinham tido relações sexuais por muito tempo, mas no teste químico todas resultavam grávidas e todas, seja através da hipnose ou mediante as técnicas de Programação Neurolinguística, relatavam suas experiências com os alienígenas.

Diante de uma estranha ecografia efetuada a uma mulher grávida de três meses (a julgar pelos valores dos esteróis presentes nas análises químicas), na qual se individualizavam líquido amniótico e uma placenta com dentro algo muito pequeno e onde se ouvia um rumor rítmico similar a um batimento cardíaco mas mais lento que o do humano, onze médicos disseram que a gravidez era histérica e que o batimento cardíaco era de um feto que estava por morrer (numa gravidez histérica não há feto --não há nada--), ou então se tratava de contrações rítmicas da vagina da pobre infeliz; é de se destacar que tudo isso acontecia na que, no campo acadêmico, está atualmente considerada como a melhor clínica ginecológica italiana!

Em contrapartida, tendo esta mulher anteriormente colaborado comigo, foi-me fácil prever com muita antecendência como seria o suceder dos acontecimentos.

****E NA ITÁLIA?***

Na Itália, o primeiro a se ocupar do problema "Sequestros Alienígenas" foi o que subscreve, o qual, incumbido pelo CUN (Centro Ufológico Nacional) de pôr em ação a primeira pesquisa desse tipo em nosso território, se encontrou entre as mãos o já tornado famoso caso de Valerio Lonzi, um rapaz de Gênova que foi abduzido uma noite, em presença de testemunhas, enquanto participava de um acampamento de escoteiros em Reppia, nos montes da capital ligure.

Sobre este caso escrevi um livro que fez sucesso (*Gli ufo nella mente* -- aprox. 26.000 cópias vendidas em duas edições sucessivas--). No dia seguinte à publicação da primeira edição do livro, o CUN, que havia encomendado a investigação, notou que o texto era decididamente escabroso e pouco conveniente à política daquela organização (privada), apesar de que, antes da publicação, todos os integrantes do conselho diretivo tivessem recebido uma cópia. Talvez não o tivessem lido? Talvez o tivessem lido e não o tivessem entendido? Ou quem sabe, algum outro, fora do CUN, não estava contente com que na Itália se tratassem certos argumentos?

Da investigação sobre o caso Lonzi, que durou pelo menos dois anos e meio, emerge que também na Itália aparentava confirmar-se aquilo que os ufólogos americanos durante anos vinham denunciando.

Os alienígenas usavam também os italianos!

A extensão do livro me serviu para aprender as técnicas hipnóticas descritas pelos americanos e a melhorar notavelmente, com a ajuda do doutor Moretti, de Gênova, que se havia ocupado da execução das hipnoses.

O livro tinha que servir de "isca" para aqueles que, lendo o que havia sucedido a Lonzi, se reconhecessem nessas vicissitudes: esperava que eles, superada a barreira do medo, me contatassem, de maneira a me permitir pôr em marcha a segunda parte da investigação, a qual previa a expansão da experiência adquirida, estendendo-a a dezenas de potenciais abduzidos e verificando, onde se produzissem, as similaridades comparáveis entre os vários casos de *abduction*.

O autor, a este ponto, não podia seguir trabalhando no CUN, onde suas investigações, por eles requeridas, não eram vistas com bons olhos, e deixou a organização, abandonando também aquela rede de especialistas que havia contribuído a construir no território nacional e que teriam devido apoiá-lo na segunda e mais delicada fase da pesquisa. No entanto, não há mal que por bem não venha e assim, finalmente livre de qualquer tipo de controle e/ou censura, reorganizei toda a operação e, com novos colaboradores, obtive em poucos anos aquilo que nunca teria podido obter em décadas de trabalho no CUN.

Nasceu assim a segunda parte do projeto *abduction* que concluiu em agosto de 2002.

O trabalho levou a conclusões certas sobre os alienígenas, sobre sua identidade, sobre seus lugares de procedência, suas necessidades, sobre implicações históricas de sua presença sobre nosso planeta e, não menos por último, sobre a motivação dos sequestros alienígenas. A quantidade de material recolhido, a reprodutibilidade das experiências hipnóticas realizadas, até agora, sobre mais de duzentos casos e as provas colaterais obtidas, permitem-me dizer, claramente e pela primeira vez no mundo, sem temor de ser desmentido, o que é que querem de nós os diversos grupos alienígenas que estão na Terra desde há milhares de anos.

Os resultados obtidos, que serão seguidamente sinteticamente enunciados, fizeram-me entender também por que era tão difícil compreender o motivo de suas ações.

Por que, de fato, depois de anos de trabalho, seja meu ou de outros colegas estrangeiros, não se lograva construir um quadro geral?

Porque os alienígenas buscavam algo em nós que nós não sabíamos que temos.

Algo que, uma vez trazido à luz, permitia construir uma imagem do homem muito diversa daquela imposta hoje pelo determinismo materialista à la Piero Angela.

****OS RESULTADOS****

Existem cinco níveis de interferência alienígena, entre os quais, precedentemente ao meu trabalho, era conhecido somente o primeiro.

O primeiro nível de Interferência Alienígena descreve a *abduction* como fenômeno invasivo, no qual alguns seres, geralmente pequenos e de cor cinza escuro ou preto, às vezes azul, tomam o sujeito e o conduzem a um ambiente tecnológico onde resulta submetido a operações cirúrgicas numa espécie de mesa operatória, seja em homens como em mulheres lhes é implantado um microchip de controle.

Isso é o que aparece claro entre tudo o que foi exposto por diferentes estudiosos americanos. Na realidade, as coisas são um pouco mais complicadas. Existem, de fato, pelo menos doze raças alienígenas diferentes que têm a ver com a humanidade e, apesar de empregarem técnicas distintas, no final buscam o mesmo, como se verá mais adiante.

****AS "RAÇAS" ALIENÍGENAS****

Cada uma destas raças tem à disposição seres pequenos, definidos genericamente "Grisés" ou EBE (*Entidades Biológicas Extraterrestres*, como consta em alguns documentos da CIA desclassificados com o FOIA), que podem ser considerados como "cyborg", ou seja, verdadeiros robôs biológicos, obtidos por clonagem.

Como assinalamos, existem diferentes tipos de Grisés, os quais são descritos de maneira similar, mas possuem distintas características morfológicas, como, por exemplo, a cor da pele e a altura. Estas vêm descritas com precisão durante a hipnose e diferem segundo a raça alienígena com a qual se está lidando.

Já desde as primeiras sessões hipnóticas resultava claro que as descrições do aspecto dos alienígenas não eram coerentes com a hipótese de uma só raça: ou os sujeitos sob hipnose inventavam descrições iguais na substância, mas diferentes nos detalhes, ou então existiam diferentes tipos de alienígenas, parecidos mas não iguais.

As descrições foram examinadas nos mínimos detalhes, para extrair indicações o mais seguras possível. Por exemplo, logo após um atento exame cruzado dos testemunhos e do estudo apropriado das perguntas a fazer aos abduzidos durante a hipnose, os seres azuis que se parecem com os grisés mas mais altos (150 cm em vez de 100 cm ou pouco mais) resultaram ser, na realidade, negros. Responsável pela cor azul resultou ser a iluminação azul da sala operatória onde estes seres acompanham os abduzidos. A pele destes "Grisés altos", que trabalham apenas com alienígenas sauroides (se falará mais adiante) e estão ausentes em todos os outros contextos, é, de fato, de cor negra translúcida e reflete as luzes ambientais, assumindo a coloração (preto e azul, combinados).

Cinco, das doze raças alienígenas das quais se fala, estavam presentes no território com mais frequência do que as outras (entre estas estão talvez as quatro raças às quais faz referência o coronel Philip Corso¹ no curso de seu livro intitulado *"O Dia Depois de Roswell"*).

Na realidade não se deveria falar de raças, mas, mais apropriadamente, de grupos de poder.

****I grupo de poder****

Fazem parte deste grupo seres que aparentam ser mamíferos (mamíferomorfos), altos, muito mais do que nós (aprox. 2,40 m), de carnes brancas, cabelos brancos longos, com seis dedos nas mãos e com olhos azuis claros (celestes) com pupila vertical. Estes seres estão

geralmente vestidos de branco, trazem, pendurado no pescoço, um medalhão redondo com uma espécie de símbolo triangular e parecem ser originários de uma parte do Universo caracterizada por dimensões espaço-temporais diferentes das nossas. Aparentemente são dotados de um corpo (masculino) igual para todos. A parte do Universo de onde provêm não prevê a existência de corpos físicos e aquilo que a nós é mostrado parece ser uma espécie de "hábito", construído com uma tecnologia que serviria, aos integrantes desta raça, para poder entrar em nosso sistema dimensional, caso contrário estariam impedidos pelas leis da física e da geometria, ou seja, fazem isso para poder interagir conosco.

¹ *O Coronel Philip Corso (clicando aqui (1) podereis ver uma entrevista a ele e outros militares que falam sobre ele, entrevista realizada pelo Dr. Steven Greer) que serviu na Administração de Eisenhower e posteriormente esteve à frente do Foreign Technology Desk (Unidade de Tecnologia Estrangeira, leia-se: Unidade de Tecnologia Extraterrestre) no Departamento de Investigação e Desenvolvimento da Marinha Americana. Corso afirma ter visto um extraterrestre da tipologia dos Grises morto proveniente do acidente em Roswell, Novo México em 1947. Corso serviu à Marinha durante 21 anos e recebeu 19 medalhas e condecorações de honra. Depois de mais de 30 anos de silêncio, Corso revela em seu livro *The Day After Roswell*, em 1997, como liderou um programa clandestino top secret para reverter tecnologia extraterrestre resgatada do acidente em Roswell. Em seu livro escreve que desenvolveu com sucesso múltiplos projetos para reverter esta tecnologia e inseri-la em empresas civis patenteando-a como se tivessem sido estas que tivessem desenvolvido a tecnologia. Algumas das empresas que se beneficiaram são IBM, Hughes Aircraft, Bell Labs e Dow Corning. Corso afirma que o rápido desenvolvimento de tecnologia nos anos 50 como a fibra óptica, os chips com circuitos integrados, equipamento de visão noturna, fibras super resistentes como o Kevlar foram o resultado destes projetos clandestinos. Seu livro é seu testemunho (ver na bibliografia)(2). (FONTE: "A Report on the Motivations and Activities of Extraterrestrial Races - A Typology of the Most Significant Extraterrestrial Races Interacting with Humanity", Michael Salla, Ph.D.).*

(1).- http://www.exopoliticsspain.es/sp/entrevistas.htm#Philip_Corso

(2).- <http://www.exopoliticsspain.es/sp/bibliografia.htm>

****II grupo de poder****

Outros, também mamíferomorfos, têm os cabelos claros, cor alaranjada/caoba (de fato são geralmente definidos como *Orange*), têm aproximadamente 2 m de estatura, têm a pupila com tendência vertical, crânio alongado que se reduz progressivamente sobre os lados partindo desde a testa (como a proa de um barco), pele bronzeada, cinco dedos nas mãos e estão vestidos com trajes aderentes (*mono-overall*) de cor azul escuro. O traje é caracterizado por uma insígnia com forma de dois triângulos entrelaçados, posta no peitoral esquerdo. Estes alienígenas parecem provenir da constelação do Touro (portanto os chamaremos de taurianos) são definidos muitas vezes como "belos" e entre eles há machos e fêmeas.

É importante fazer notar que praticamente não existem quase nunca Interferências Alienígenas em que o abduzido assinale a presença contemporânea de duas raças diferentes: as operações são realizadas quase sempre por uma raça de cada vez. As labutas aparentam ser diferentes, mas o objetivo final parece ser o fruto de um único projeto comum.

Parece, de fato, que os *Orange* possuem o mapa genético detalhado da humanidade, ou de qualquer maneira sabem distinguir os seres humanos que são eleitos para as abduções daqueles que são descartados porque não possuem aquela coisa que lhes serve.

Portanto, são eles "aparentemente" os primeiros a intervir no arco da vida de um abduzido.

****III grupo de poder****

Ainda mais acima, numa informal escala hierárquica, parecem existir seres muito mais antigos, muito altos, muitas vezes vestidos com trajes escuros aderentes, que os abduzidos dizem não ter visto nunca diretamente, mas que perceberam como se estivessem atrás de uma tela (portanto é difícil estabelecer a altura exata, embora por algumas considerações, não expostas aqui para ser breve, possa ser estimada em cerca de 3 m).

Estes seres têm olhos redondos e quase brancos e possuem um apêndice no queixo que os faz semelhantes a homens barbudos, esta característica apenas nos machos, as fêmeas aparentam não possuí-lo. Além disso, têm dois ossos escapulares muito pronunciados que, quem os vê de frente, recorda erroneamente, grandes asas replegadas nas costas. Algumas vezes foi notada, no centro da testa, a presença daquilo que aparenta ser seu verdadeiro olho, muito luminoso (os chamaremos, portanto, de "Monóculos"). Têm três dedos mais um oposto, delgados e arqueados como os de um pássaro. Os Monóculos, quando se movem, parecem dotados de poderes telecinésicos e não estão aqui conosco, mas transmitem suas mensagens aos outros alienígenas de longe, com meios tecnológicos.

****IV grupo de poder****

Fazem parte deste grupo seres de natureza sauroide (chamá-los-emos de "Sauroides", embora erroneamente sejam chamados de "Reptiloides" na ufologia contemporânea).

Aparentemente existem dois tipos de Sauroide.

O primeiro, e mais invasivo, tem 2,80 m de altura, tem cinco dedos em mãos e pés, mais, no antebraço, longe da mão, uma unha pontuda similar ao dedo que os gatos têm nas patas traseiras, mas com uma estrutura quitinosa muito dura.

A pele, que sempre parece úmida e translúcida, é de cor verde-marrom e vista de perto, parece dotada de escamas, as quais examinadas atentamente resultam mais macias do que o previsto.

A pele se torna progressivamente vermelha na zona do ventre e nas pontas dos dedos e naquelas zonas da pele mais delgadas pode-se ver fluir ou circular uma linfa vermelha, sobretudo quando o alienígena parece se comportar de modo colérico.

O crânio, nos lados, é caracterizado pela presença de duas superfícies córneas, arredondadas e pouco emergentes, enquanto que no centro há uma estrutura mais macia, sob a qual se vê pulsar a linfa, esta estrutura assemelha a uma espinha dorsal em relevo e percorre bem em evidência, todo o comprimento da cabeça, do pescoço, do dorso e da grande cauda. A

grande e grossa cauda é utilizada como terceiro ponto de apoio quando o Sauroide está em pé, quieto, sobre suas duas curtas e grossas pernas. Os dedos das mãos e dos pés são abundantemente palmados.

Dispomos de poucos dados anatômicos sobre a língua, que aparenta, no entanto, também parecer ser grossa e além disso bífida.

Os olhos têm uma subpálpebra (membrana nictitante) que vai na diagonal, de baixo para cima e do nariz para fora. As pupilas são verticais e a íris muda de cor, do amarelo esverdeado ao vermelho vivo, aparentemente segundo o humor.

As orelhas são inexistentes, enquanto o ouvido parece poder fechar-se sob comando.

O aspecto geral vem descrito como aquele de um "dragão" ou às vezes como o de um "crocodilo em pé", embora o rosto (ou o focinho?) seja arredondado como o de uma serpente, com os lábios finos e as narinas postas no fundo da parede nasal, mas laterais ao posto de frontais como as nossas. Há relatos sobre "dragões" de vários tamanhos e aparentemente estes dependem da idade, ou seja, eles continuam a crescer sempre, sem um verdadeiro limite máximo.

Trata-se de seres anfíbios, entre os quais não é evidente a presença de sexos, e vêm descritos sempre junto a outra espécie, aparentemente uma espécie subordinada.

O segundo tipo está representado por Sauroides sem cauda, altos 2 m aprox., com pele translúcida, olhos como bolas que conferem rigidez ao olhar (por isso os chamaremos de "Rãs") e dentes verticais, longos e finos, que fazem recordar os das baleias. Na cabeça têm como pequenos chifres, que de longe, fazem recordar umas crinas curtas, mas não se trata de cabelos, sim de muitas protuberâncias córneas juntas. Estes seres são tão similares uns aos outros que torna impossível a identificação de diferenças, ainda quando se veem muitos contemporaneamente; estão caracterizados por um atavio semelhante à divisa dos militares nazistas da última guerra mundial.

Tampouco entre eles se nota a presença de sexos.

****V grupo de poder****

Fazem parte deste grupo seres de tipo insetoide, similares aos nossos mantódeos - *mantis* ou *mantidae religiosa* (tata-dios, louva-a-deus) (por isso os chamaremos de "Mantídeos"), de coloração esverdeada, com corpo quitinoso, que caminham com os membros posteriores. Os membros anteriores os têm como se estivessem rezando, quase com as mãos unidas; têm dois dedos, mais um dedo diferente (que parece oposto). A boca é muito pequena e a cabeça, com grandes olhos escuros, é muitas vezes mantida para um lado. Não se sabe com segurança se têm outro par de pequenos membros intermediários entre os superiores e inferiores. Existe outra raça de seres mamiferomorfos, dos quais é necessário falar neste tratado, porque resultam ser seres não clones, mas escravos (assim os definem frequentemente os abduzidos sob hipnose) de propriedade sauroide.

Trata-se de seres pequenos (que chamaremos precisamente de "Escravos"), com pele muito enrugada, o pescoço longo e com músculos que fazem dobrar e rodar a cabeça (equivalentes ao nosso esternocleidomastoideo) muito em evidência, a boca pequena com lábios de diferentes espessuras (o superior é visivelmente mais pequeno que o inferior) e os olhos escuros e úmidos.

Os dedos das mãos aparentam ser cinco.

O crânio com forma de coração é típico, de fato é desenvolvido em modo invertido, mas apresenta um sulco no centro da testa, que desaparece gradualmente para a parte posterior (por isto os chamaremos também de "Cabeça de coração").

As orelhas são pequenas e um pouco pontudas na parte alta.

Estes alienígenas vestem com hábitos não aderentes e têm aproximadamente 1,50 m de estatura, foram confundidos muitas vezes com os "Grisés" ou com outros seres, encapuzados, os quais têm o nome de "Javas" e que, segundo minha opinião, existem apenas na ficção científica.

Em torno dos alienígenas até agora descritos flutuam descrições de outros seres com os quais parecia, num primeiro errado exame, que os abduzidos tivessem menos a ver. O posto de honra é para aqueles que a ufologia americana chama de "Seres de Luz", os quais, como veremos, são muito outra coisa.

Depois de cerca de dezessete anos de esforços, tenho redigido uma espécie de "bestiário cósmico", do qual ocorria reconstruir as ações dos membros para entender por que estão aqui entre nós.

****SEGUNDO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA****

Nesta sede não serão descritos os contextos e ambientes hipnóticos que consentiram alcançar as conclusões expostas, nem serão dadas explicações técnicas, porque seriam necessários vários livros: limitar-me-ei a expor simplesmente as despojadas conclusões extraídas das investigações.

Dito isto, apareceu rapidamente claro que os mamiferomorfos tinham um problema que nós podíamos resolver: buscavam a imortalidade!

Apesar de estar convencido de que a imortalidade se transformaria, a longo prazo, em algo incrivelmente entediante, estou consciente de que nem todos pensam desta maneira. O desejo dos alienígenas de nunca abandonar esta vida e a determinação demonstrada em perseguir tal objetivo me havia deixado bastante perplexo sobre o grau de sua maturidade intelectual, mas prossegui na pesquisa: talvez eu estivesse enganado.

Os abduzidos que tiveram contato com estes seres, sob hipnose, relatavam unanimemente que os alienígenas viviam: "através de nós, através da nossa mente".

Neste tipo de abduzidos existia uma forte dicotomia cerebral, que um psiquiatra de pacotilha teria facilmente interpretado como esquizofrenia aguda; no entanto, analisando mais profundamente a personalidade destes sujeitos, não restavam dúvidas sobre sua total saúde mental.

Eles se sentiam muitas vezes diferentes, como se não fossem deste mundo, e tinham *flash-backs* onde recordavam cenas de vidas passadas e imagens em que atuavam num contexto alienígena, como se fossem eles mesmos alienígenas.

Foi rapidamente claro que em suas mentes existia uma zona de memória com acesso negado, onde estavam escondidas algumas lembranças que continham cenas de vida de um alienígena: nasceu a hipótese de que fosse real aquilo que resultava de várias outras hipnoses, ou seja, que os alienígenas usavam o cérebro dos abduzidos como depósito para suas memórias (em termos informáticos, uma espécie de sistema de *backup*).

Segundo tal hipótese, os alienígenas em questão buscavam a imortalidade, que não podem na realidade alcançar, porque, apesar de serem muito mais longevos que nós, morrem igualmente.

Podem, no entanto, fazer sobreviver todas as suas memórias, metendo no cérebro de uma criança terrestre toda a experiência da vida inteira (até aquele momento) de um deles, o qual, depois disto pode eventualmente morrer.

A criança, com o transcorrer dos anos, se torna adulta e de vez em quando o cérebro mostra pequenos sinais de outra personalidade, criando-lhe não poucos problemas existenciais.

A memória alienígena permanece de qualquer maneira inacessível, a menos que se recorra a uma espécie de procedimento-chave (similar à *password* de um computador) capaz de abri-la e de liberar o conteúdo.

Antes da morte do abduzido utilizado para o *backup*, os alienígenas voltam e copiam, se necessário, todo o conteúdo da memória no cérebro de um deles recém-nascido. Este dispõe assim de imediato da memória, além da do terrestre, a do seu predecessor alienígena, portanto se torna um com ele.

Assim sua personalidade sobrevive, embora o corpo morra, e obtém-se um substituto de imortalidade. O alienígena recém-nascido não tem que fazer experiência, começando de novo todo o processo formativo, e ao final, por dar um exemplo, um antigo alienígena (ou melhor, a sua personalidade) de trinta mil anos resultará formado pelas memórias de seis alienígenas de cinco mil anos cada um, mais um número elevado de memórias de terrestres usados para o *backup*.

O produto da aplicação da ideia recém-descrita é uma única personalidade em evolução, que utiliza muitos corpos em sucessão: uma espécie de pseudo-imortalidade que permite aos alienígenas conservar todas as características fundamentais de seu pensamento original.

Rapidamente se constatou que o cérebro humano é preferido pelos alienígenas como depósito para suas memórias, de fato, aos abduzidos, durante os sequestros, lhes é repetidamente dito que:

*"... vosso cérebro é algo perfeito: as máquinas quebram, mas os cérebros humanos não ...
"*

Isto é, então, o que significa a frase:

"Nós vivemos através do vosso cérebro"

A aplicação de uma série de astúcias hipnóticas permitiu encontrar o procedimento-chave para o acesso às memórias escondidas no cérebro dos abduzidos, pondo à disposição um imenso bagaço de informação sobre os alienígenas, incluído seu idioma.

O procedimento está examinado, ensaiado, comprovado, aprovado e é reproduzível em laboratório sobre qualquer abduzido.

O estudo dos fonemas alienígenas está atualmente em curso, mas disto se falará em outra instância.

Este procedimento-chave representa, indubitavelmente, uma descoberta importantíssima.

Para confirmá-la, decidi verificar se, comportando-se nosso cérebro como uma memória não cancelável (propriamente dito ROM - *Read Only Memory*), na zona de memória de acesso negado de um abduzido existiriam também traços das memórias dos "*carrier*", ou seja, vestígios das lembranças das vidas de todos aqueles que haviam "transportado" a memória alienígena em precedência. De fato, no cérebro dos abduzidos, deve estar presente a memória de um só alienígena, composta de muitos fragmentos sequenciais, e além disso as memórias de todos aqueles de quem os alienígenas se serviram para o *backup*. É supérfluo descrever a satisfação produzida ao ter logrado a confirmação desta hipótese.

O trabalho de Weiss, psiquiatra americano que com a hipnose solicita as memórias das vidas passadas, deve ser, portanto, reinterpretado? Não existe a reencarnação, e trata-se simplesmente de memórias que, na realidade, não nos pertencem, mas são de pessoas que viveram em precedência carregando o fardo agregado de uma memória alienígena?

Tornou-se claro a seguir que as coisas são ainda mais complexas: outros alienígenas, na realidade, vão muito além do *backup* de memória.

****TERCEIRO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA****

Nos abduzidos que havia examinado, sucedeu-me encontrar memórias alienígenas de Sauroides ou de Insectoides: como é possível?

O cérebro de um réptil ou de um inseto é talvez compatível com o de um humano?

Provavelmente a resposta correta é a seguinte:

Uma memória alienígena de Insetoide se expressou, sob hipnose, deste modo:

"Vosso cérebro é maior que o nosso, mas nós não o usamos todo: o espaço que vós não utilizais é usado por nós. Nós os criamos assim de propósito e em vosso DNA existe tanto o DNA nosso quanto o dos Sauroides. É por isto que somos bastante compatíveis"

Durante a hipnose regressiva emergiam, no entanto, tanto um ambiente sauroide quanto insetoide, e também relatos de várias espessuras.

Perguntei-me, no início, o que teria sucedido se um abduzido utilizado para o *backup* tivesse sofrido um acidente e morresse de repente: os alienígenas teriam perdido milhares de anos de informação e com elas, também um deles. Não podiam se permitir isso.

O que teríamos feito nós no lugar deles?

Aquilo que era óbvio fazer: uma cópia do cérebro do abduzido. No entanto, para conservá-lo em plena eficiência, teríamos que ter copiado todo o corpo.

O corpo não serve para muito, mas é necessário para manter em vida o cérebro, com seu precioso conteúdo de informação de vida alienígena.

Durante a hipnose regressiva aparecia, às vezes, a descrição da "sala da ressonância", da "sala das matrioskas", da "sala do cilindro metálico", todas definições adotadas por vários abduzidos para descrever a mesma situação, ou seja, o fato de serem introduzidos num cilindro metálico do qual, através de uma espécie de vigia (olho de boi) lateral, podiam assistir à formação, em tempo real, de um corpo idêntico ao próprio dentro de outro cilindro, transparente e vertical, posto no mesmo local: uma verdadeira "fotocópia" do abduzido, compreendidas todas as informações contidas em seu cérebro.

A pessoa envolvida, diante de semelhante visão, perdia a própria identidade e tinha frequentes crises psicológicas bastante difíceis de suportar.

Parecia evidente que um dos dois corpos era conservado, por assim dizer, "na geladeira" dos alienígenas num lugar seguro e representava o *backup* de reserva, enquanto o outro era devolvido ao seu habitat natural.

Estas operações eram realizadas todas em ambiente subterrâneo terrestre! (as respostas à minha disposição sobre os motivos pelos quais isso acontece são exaustivas, mas não é o caso de tratá-lo aqui).

A pergunta mais importante, a este ponto das investigações, era: "O que é que trazem de volta, a cópia ou o original?"

Nós teríamos conservado o original. E os alienígenas?

As memórias da cópia e do original eram evidentemente idênticas em tudo e por tudo e não havia maneira de descobrir uma diferença que pudesse indicar a solução do problema. Parecia, no entanto, que os alienígenas tivessem um ponto fraco em seu procedimento: o cilindro onde introduziam o pobre infeliz era (nas primeiras descrições) horizontal, enquanto aquele onde se formava a cópia era vertical, portanto se o abduzido sob hipnose recordasse ter saído pelo cilindro vertical, tratava-se da cópia. O abduzido parecia recordar ter saído por um cilindro por onde não tinha entrado, então aparentava ser uma cópia!

Era um erro, de fato, descobri que existiam quatro salas de cilindros, cada uma com um preciso objetivo, mas em hipnose algumas memórias se confundiam ou se sobrepunham; seguidamente veremos por quê.

Na realidade voltava sempre o original, como hipnoses mais profundas fizeram claramente compreender depois.

****QUARTO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA****

Durante a fase de cópia do corpo do abduzido praticada pelos alienígenas acontecia algo muito estranho.

O abduzido descrevia uma sensação, uma espécie de vibração que percorria seu corpo; havia muita luz no cilindro de metal e depois algo se separava e vibrava no ar.

Neste ponto o abduzido descrevia a cena desde o alto e via ambos os cilindros, aquele de metal e outro transparente, mas os dois verticais, com seu original no primeiro e alguma outra coisa no segundo.

O que era esta terceira posição visual?

À primeira vista parecia impossível, ainda sem entrar em inúteis detalhes de atendibilidade e confiabilidade das técnicas hipnóticas, quando sejam realizadas com maestria.

Por isso a necessidade de desenvolver um conjunto de perguntas de controle, para entender quem estava na realidade respondendo:

- O alienígena com sua memória?
- A cópia?
- O original?
- Uma das memórias dos *carrier*?

O conjunto de perguntas era composto por estas muito simples, do tipo:

- Como te chamas?

- Quantos anos tens?
- Que dia é?
- Olha as tuas mãos e descreve-as!

Mas as respostas eram terrificantes!

Pergunta: "Estás olhando para baixo?"

Resposta: "... Não."

Pergunta: "Então, como fazes para ver o que acontece debaixo de ti?"

Resposta: "... Não estou olhando para baixo, vejo simultaneamente por todos os lados..."

Pergunta: "Olha as tuas mãos"

Resposta: "... Não vejo as mãos"

Pergunta: "Olha o teu corpo"

Resposta: "Não tenho corpo." (perplexidade)

Pergunta: "Como te chamas?"

Resposta: "Nós não temos nome..."

Pergunta: "Quantos anos tens?"

Resposta: "O... que significa?"

Pergunta: "Há quanto tempo existes?"

Resposta: "... Desde sempre ... "

Emergia assim, a existência de seres que se definiam "matriz de pontos de luz", que viviam "entre um tempo e o outro" e que se autodefiniam como a Alma dos seres humanos! Aquela coisa que, possuindo-a, confere a VIDA ETERNA!

Já percebi!: justamente aquela que buscavam os alienígenas... Agora tudo estava claro.

O atento análise destes eventos me fez compreender, no arco de cerca de um ano, que os alienígenas tentavam capturar nossa matriz de pontos de luz e tratavam de utilizá-la para seus próprios fins.

TREMENDO! Mas, por fortuna, parecia também, pelo menos numa primeira análise, que não o logravam, de forma "estável" ou "por um longo período", por causa de uma incompatibilidade de tipo biogenético entre eles e nossa Alma. A Alma era perfeitamente consciente destas tentativas e não lhe agradava para nada, mas não podia, ou não queria, fazer nada para impedi-las.

Durante a hipnose emergia a descrição de estranhos campos de força, que transportavam a Alma dentro de um corpo alienígena, mas a união durava um tempo brevíssimo, depois se produzia a separação total e irreversível, com relativa frustração do alienígena que não havia

logrado, uma vez mais, conectar-se permanentemente com a matriz de pontos de luz, transformando-se num todo com ela.

Em nosso DNA existe, de fato, algo que nos faz compatíveis com nossa Alma, como asseveram, interrogadas a tal propósito, as mentes alienígenas inseridas nos cérebros dos abduzidos: no fundo só se trata de perguntar às mentes alienígenas, ativadas mediante a correta *password*, os conteúdos de suas memórias.

É como olhar, sem deixar-se ver, entre os papéis secretos dos alienígenas.

A compatibilidade do nosso DNA com a Alma esclarece por que os alienígenas estão tratando, com experimentações biogenéticas, de modificar seu DNA tornando-o similar ao nosso, ou seja, compatível com aquilo que comumente vem chamado "Alma".

A Alma, ao ser interrogada sobre como era tudo isto, foi claríssima: os abduzidos, além de outros requisitos, têm Alma, que outros seres humanos não possuem.

Além disso, "essa coisa", não a têm todos os seres humanos, mas apenas uma minoria deles! (aprox. 20/25%)

Finalmente se descobria que a Alma, uma vez extraída do original, ao não ser compatível com o corpo dos alienígenas, era instalada por poucos segundos na cópia do abduzido dentro do cilindro vertical e depois devolvida ao corpo original, o único verdadeiramente compatível durante longo tempo.

Portanto, o abduzido não era despojado, senão por poucos instantes e de vez em quando, de sua essência anímica.

"A Alma não se pode copiar", dizem as matrizes de pontos de luz interrogadas por mim em hipnose.

"Os alienígenas sabem disso e é por isto que tentam usar as vossas, mas têm que modificar seu DNA, se quiserem conectá-las para sempre em seus corpos"

É por isto que os alienígenas fazem experimentos genéticos sobre a raça humana: apenas para criar uma raça "ponte" entre nós e eles, uma raça que possua aquela parte do DNA conectável à Alma humana.

Nesse ponto, e só então, poderão arrebatam as Almas aos habitantes deste planeta, e talvez de outros planetas, e se apossarão delas para sempre.

Este é o verdadeiro conteúdo do plano alienígena.

Todos os abduzidos diziam as mesmas, idênticas coisas, todos sem nenhuma exceção!

A este ponto se podia começar a dizer a eles a verdade.

Este era o segredo da Árvore da Vida, da Kabbalah hebraica, da construção da cópia dos Faraós egípcios, do Kundalini hindu e da busca do assim chamado Santo Graal, perpetuada por tantas seitas mais ou menos secretas.

Tudo se tornava muito simples: algo, no interior do nosso DNA, era a sede da vida eterna e os alienígenas, desejosos de alcançá-la, a buscavam em nós, que não sabíamos nem mesmo que algo do gênero pudesse existir.

A Árvore da Vida do mítico Paraíso Terrestre, simbolizada em muitos glifos esculpidos nos campos de grãos ingleses: isto é o que buscavam os alienígenas em alguns, e apenas em alguns de nós!

****QUINTO NÍVEL DE INTERFERÊNCIA ALIENÍGENA****

Faltava ainda um elo à corrente: os antigos Egípcios descreviam a existência do Corpo físico, da Mente e da Alma, mas também do Espírito.

Não se sabia do que se tratava.

Para ser breve, evitando complicações inúteis, da mente dos abduzidos emergiam, sob hipnose, vestígios de memórias de vidas de seres alienígenas completamente diferentes de nós: Seres de Luz, de natureza diferente, seres que, embora muito longevos, eram mortais porque, pelo que se soube, em tudo o que é criado apenas o Criador e uma parte dos seres humanos possuem a Alma.

Estes Seres de Luz são, provavelmente, aqueles que nossa cultura mitológica define como "espíritos imortais" e controlariam os alienígenas responsáveis pelo fenômeno dos sequestros, os quais, por sua vez, controlariam os Grises "cyborg" que controlam a humanidade inteira.

Os Seres de Luz resultavam estruturas decididamente similares àquilo que chamaremos de "Espírito" e que, como veremos melhor a seguir, se diferenciariam substancialmente daquilo que, em seu lugar, eu defino como Alma.

Emerge a existência de diferentes tipos de seres humanos:

1. Corpo com Mente.
2. Corpo com Mente e Alma.
3. Corpo com Mente e Espírito, sem Alma.
4. Corpo com Mente, Espírito e Alma.

Tornam-se assim compreensíveis certos fenômenos que a Igreja descreve como "possessões diabólicas", as quais teriam lugar quando a uma pessoa não lhe agrada a presença dentro de si de um "Ser de Luz" parasita e negativo.

Tínhamos acaso a ver com entidades mais positivas em simbiose com a Alma de quem a possui?

O Ser de Luz preferiria talvez deter-se nos corpos de pessoas dotadas de Alma, porque dessa maneira podia, por assim dizer, aproveitar a "energia" da Alma e não envelhecer, sendo a matriz de pontos de luz privada de dimensão temporal, e portanto eterna?

Sim, era justamente assim!

Todos estes seres querem possuir a Alma, porque são todos eles mortais e todos vêm buscá-la ao único lugar do Universo onde, segundo parece e talvez por erro, ela existe.²

Tinha uma clara chave de leitura que parecia explicar tudo e era a primeira vez em absoluto na história do estudo destas fenomenologias.

Esta explicação tinha o mérito de pôr de acordo a física, a metafísica, o esoterismo e a história do nosso planeta.

² *Embora caiba considerar seriamente a eventualidade de que o "erro" sejam eles. (Nota do E.)*

****SALAS E CILINDROS****

No início da investigação fui "tirado fora da rota" várias vezes, dado que os abduzidos postos em hipnose profunda recordavam sempre uma sala com cilindros, na qual vinham manipulados os seres humanos. A confusão nascia pelo fato de que quem está em estado hipnótico tende a relacionar partes de memórias que às vezes não são perfeitamente sequenciais, simplesmente porque alguns componentes da memória são comuns. Se, por exemplo, um abduzido é levado uma vez a uma sala com dois cilindros verticais e outra vez sofre uma *abduction* na qual é levado a uma sala com um cilindro vertical e um horizontal, é possível que as duas memórias se misturem, criando confusão e limitando a possibilidade de reconstruir o ocorrido na complexidade espaço-temporal.

Foi possível resolver o problema apenas graças ao elevado número de testemunhos, que permitiu corrigir de vez em quando o tiro e compreender também alguns aspectos contrapostos, mas apenas na aparência, do vivido, revivificados em hipnose.

****AS SALAS****

No estado atual de conhecimentos, pode-se afirmar que existem quatro salas de cilindros, diferentes em forma e materiais, que servem para efetuar quatro operações distintas.

****1.- Sala com dois cilindros verticais transparentes e um ao lado do outro.****

Estes cilindros estão conectados, na parte superior, com algo que se assemelha a tubos. Esta é a sala de formação da cópia do abduzido. Num cilindro vertical e transparente é colocado o original, enquanto que no segundo cilindro está contido o material informe. Ao final do

procedimento, também no segundo existe um ser humano, idêntico ao primeiro, salvo pela ausência de anéis, piercings e de outros particulares inorgânicos, os quais aparentam não ser copiados. Neste contexto, a Consciência do original passa para o cilindro da cópia e se detém uns segundos. Logo volta ao cilindro que contém o original.

****2.- Sala com diversos pares de cilindros, um transparente vertical e o outro metálico horizontal.****

Neste último cilindro, entra-se desde uma extremidade, como num aparelho de TAC. Os dois cilindros vão colocados um ao lado do outro. O abduzido (em original) é colocado no cilindro horizontal, enquanto que no vertical há um alienígena do qual o tipo pode variar: do Sauroide ao *Orange*, etc. O aparelho serve para transportar a memória do alienígena ao cérebro do abduzido. Na realidade, aquilo que é copiado e transportado no abduzido são o Espírito e a Mente do alienígena, enquanto o Corpo deste último fica vazio em seu cilindro. Um detalhe interessante é que os dois cilindros estão fixos ao solo e parecem conectados através de tubos que percorrem o trajeto sob o piso. Nesta sala é de fato criada, na Mente do abduzido, a MAA, ou seja, *Memória Alienígena Ativa*, que será descrita mais adiante.

****3.- Sala com alguns pares de cilindros, dispostos como na precedente.****

Neste caso, os cilindros verticais estão sobre rodas e podem ser, portanto, transportados a outro lugar. Em particular, enquanto que no cilindro vertical se entra sempre desde o alto, no horizontal e transparente (chamado às vezes "banheira") entra-se por deslizamento horizontal, como se se tratasse de uma gaveta. Quem está dentro dos cilindros, seja o vertical seja o outro, está imerso num líquido com características elétricas muito especiais. Alguns o descrevem como uma espécie de supercondutor líquido feito de milhões de contatos elétricos. O cilindro horizontal contém sempre o original do abduzido enquanto que no vertical está contida a cópia. Esta última é retirada de um "arquivo de cópias" e é levada à sala movendo, sobre rodas, o cilindro que a contém.

Esta é a sala do *backup* (BU) da memória da cópia e também é aquela onde a Alma é retirada, junto com a Mente e o Espírito do abduzido original, e é introduzida na cópia (colocada no cilindro vertical) para reavivar as potencialidades. Trata-se de uma espécie de descarga de corrente elétrica que recarrega as "baterias" da cópia, a qual, assim, pode viver por um período mais longo sem se desagregar.

****4.- Sala com dois cilindros verticais, compostos de materiais diferentes.****

No primeiro cilindro, mais pequeno e transparente, é colocado um exemplar de uma espécie alienígena, enquanto que no segundo cilindro, mais grosso e composto de materiais não transparentes, de cor preta e da aparência metálica, é introduzido, através de uma abertura lateral, um abduzido em versão original. Este último grande cilindro aparenta estar circundado de fumos brancos, que rememoram um resfriamento produzido por hélio líquido. O abduzido, uma vez introduzido no cilindro opaco, começa a perceber uma forte pressão no plexo solar, em concomitância com uma forte sensação de vibração em todo o corpo, a qual também provém do plexo solar. Trata-se de um efeito devido à rápida colocação em rotação das paredes do cilindro metálico, que aumenta de velocidade com o tempo, até alcançar o máximo. Os abduzidos recordam que a maquinaria produz um forte ruído. Alcançada a velocidade (frequência) correta, a Alma do abduzido se desprende por si

só, e é direcionada para o outro cilindro, onde está o alienígena, mediante um método ainda não identificado (campo de força?). A Alma, assim, entra no corpo do alienígena, sozinha, sem Espírito nem Mente, e o regenera para dar-lhe a possibilidade de viver mais tempo. Ao final da operação, que além disso dura muito pouco, a Alma volta ao abduzido, onde o cilindro no qual está depositado deixa de rodar lentamente. Daí que o abduzido é extraído num estado de confusão e cansaço extremos.

****5.-**** Existe, de fato, uma quinta sala de cilindros, dita **nursery**, onde pequenos seres vivos antropomorfos completam sua gestação uma vez extraídos do útero da portadora terrestre, depois de um período de gestação de aproximadamente três meses. Esta sala está caracterizada pela presença de muitos cilindros, dentro dos quais os alienígenas de diferente tipo são reagrupados e selecionados. Também o líquido que os contém é de cor diferente segundo o tipo de alienígena contido. Tais cilindros não são verticais, se não levemente inclinados sobre um lado e são decididamente mais pequenos que aqueles que contêm os adultos.

Os corpos contidos no interior estão conectados a finos cabos, sondas ou outros e monitorados continuamente.

Emerge assim que mulheres terrestres resultam utilizadas como gestantes de um óvulo alienígena nelas implantado e que, depois de três meses de gestação, este é transferido, para seu desenvolvimento final, para dentro de um útero artificial: o cilindro inclinado. Recentemente um médico inglês comunicou ter posto a ponto um cilindro similar para objetivos análogos: quem sabe de onde terá tirado esta bela ideia!

****OS CILINDROS****

Durante o estudo dos fenômenos de **abduction** recebi muitas descrições de locais de tipo tecnológico, onde os alienígenas, às vezes sozinhos, às vezes acompanhados por militares terrestres, conduziam os abduzidos.

Nestes lugares aconteciam coisas estranhas, que no início não se lograva nem mesmo descrever em forma precisa, porque os abduzidos contavam de modo confuso os detalhes dos lugares.

Obviamente existia uma razão para tal confusão, melhor dizendo, mais motivações empurravam o abduzido a dar uma descrição muito confusa deste e de outros ambientes. A primeira causa era o fato de que o abduzido, geralmente, era introduzido no local num estado de percepção fortemente alterada, quase como se estivesse drogada. Em hipnose, portanto, o abduzido descrevia as coisas como as havia percebido, ou seja, de modo distorcido.

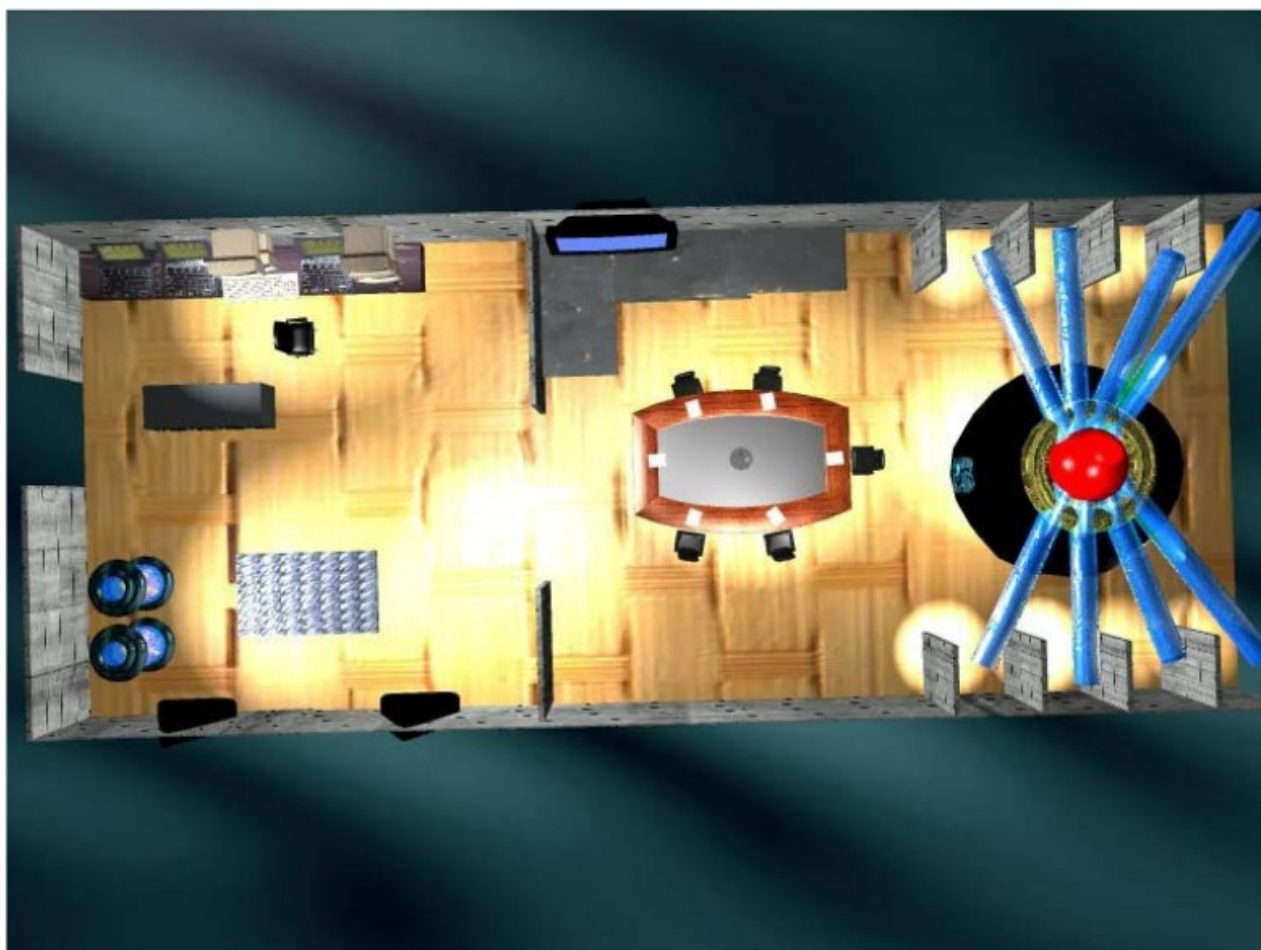
Uma segunda causa de forte alteração das memórias era o **chunking** das memórias em si. **Chunking** é um termo tomado de empréstimo da Programação Neurolinguística e significa corte brusco. O abduzido, às vezes, cortava bruscamente o "filme" que continha uma memória do vivido, e o conectava a outro pedaço de "filme" que continha uma

memória análoga do vivido, relativa a um episódio diferente, mas caracterizado de eventos similares ou talvez iguais. Uma vez reunidas as duas partes (*quenching*) num único filme final, alguns detalhes resultavam idênticos antes e depois da "união", enquanto outros eram caracterizados por um pedaço e não pelo outro: duas experiências similares para um só filme de memórias. Das reconstruções hipnóticas resultava claro que o abduzido terminava várias vezes, no curso de sua vida, na assim chamada "sala dos cilindros" e esta era, portanto, descrita de modo confuso também por este motivo.

Existiam, depois, diferentes salas de cilindros, nas quais o abduzido era submetido a procedimentos diversos e também por este motivo a confusão resultava grande. Finalmente havia ainda um último, sério motivo que levava o abduzido a ver o ambiente de modo diferente ao real, de fato, ele tinha essencialmente três pontos de vista do lugar: um correspondente à descrição devida à percepção normal, outro, produto da característica da Alma ao estar desprendida do corpo, e por último, um terceiro, aquele que pertence ao corpo alienígena dentro do qual a Alma do abduzido era introduzida para regenerá-lo. Até existia um quarto ponto de vista, o da cópia do abduzido posicionada de maneira diferente aos outros três.

Quase simultaneamente, a memória do abduzido guardava dados relativos a mais de um ponto de vista, todos dotados de diferentes percepções da realidade. A Alma descrevia as coisas desde o alto, enquanto que o abduzido estava no cilindro ou fora, sua cópia estava noutro contentor e noutro estava o alienígena que esperava sua regeneração ou o *backup* de sua memória. Também há que ter em conta que o alienígena tem um aparelho visual distinto do nosso e vê as coisas de maneira diferente, com cores que não são para nada aquelas para nós habituais. Alguns alienígenas, além disso, como por exemplo o Insetoide, possuem um aparelho visual que parece funcionar mais como um detetor a cores de raios ultravioletas ou x, do que como um visor para nós normal. Às vezes o sujeito vê a sala em amarelo e preto, como se não pudesse ver nem vermelho nem azul-violeta. O que faz pensar numa vista monocromática (talvez isto valha para o Mantídeo). Outras vezes o ambiente é descrito utilizando apenas os tons de cinza (visão em preto e branco). Parece, no entanto, que a memória em preto e branco possa ser reproduzida pelo isolamento, durante a ativação da memória, daquela parte do cérebro que está anteposta à emotividade, o que impede também a percepção das cores. Algumas vezes o abduzido descreve sem emotividade cenas terríveis vistas durante a *abduction*, mas sabe-se que não é possível em relação a uma experiência realmente vivida: é possível descrever sem emoção apenas experiências não vividas realmente. Na realidade estão presentes outros canais sinestésicos que atestam a realidade da experiência, portanto se deve imputar a falta de cor nas cenas a algum tipo de manipulação que o alienígena produz no córtex cerebral do abduzido, para fazer-lhe viver a experiência sem *stress*: praticamente o alienígena "desconecta os contatos", descerebrando localmente o abduzido. Se a descerebração não é total, mas envolve a zona do cérebro destinada à percepção da cor, o resultado é a visão em preto e branco. Na realidade estes casos são bastante raros, mas de qualquer maneira é interessante para explicar a anômala capacidade de percepção do abduzido, poder hipnotizar uma motivação de tipo fisiológico. A descerebração não parece para nada provocada pelo desejo, da parte do alienígena, de não fazer sofrer o abduzido, senão pela necessidade de evitar que o organismo sofra traumas neurovegetativos tais a fazê-lo secretar endorfinas capazes de

obstaculizar a continuação dos objetivos da mesma *abduction*. O abduzido, assustado mas sobretudo irritado na primeira fase da *abduction*, tenderia a não seguir as ordens mentais dos alienígenas. Como fazer, então, para obter uma descrição suficientemente precisa das "salas dos cilindros"? *Simples!* Basta fazer-se contar como são feitas estas salas por duzentas pessoas diferentes e tomar nota apenas dos detalhes iguais. Trata-se de aplicar, às memórias dos abduzidos, uma técnica de cancelamento de ruído utilizada nas telecomunicações. Cada memória representa uma medida (ou amostra) e todas as medidas efetuadas vêm sobrepostas umas com as outras, reforçando deste modo aquelas iguais e atenuando aquelas diferentes. Assim, depois de anos de trabalho, torna-se possível produzir uma imagem bastante confiável de uma primeira "sala de cilindros". Como se viu, as salas dos cilindros são quatro e todas distintas umas das outras, mas há duas que parecem contíguas. Aqui estão vistas de cima:



As imagens das "salas dos cilindros" foram obtidas utilizando uma planimetria de base desenhada por um abduzido que, de profissão, é geômetra e está acostumado a fazer planimetrias consideráveis simplesmente observando os ambientes. Confrontando as suas com as descrições dos outros abduzidos, foi possível reconstruir parcialmente também o mobiliário.

****Certamente as cores de certos materiais não são exatas e não foram reproduzidas com a justa reflexão, além disso há ainda incertezas em muitos detalhes, mas é desejável que estas imagens ajudem os abduzidos a fazer reconstruções mais adequadas.****



****A primeira "sala dos cilindros"****

Será chamada de "primeira sala dos cilindros" aquela à qual se acede sempre em primeiro lugar.

Nela estão presentes dois cilindros de material transparente postos em forma vertical sobre a direita de quem entra, diante de uma mesa metálica com a superfície áspera.

A mesa poderia ser também um contentor horizontal posto de frente aos dois cilindros verticais (este detalhe ainda não está totalmente claro). Sobre a esquerda de quem entra há uma "zona-computador", ou de qualquer maneira algo que se assemelha a computadores. Há além disso um móvel que parece um catalogador de escritório e uma cadeira. As paredes parecem feitas de cimento.

Podem-se fazer rapidamente algumas considerações interessantes:

- a) Se há uma cadeira, existe também um humanoide que se senta nela.
- b) A ideia de pôr a cadeira na zona-computador é correta e confirma a presença de máquinas que devem ser monitoradas por um operador humanoide.

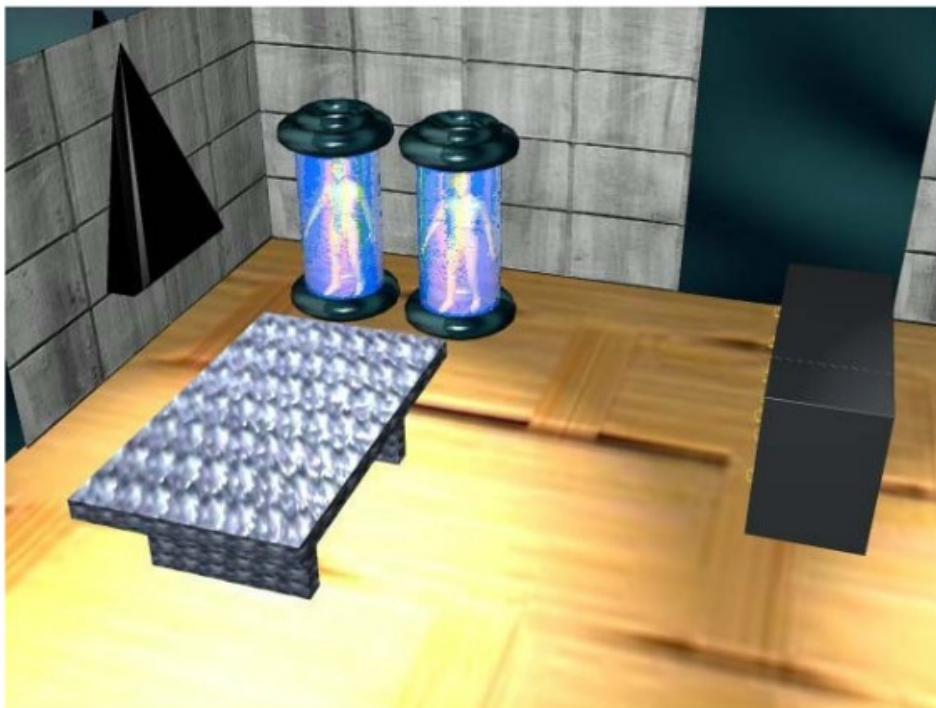
- c) A presença de dois cilindros verticais é descrita durante a realização da cópia do abduzido e, de fato, pelas descrições evidencia-se que primeiro é realizada a cópia e depois se libera a Alma na segunda sala, utilizando um aparelho diferente.
- d) A presença de paredes de cimento armado indica que a sala não está numa máquina voadora, mas muito provavelmente numa instalação subterrânea, como resulta unanimemente afirmado pelos abduzidos.



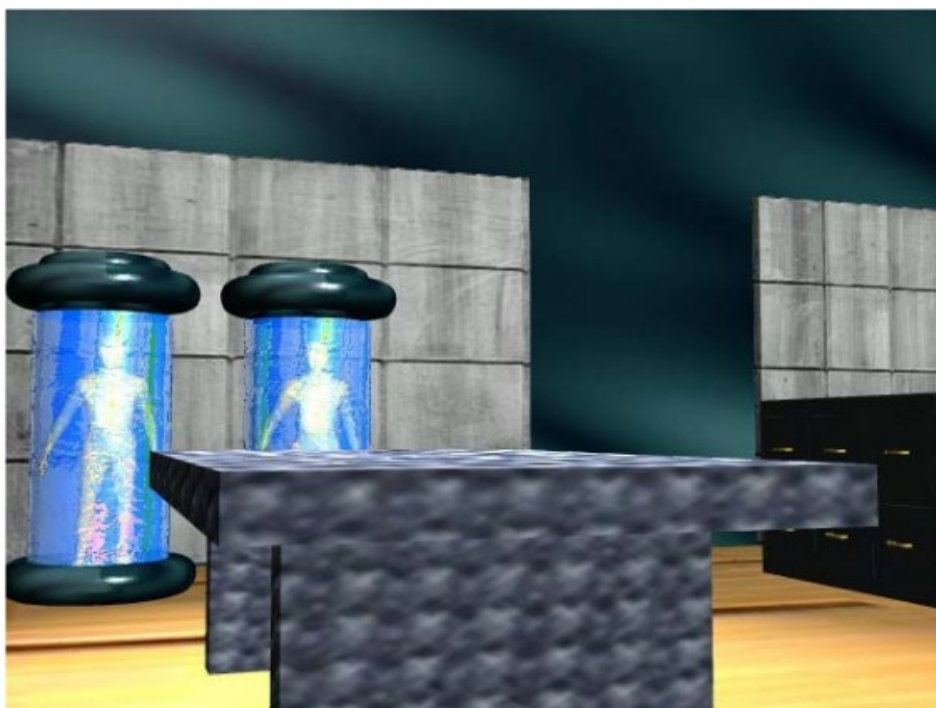
****A "zona-computador" da primeira "sala de cilindros"****

Segundo parece, a "zona-computador" contém os consoles de controle das operações que se realizam nos dois cilindros. Na reconstrução faltam detalhes dos quais não se pode ainda estar seguros, como a provável presença de dois grossos tubos que começam na tampa dos cilindros e terminam no muro de cimento armado.

À direita de quem entra, na parede perpendicular àquela onde estão os cilindros transparentes, há estranhas janelas pretas, triangulares, com os contornos biselados, que não se sabe na realidade o que sejam. Os dois cilindros transparentes estão cheios de um líquido azulado/amarelo-esverdeado (trata-se talvez de fenômenos de iridescência, ou então pela diferente percepção da qual se falava anteriormente).



Dentro dos cilindros encontram-se dois seres que parecem ser o original e a cópia da pessoa abduzida.



****Parece que o original é introduzido no cilindro mais próximo da aresta entre os muros.****

****Parece, também, que nestes cilindros, cheios de líquido gelatinoso e frio no qual é possível respirar, se deva ser colocado dentro desde o alto: a introdução do abduzido geralmente compete a um alienígena sauroide.****

****A mesa metálica poderia ser, em vez disso, a "banheira" (alguns a chamam de "maca") onde é introduzido o original quando se deve efetuar o *backup* das memórias e transferir a Alma do abduzido para sua cópia por um instante, com o fim de re-dar-lhe vida.****

****Trata-se de uma estrutura que, por fora, parece um paralelepípedo e se abre de lado; no interior está o usual líquido estranho.****

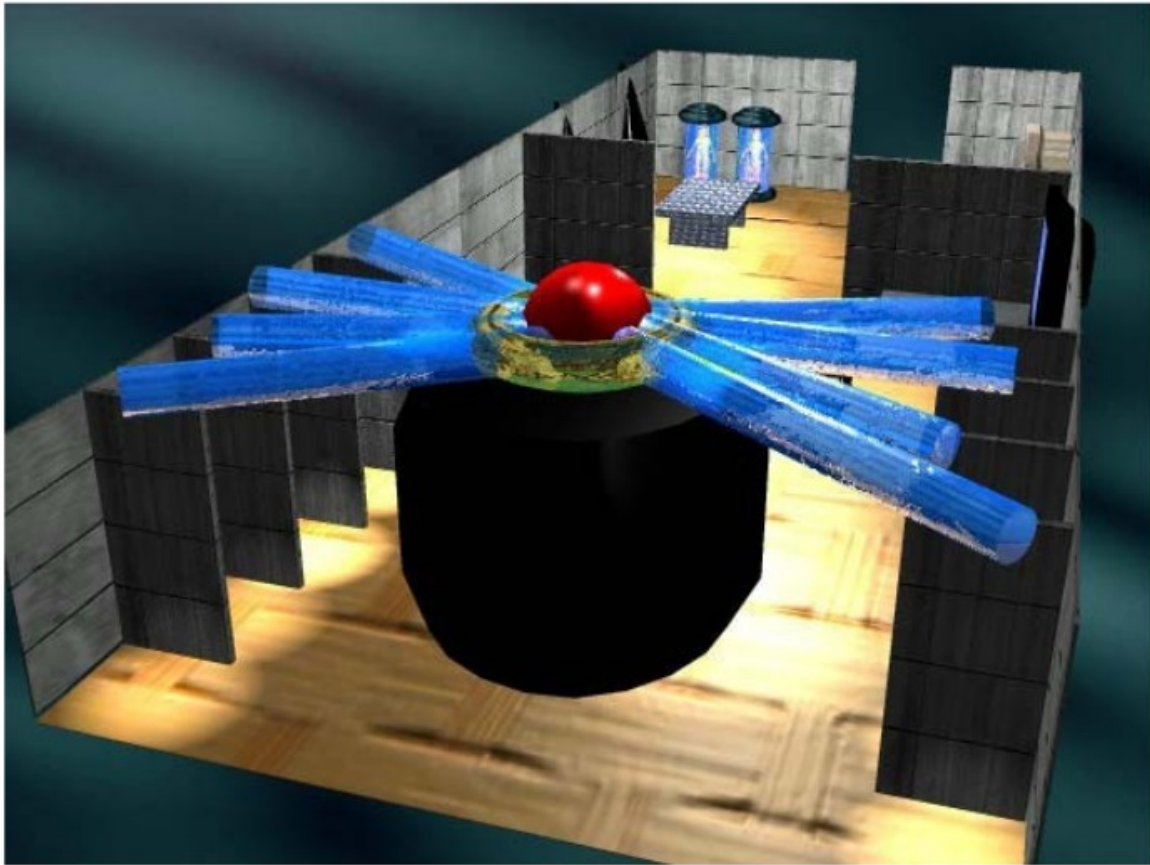


****Desde a primeira sala se acede à segunda, caracterizada pela presença de uma grande mesa, dita "das conferências". Na reconstrução foram postas as cadeiras, mas na descrição original não estavam. O arco que comunica as duas salas é amplo e não tem porta. A segunda sala está subdividida em duas partes, separadas por outro arco sem portas similar ao anterior que permite a comunicação: praticamente é como se as salas fossem três. Na terceira sala é bem visível um segundo cilindro, muito mais baixo e grosso que os da primeira sala. Este cilindro tem uma abertura onde é introduzido o abduzido que já foi "copiado". Às vezes é descrita uma névoa ao redor deste cilindro e há motivos para considerar que esta possa ser gerada pela condensação provocada pela presença de um gás líquido muito frio, como hélio ou nitrogênio.****

****O abduzido é introduzido no cilindro preto translúcido e, depois que a entrada tenha sido fechada, se encontra na obscuridade absoluta. Ele não sabe o que está acontecendo, mas sente uma forte vibração. As paredes do grande cilindro começam a rodar (apenas a parte interna), até alcançar gradualmente uma alta velocidade. Neste ponto a vibração se torna ainda mais forte e o abduzido sente uma grande pressão no plexo solar. Nesse momento se desprende sua Alma, a qual, através de um dos tubos no alto do cilindro, termina no outro cilindro, similar àqueles postos na entrada da primeira sala, ao interno do qual, em vez disso, nesta oportunidade se encontra o alienígena que deve ser regenerado.****



O painel de controle fica na sala do meio.



Nos muros aos lados do aparelho que inclui o grande cilindro podem-se observar vários "boxes" vazios, que fazem recordar aqueles das garrafas de alta pressão.

Nestes "boxes" não há nada, porque, quando é necessário, neles são colocados os cilindros com rodas, evidentemente conservados noutro lugar, que contêm os corpos dos alienígenas a regenerar.

Também neste caso se podem fazer algumas observações interessantes:

a) É lógico que os "boxes" estejam vazios e que se fale de cilindros com rodas.

b) É lógico que as dimensões dos arcos entre o primeiro local e o segundo e entre o segundo e o terceiro sejam amplas, para permitir a passagem dos cilindros com rodas, assim como é lógico que a primeira porta, a de entrada, seja bastante larga.

c) É lógico admitir que, se o grande cilindro contém uma espécie de grande supercondutor magnético, este tenha que ser resfriado com hélio líquido para poder funcionar corretamente, como um normal aparelho de ressonância magnética nuclear.

d) É lógico que o grande cilindro deva girar sobre seu eixo para sincronizar o campo magnético rotatório como acontece nos aparelhos NMR (*Nuclear Magnetic Resonance*) ou nos EPR (*Electron Proton Resonance*).

e) É lógico que o abduzido no cilindro sinta frio, um frio intenso que, durante a hipnose, o leva a tremer enquanto revive esta passagem.

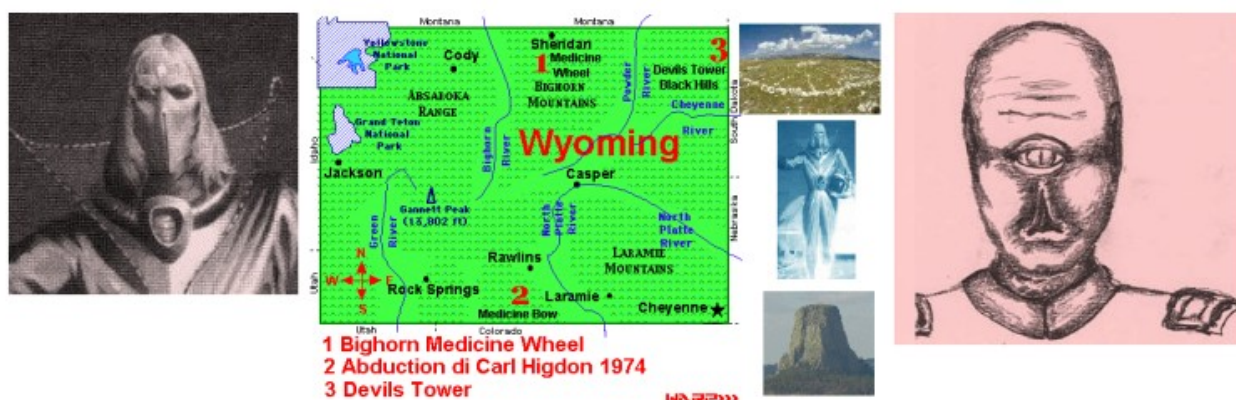
****Tudo isto não faz mais do que confirmar a hipótese da Teoria do SuperSpin que descreve como seja possível desprender a Alma do corpo humano apenas se fizer rodar (*spin*) em fase os eixos da Consciência e do Espaço pertencentes à Alma com os correspondentes eixos da Mente do sujeito abduzido, mas este aspecto será examinado melhor mais adiante.****

****TIPOS DE ALIENÍGENAS****

****As principais tipologias alienígenas descritas, em ambiente hipnótico, pelos abduzidos, estão expostas na tabela comparativa abaixo.****

****Pode-se notar que algumas dessas não são recordadas pelos abduzidos com grande frequência: trata-se de alienígenas que são descritos raramente e que não serão profundamente analisados neste contexto, já que não estão em contato direto com os abduzidos.****

****Às vezes eles são descritos como "Longe daqui, não residentes em nosso planeta", outras vezes resultam como vistos através de uma tela de televisão e outras pertencem às memórias e às informações das memórias alienígenas que são sondadas em hipnose, assim como normalmente se faz com a mente humana.****



****Note-se, por exemplo, como o estranho caso de Carl Higdon, em 1974, seja sobreponível à reconstrução, feita por um abduzido, do alienígena Monóculo, o qual corresponde na tabela abaixo, ao alienígena de tipo egípcio (o deus Hórus) descrito na primeira linha.****

****PRINCIPAIS TIPOLOGIAS CUJAS DESCRIÇÕES APARECEM EM HIPNOSE****

****MONÓCULO**** (Procedência desconhecida)

- ****Cor/pele:**** Enrugada, amarela azeitona
- ****Olhos:**** Um só, muito luminoso, saliente do crânio, com subpálpebra grossa
- ****Altura:**** Quatro metros
- ****Dedos:**** Nas mãos, três mais um oposto, similar a patas de pássaros
- ****Crânio:**** Calvo e redondo. Possui excrescência carnosa sob o queixo (apenas machos) que lembra barba de faraó egípcio
- ****Notas:**** Tem duas escápulas muito pronunciadas que lembram asas replegadas. Parece capaz de levitar.

****AGARTHIANOS**** (Procedência: Marte, antes de sua destruição)

- ****Cor/pele:**** Marrom azeitona
- ****Olhos:**** Pupilas em fenda
- ****Altura:**** Mais de quatro metros (talvez seis)
- ****Dedos:**** Seis
- ****Crânio:**** Abobado atrás, para cima; testa alta, sem cabelos
- ****Notas:**** Mandíbula pronunciada e dura. Largura do rosto maior que a do crânio.

****SAUROIDE DE ÓRION****

- ****Cor/pele:**** Enrugada, como de velho, aparentando escamas; úmida como a de anfíbio
- ****Olhos:**** Em fenda, do amarelo-esverdeado ao vermelho fogo segundo o humor; possui membrana nictitante (do interior para o exterior)
- ****Altura:**** Dois metros e oitenta centímetros (no mínimo)
- ****Dedos:**** Cinco, mais um esporão com unha; dedos palmados
- ****Crânio:**** Apresenta três expansões córneas; a central prossegue como coluna vertebral pronunciada de tipo sauroide, terminando em grossa cauda
- ****Notas:**** Maços do rosto muito pronunciadas, como focinho de lagarto. Na zona de tecido mole, vê-se linfa vermelha (escura ou viva).

****MANTÍDEO**** (Procede de ACO 117 – Rich cluster, binary)

- ****Cor/pele:**** Verde-marrom
 - ****Olhos:**** Escuros, alongados para trás e para cima, muito desenvolvidos
 - ****Altura:**** De dois a quatro metros, conforme postura (agachado ou ereto)
 - ****Dedos:**** Três, com aparente capacidade de preensão
 - ****Crânio:**** Quase triangular, com formato de mantídeo
- ****Notas:**** Membros inferiores tendem a ser semiflexionados; o "joelho" nunca ultrapassa a altura das costas. Membros superiores em posição de "prece".

****ORANGE**** (Procede das constelações de Touro ou Sirius)

- ****Cor/pele:**** Marrom azeitona; cabelos vermelho-mogno/alaranjados
 - ****Olhos:**** Pupila vertical
 - ****Altura:**** Dois metros a dois metros e vinte, conforme o sexo
 - ****Dedos:**** Cinco, longos e ossudos
 - ****Crânio:**** Alongado para trás, mais estreito que o humano, parecendo achatado lateralmente
- ****Notas:**** Seios frontais pronunciados, cartilagem nasal quase inexistente (dois pequenos orifícios), lábios finos. Vestem *overall* azul ajustado, com coturnos militares.

****NÓRDICO**** (Base nas Plêiades; originário de outra dimensão)

- ****Cor/pele:**** Clara, quase perlácea. O corpo visível é construído artificialmente (contentor)
 - ****Olhos:**** Pupila vertical
 - ****Altura:**** Dois metros e quarenta centímetros
 - ****Dedos:**** Seis; dedos sem diferenciação de comprimento como em humanos
 - ****Crânio:**** Mais semelhante ao humano
- ****Notas:**** Cabelos brancos, longos e ralos, com entradas altas. Vestem camisola branca não ajustada, com medalhão de símbolos triangulares. Corpos artificiais, todos aparentemente iguais.

****LAGARTO (LACERTA)**** (Procedem de Shaula, por eles chamada Berion)

- ****Cor/pele:**** Reptiloides antropomorfos com vestígio de cauda; pele com escamas iridescentes
- ****Olhos:**** Pupila vertical
- ****Altura:**** Similar à humana normal
- ****Dedos:**** Cinco, como humanos, mas com polegar ainda em forma de esporão
- ****Crânio:**** Tipo reptiloide, com excrescências ósseas formando fileiras de pontas nos braços e crânio
- ****Notas:**** Inimigos acérrimos dos Sauroides.

****SER DE LUZ**** (Procedência desconhecida)

- ****Cor/pele:**** Luminosa, iridescente, variando do vermelho ao amarelo
- ****Olhos:**** Não visíveis na luz
- ****Altura:**** Geralmente pequena
- ****Dedos:**** Não distinguíveis
- ****Crânio:**** Forma não distinguível na luz
- ****Notas:**** Seres dotados de Espírito e Mente, mas sem Alma.

****ANFÍBIO (RÃ)**** (Procedência desconhecida)

- ****Cor/pele:**** Branca, transparente, úmida
- ****Olhos:**** Claros, grandes e redondos
- ****Altura:**** Dois metros e quarenta centímetros, bem postado
- ****Dedos:**** Três, com pontas engrossadas como as de rã
- ****Crânio:**** Quadrado; no lugar de cabelos, pequenos tubos curtos. Pescoço curto, quase inexistente
- ****Notas:**** Indistinguíveis entre si, como clones. Vestem **mono** ou **overall** branco, ou jaqueta e calça que lembram divisas da SS alemã.

****OS OUTROS****

- ****Cor/pele:**** Branca, cabelos brancos (não loiros)
- ****Olhos:**** Tão claros que parecem brancos; pupila aparentemente redonda, com algo não identificado
- ****Altura:**** Indeterminada (sempre vistos atrás de tela, não se encontram aqui)

- ****Dedos:**** Cinco (?)
- ****Crânio:**** Quadrado
- ****Notas:**** Vestem branco, com espécie de camisola; possuem algo que parece barba muito espessa, como divindades mesopotâmicas.

****GRISES(Greys)**** (Muitas subespécies, conforme as raças que os utilizam)

- ****Cor/pele:**** Cinza ou marrom-amarelada
- ****Olhos:**** Grandes, cobertos por membrana protetora extraível
- ****Altura:**** Um metro e vinte
- ****Dedos:**** Três mais polegar oposto
- ****Crânio:**** Formato de pera ou lâmpada elétrica invertida; orelhas inexistentes
- ****Notas:**** Movimento ruidoso e frenético. Vestem **mono** ou **overall** falso, aparentemente colado ao corpo; parecem artificiais.

****AZUL**** (Procedente de Zeta Reticuli?)

- ****Cor/pele:**** Preta azulada devido aos reflexos da luz ambiente; na realidade, preta translúcida
- ****Olhos:**** Muito amendoados, com membrana negra escondendo a íris
- ****Altura:**** Um metro e cinquenta
- ****Dedos:**** Três mais polegar oposto
- ****Crânio:**** Desenvolvido para trás, focinho de inseto; boca pequena, nariz quase invisível; orelhas encaixadas
- ****Notas:**** Movem-se mais lentamente que os Grises e os comandam.

****ESCRAVO**** (Também chamado "Cabeça de coração")

- ****Cor/pele:**** Cinza enrugada, como a de elefantes
- ****Olhos:**** Amendoados, pupila redonda; bordos rugosos
- ****Altura:**** Um metro e cinquenta centímetros
- ****Dedos:**** Quatro mais um (?); dedos grossos e curtos
- ****Crânio:**** Desenvolvido para trás, levemente afundado no centro, não redondo
- ****Notas:**** Vestes longas; orelhas desenvolvidas na vertical; pescoço longo com tendões grossos. Segundo lendas indígenas, seria o **Elder** mencionado por Morning Sky.

****Nesta tabela é necessário notar que alguns identikit de alienígenas correspondem a espécies quase nunca descritas, como aqueles definidos "Os outros" ou então o "Monóculo" ou os "Agarthianos".****

****Este tratado não aborda o problema de uma eventual interferência alienígena neste planeta por parte deles, na medida em que, ao estado atual de nossos conhecimentos, é menos invasiva.****

****Alguns destes seres poderiam além disso corresponder a uma espécie sem corpo real, mas providos de corpo "falso": ser uma variante de "Seis dedos" na tabela, mais rara.****

****MENTES ALIENÍGENAS ATIVAS E PASSIVAS: A ÚLTIMA FRONTEIRA DAS ABDUÇÕES****

Existem diferentes modalidades de parasitagem, utilizadas pelos alienígenas segundo suas necessidades.

A mais simples está constituída pela utilização de uma parte do cérebro do abduzido para introduzir na mente deste último as memórias de uma vida alienígena, de modo a não perdê-las, numa espécie de pseudo-imortalidade do pensamento.

Diferente, em contrapartida, o proceder do Ser de Luz, que se engata principalmente no Espírito do abduzido e influencia o comportamento. Do estudo das gravações e registros das hipnoses parece emergir que o Ser de Luz seja o inventor das religiões e do sentimento de culpa, dois instrumentos que, juntamente com outros, não seria senão o mítico Lúcifer do Antigo Testamento. Esta figura arquetípica não tem que ser confundida com aquela de Satanás, o qual, em vez disso, tem que ser conectado à mítica figura de Astar (Astarotte), encarnada no Sauroide alienígena.

Nada a ver tampouco com o Diabo do Antigo Testamento. Este era aquele que guiava as tropas de anjos negros, entre os quais se devem incluir os primeiros dois alienígenas, o Ser Luminoso e o Sauroide.

A figura de comandante das tropas diabólicas corresponde ao alienígena branco com seis dedos.

Este ser resultaria viver numa zona do Universo dimensionalmente situada "atrás" da nossa, de modo que, enquanto o Universo se expande, a zona deste alienígena tende a retrair-se sobre si mesma, por razões que têm a ver, provavelmente, com a conservação da simetria total. Este ser, ou melhor, sua mente alienígena, está capacitada para estabelecer um contato com as mentes dos abduzidos e dirigi-los à distância, como se tratasse de marionetes. Seu objetivo final seria lograr passar de "este lado", antes que seu Universo se feche e, num segundo tempo, "passar a outro lugar", onde voltar a viver com a Alma, obviamente, seria a nossa, que nos seria arrancada à força durante a segunda passagem.

Estas são as informações recolhidas das hipnoses efetuadas. Podem parecer absurdas e incríveis, mas de fato não são assim.

O mencionado ser estaria, portanto, relacionado com aquele que habita no Inferno, sendo esse lugar a dimensão que o condena a morrer.

Este não se engata tanto ao Espírito, mas sobretudo à Mente do abduzido e utiliza seu cérebro para movê-lo à distância como um títere. Abduzidos com esta modalidade de parasitagem foram capazes, contra sua vontade, de trabalhar com transferências de ingentes somas de dinheiro, realizando um verdadeiro sistema de controle financeiro e militar que toma o nome de NWO, *New World Order*, Nova Ordem Mundial.

A organização NWO está ligada, de fato, às principais seitas maçônicas de poder oculto do mundo, as quais são desde sempre classificadas como prolongação da ação demoníaca clássica.

Neste caso nos encontramos de frente, portanto, não à simples presença de memórias passivas alienígenas (MAP), mas a verdadeiras e próprias vontades autônomas, classificáveis como Memórias Alienígenas Ativas (MAA).

Veremos como distinguir, em hipnose, estas duas modalidades de parasitagem e como enfrentá-las a nível de PNL (Programação Neurolinguística).

****IMPLICAÇÕES FINAIS****

O quadro aqui esboçado pela primeira vez desde que se tem memória possui o valor de explicar todos os eventos histórico-políticos dos últimos anos, além de todos aqueles fenômenos sobre os quais a ciência e a religião dão indicações decididamente confusas e permite reinterpretar, à luz destes dados, toda a história antiga, as antigas lendas e os antigos mitos; permite compreender qual seja a verdadeira natureza do ser humano e dá luz aos confusos tentativos passados de estabelecer a existência de entidades nunca bem definidas, as quais, desde o mundo do esoterismo mais profundo até os atuais fenômenos inexplicáveis da mente humana, pretendem ser reconhecidos definitivamente.

Do ponto de vista político, pode-se entender perfeitamente qual seja o papel das potências mundiais em gerir, sem que nós saibamos, o problema alienígena em nosso planeta, de fato, cada vez que, durante a hipnose, se encontra de frente à realização da cópia, isto se produz sempre num ambiente tecnológico subterrâneo, em presença tanto de Sauroides quanto de militares terrestres.

No caso dos abduzidos estudados por mim (todos italianos), os militares falavam, estranhamente, quase sempre em língua francesa, como escrevi em precedência.

As mentes alienígenas inseridas em seus cérebros descrevem um quadro político desconcertante, em perfeito acordo com aquela parte da ufologia moderna que toma o nome de Conspiracionismo, segundo a qual os alienígenas e nossos governantes, num certo momento de nossa história, acordaram um pacto, uma aliança, sem que disto tivesse conhecimento o inteiro planeta.

O quadro político descrito é o seguinte.

Quando, em 1947, logo após a queda de um ou mais UFO no deserto do Novo México, os Americanos teriam se dado conta de que existiam os alienígenas, alguns destes últimos teriam contatado o governo dos Estados Unidos, propondo um acordo que concernia a possibilidade de utilizar seres humanos com o objetivo não apenas reprodutivo, mas para extrair dos desafortunados aquela parte deles definível como Alma, que teria garantido aos alienígenas a vida eterna.

Os alienígenas de tipo Sauroide, em contrapartida, teriam entregado conhecimentos tecnológicos destinados a ser utilizados, naquele então e no futuro, apenas pelo estreito círculo daqueles que detêm o poder, juntamente com um bagaço de Almas que teriam servido a nossos "senhores" para conseguir a vida eterna.

Em outras palavras, o preço pela colaboração de nossos governantes vinha pago entregando-lhes Almas pertencentes à população que as possuíam: os Sauroides teriam, com o tempo, encontrado o método correto para retirar a Alma de quem a tivesse e para utilizá-la com o objetivo de alcançar a eternidade, entregando aos "senhores" da Terra algumas Almas em troca dos favores recebidos.

O procedimento de conexão permanente com a Alma, consentiria de não morrer mais verdadeiramente, mas de viver em eterno, perfeitamente conscientes, num corpo compatível que seria periodicamente "atualizado" ou que não se consumiria mais.

Segundo o acordo, enquanto isso, nossos governantes coniventes com os alienígenas sauroides teriam que fazer as coisas de modo que os terráqueos não se dessem conta de nada.

O único modo possível para administrar eternamente o poder sobre os humanos era torná-los como zumbis, começando por convencer a população, através do processo político que hoje é definido Globalização, de que todos têm que fazer instalar um microchip no crânio.

Os pretextos são múltiplos e críveis:

"Os microchips os ajudarão a sobreviver, porque dentro estarão todos os códigos pessoais, se lhes abrirão automaticamente todas as portas, poderão pagar sem ter que fazer o mínimo esforço e sem se arriscarem a ser roubados, nos hospitais terão imediatamente vossa história clínica e poderão prolongar (um pouco) vossa existência." E assim sucessivamente.

Naturalmente, sem o microchip não poderão sequer fazer uma operação bancária. Estarão "OUT", fora do mundo.

Obviamente não será declarado que o microchip em questão, sem que se deem conta, lhes dirá como e por quem votar, quando fazer amor, quando dormir, quando e o que sonhar.

As patentes destes microchips foram lamentavelmente já concedidas, todos os circuitos eletrônicos necessários estão num espaço de 2,5 x 2,5 milímetros e aí estão contidas as instruções necessárias para poder efetuar alterações na consciência humana, além disso o chip, uma vez inserido no corpo humano, se autoalimenta.

Entre as organizações que, em conivência com os Sauroides, querem transformar a Terra num imenso videogame, se encontram implicadas, com os próprios adeptos de máximo nível, diferentes sociedades secretas: desde o Grupo de Thule até a *Golden Dawn*, desde a Ordem dos Templários ao *Club of Rome* e os Rosacruzes.

São os que manejam os bancos, as fontes energéticas e um certo tipo de políticas sociais e religiosas: eles, utilizando serviços secretos e militares, produzirão o lento passar do homem do estado de livre àquele de escravo imbecil.

Tudo aquilo que desde anos vinha comunicado por alguns reveladores era, portanto, absolutamente certo.

Neste lugar não é possível aprofundar este argumento, que será tratado, à parte, a seguir.

Uma vez mais a conivência entre poderes religioso, político e econômico está produzindo um coquetel mortal para o ser humano, que se encontra em mãos não só dos alienígenas, mas também nas mãos dos próprios "senhores" corruptos e coniventes, aqueles que querem a Globalização a toda costa para poder continuar vivendo e comandando de maneira privilegiada, como no velho filme de ficção científica *Zardoz*. Mas as coisas estão ainda piores!

Na realidade em 1947 não é o ano onde tem origem o assim chamado "pacto perverso" entre alienígenas e terrestres: esse pacto existe desde sempre, pode-se dizer que nasce com o homem.

Em hipnose às vezes surgem relatos de como os Alienígenas contataram este ou aquele governo também antes do fatídico 1947.

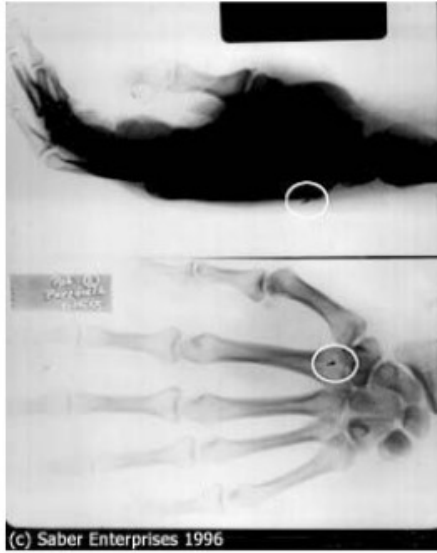
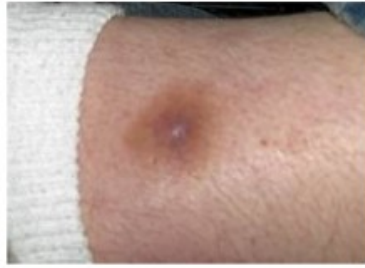
Poder-se-ia assim hipnotizar uma tentativa alienígena de encaminhar as políticas terrestres para situações confortáveis para eles: tráficos ilícitos, guerras inúteis e limpezas raciais seriam efetuadas porque convêm aos alienígenas e a algum governante nosso pouco escrupuloso em relação à população terrestre.

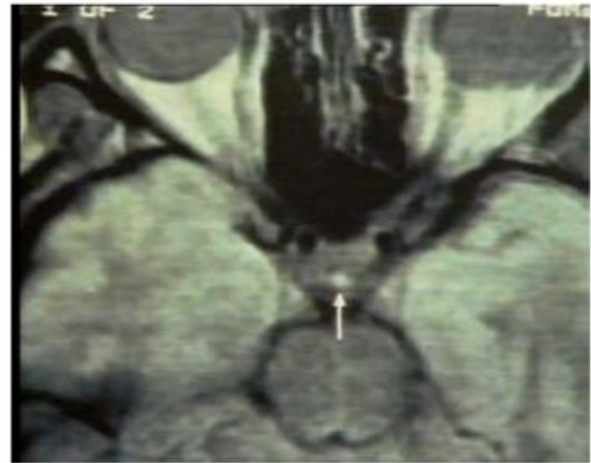
****AS CICATRIZES****

A psicossomática das interferências alienígenas estuda tanto a parte da psique, e isso é da Alma no sentido platônico do termo, quanto o *soma*, ou seja, o corpo, portanto, no que respeita a este último, é bom mostrar quais marcas facilmente atribuíveis a causas alienígenas são detectáveis no corpo dos abduzidos.

- ****Clássica cicatriz na tíbia****, geralmente a esquerda, a qual corresponde a uma pequena extração de tecido ósseo.
- ****Cicatriz frontal:**** Aparece geralmente durante a noite. Descobre-se diante do espelho na manhã seguinte.
- ****Outras cicatrizes resultantes de implantes e sua posterior extração.****
- ****Clássica cicatriz que aparece como um corte delgado e branco****, geralmente entre o indicador e o médio da mão direita. Associado à cicatriz, sente-se, ao tato, algo duro debaixo da pele, como se fosse um cisto. As radiografias mostram, em vez disso, um objeto estranho aparentemente metálico, que às vezes desaparece tal como apareceu.
- ****As cicatrizes nas costas são de dois tipos.**** A primeira é em direção vertical e está provavelmente associada à extração de medula espinal durante uma *abduction*. A segunda é em direção horizontal e de natureza desconhecida.







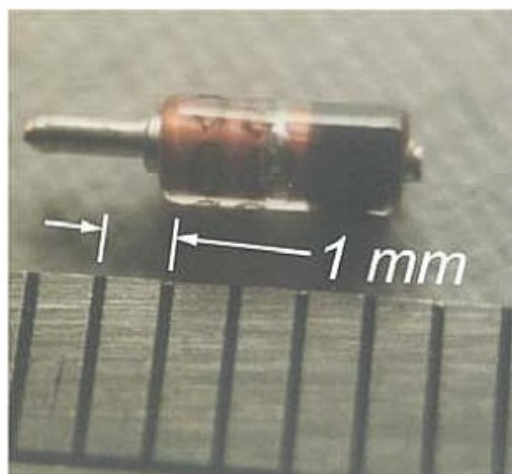
O implante na glândula pituitária é colocado através da fratura do osso esfenoidal direito, com consequente perda de sangue da cavidade nasal correspondente, que tende a recorrer ao longo do tempo, especialmente à noite.



O implante dentro do ouvido tem aproximadamente 7 mm de tamanho e está equipado com uma antena que pode servir para ativar o implante hipofisário. Às vezes, produz zumbidos altos e agudos no ouvido, associados à transmissão de dados.



Há também um implante colocado atrás da orelha, entre o crânio e a própria orelha. As cicatrizes correspondentes são sempre visíveis, parecendo pequenos cortes. Um pequeno nódulo também pode ser sentido ao toque, que às vezes é confundido com um cisto sebáceo e está ausente na outra orelha na posição simétrica.



****Implantes não alienígenas, que utilizam microchip de construção terrestre. Estes implantes são introduzidos nos dentes dos abduzidos e não no arco supradental, como aqueles de natureza alienígena, os quais são menos espessos.****

****Nesta quantidade exemplificadora foram recolhidos os principais tipos de implantes, alienígenas e não alienígenas, que me caíram entre mãos durante os estudos efetuados em todos estes anos.****

****Estas imagens são publicadas todas juntas para facilitar aos investigadores a identificação do fenómeno.****

****Existem outros tipos de implantes e cicatrizes, mas são mais difíceis de localizar, enquanto que o elenco apenas visto, se bem parcialmente, representa o fenómeno em sua mais ampla generalização.****

****Todos os abduzidos têm a fratura no esfenóide e têm o implante pineal, todos têm o implante retroauricular, todos têm a cicatriz na tíbia.****

****Esta última cicatriz está, às vezes, na perna direita, enquanto que muito raramente parece invisível. Um atento análise do epitélio leva sempre à conclusão de que uma cicatriz desse tipo, embora menos evidente, está de qualquer maneira presente.****

****Deste modo é bastante fácil descobrir, e o abduzido o descobre por casualidade, de ter algo no arco dental superior (à esquerda ou à direita). Não se trata de uma obturação e o implante não está no interior do dente, mas sim foi introduzido no paladar. Nesse ponto, perto de um molar, faz-se bem notar a cicatriz de um pequeno corte, com 4 ou 5 mm de comprimento, que evidentemente serviu para introduzir o objeto.****

Analogamente, noutros tipos de implantes corresponde uma fina cicatriz com forma de corte, geralmente praticada no interior de uma prega pré-existente na pele ou numa ruga. Com respeito a cada tipo de implante, estão obviamente as reconstruções, em ambiente hipnótico, das operações sofridas para instalá-los ou extraí-los. O abduzido está, comumente, no escuro de ter estes implantes, mas os descobre, às vezes, em hipnose regressiva, quando conta sobre uma pequena operação cirúrgica que sofreu e nota que esta era finalizada com o aparecimento de um deles.

Os dados concernentes não são abundantes, mas muito prometedores. As análises efetuadas nos EUA por alguns investigadores, entre os quais Derrel Sims, levam a considerar que a porcentagem isotópica dos elementos componentes dos implantes, medida com a espectrometria de massa atômica a estruturas finas, seja diferente da terrestre.

Para que sirvam estes "trancos" não se sabe com certeza e a hipótese mais atendível é aquela segundo a qual se trataria de microchips utilizados para controlar à distância o comportamento dos abduzidos.

Abaixo se mostram algumas fotos de outros tipos de supostos implantes alienígenas, sobre os quais Derrel Sims está ainda fazendo investigações. Em particular pareceria existir também algo que é definido como "implante nasal", o qual se vê numa fotografia. Não está claro se se trata de um implante hipofisário mal colocado. De fato seria muito arriscado colocar um implante no nariz direito, porque seria facilmente detectável, sendo colocado num orifício confortavelmente inspecionável numa normal visita a um otorrinolaringologista.



Diante destes estranhos objetos e das correspondentes cicatrizes, os médicos tendem sempre a dar explicações que não têm nenhuma aparência de científico. Um abduzido, por exemplo, foi pela primeira vez ao dentista, nunca tendo ido antes, para fazer uma visita de controle. O médico, de Livorno, perguntou-lhe quando havia estado nos Estados Unidos para tratar um dente, o qual apresentava, em seu interior, uma barra de irídio (?) que na Itália ainda não se usava. O abduzido respondeu que nunca havia sido intervencionado nos dentes, mas não foi acreditado, e foi obrigado a trocar de dentista.

A uma abduzida com um implante dental foi explicado que talvez se tratasse de um eco do *piercing* que tinha no nariz.

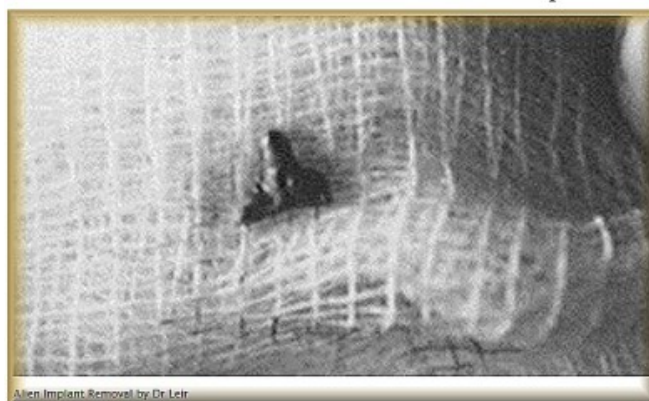
A outro abduzido, que evidenciava ter sofrido a ruptura do esfenoide, foi dito que certamente havia perfurado o osso batendo a testa durante alguma queda quando pequeno. O consequente hematoma, que teria que ter-se desenvolvido no interior, matando-o quase instantaneamente, ter-se-ia dirigido, não se sabe por quê, para o exterior, de maneira, não obstante, invisível (?) e ele ter-se-ia milagrosamente salvo.

O doutor Leir operou nos EUA uma mulher com um implante, resultado depois de natureza plausivelmente alienígena quando foi submetido à análise dos isótopos, conduzido sob o controle de Derrel Sims, mas, apesar de a mulher tivesse uma evidente e destacada síndrome de *abduction*, foi-lhe dito, por parte dos cientistas do CISCOP, que havia inadvertidamente pisado num meteorito, o qual se havia incrustado no pé.

A outra abduzida italiana que foi encontrada uma manhã cedo no jardim de sua casa, de roupão e em estado de confusão, enquanto gritava ao vento a frase:

"Deixem-me em paz, não me levem..."

... o pai observou uma grande perda de sangue pelo nariz. Quando em casa voltou a corrente e o automóvel, que não queria pegar, finalmente se ligou, o progenitor levou sua filha à emergência médica. A Tomografia Axial Computadorizada (TAC) mostrou, a nível da hipófise da mulher, um estranho corpo de aspecto metálico e de aproximadamente dois milímetros de espessura. O doutor se arranjou dizendo que faria ulteriores comprovações e uma ulterior análise mediante a Ressonância Magnética Nuclear (RMN), mas de fato lavou completamente as mãos, como resulta do resultado original dessa análise, em meu poder.



****IMPLANTES E ANIMAIS****

Em um dos casos em que me envolvi, a abduzida contou, em hipnose, ter sido retirada de sua casa por militares, com uma modalidade precisa, modalidade descrita também por outros abduzidos. Levada a um ambiente particular, é submetida a descargas elétricas para fazê-la revelar algumas coisas que ela se negava a revelar. Os militares, que falavam francês, ameaçaram a mulher e também seu cão, ao qual ela era muito afeiçoada. O cão morreu alguns dias depois por alguma estranha doença, mas as radiografias efetuadas no corpo do animal revelaram, à altura da coluna vertebral, um objeto bastante grande com ressaltadas formas geométricas.

Algo estranho à altura da espinha dorsal está posto em evidência na gráfica computadorizada, com o filtro *emboss*.

Mais uma vez se apresentava a união entre a *abduction* alienígena e *abduction* militares terrestres, em confirmação de tudo quanto disse no primeiro capítulo deste tratado. Mas foi logo evidente que as piores feridas não eram aquelas que os alienígenas ou os militares provocavam no corpo dos abduzidos, mas eram aquelas que infligiam em suas psiques, que se revelaram as mais profundas, as mais inalcançáveis, as mais tremendas, com efeitos totalmente desconhecidos e decididamente devastadores.

****ABDUÇÃO: PARAESQUIZOFRENIA PSICOPATOLÓGICA DE UM FENÔMENO REAL****

****PREMISSA****

Este capítulo foi escrito para os especialistas em psicologia, ou em todo caso para aqueles que trabalham no setor das *abductions*, e se baseia apenas nas experiências compiladas, em quase dezessete anos de trabalho, trabalhando no setor mediante as técnicas de PNL (Programação Neurolinguística), da qual a hipnose faz parte.

Muitos dos conceitos expressados resultarão novos ainda para os especialistas do setor, porque nestas linhas está descrito meu modo de enfrentar um fenômeno desconhecido na psicopatologia oficial.

Portanto, sou o primeiro no mundo em descrever como é possível, segundo minha ótica, enfrentar e resolver pelo menos em parte, o problema posto pelas *abductions* alienígenas. A psicologia freudiana está definitivamente abandonada, a favor de uma visão mais junguiana da psique humana. Assim também Neumann e Hillman encontram lugar, com Eric Fromm, na descrição do ser humano. Considero que a teoria das reatividades de Adler seja ainda, pelo menos em parte, utilizável, assim como a ideia do *Daimon* de Hillman seja fascinante, mas decididamente pouco funcional.

Nestes anos me servi, para meus estudos de tipo experimental, das técnicas hipnóticas de Milton Erickson, das sugestões de Rossi, das ideias de Bandler e Grinder: utilizei tudo aquilo que a psiquiatria moderna condena, mas que as técnicas de psicanálise utilizam cotidianamente, para evitar a escravidão dos psicofármacos e o recorrer ao eletrochoque.

Em todo o mundo os estudiosos do problema *abduction* têm, até hoje, considerado o abduzido como alguém sobre quem elaborar e verificar as próprias teorias, esquecendo que ele não é uma vaca para ordenhar e tampouco um doente a curar.

Hoje entendo defender o abduzido, do último, e mais desagradável sequestro que é realizado sobre ele, ou seja, do sequestro que os humanos realizam para utilizá-lo como carne de canhão, como animal de experimento de quem extrair informações sobre os alienígenas.

Parece que ninguém recorda que o abduzido é um ser humano, o qual primeiro foi violado pelos alienígenas, depois pelos militares de governos-sombra e finalmente pelos supostos estudiosos de sequestros alienígenas, última terrível monstruosidade criada pela ignorância humana, com o único objetivo de poder dizer algo que ninguém tenha dito antes e obter o reconhecimento da sociedade moderna, na tentativa de passar para a história.

Se é apenas por isto, os supostos estudiosos podem ficar tranquilos... também Hitler passou para a história! O mundo está cheio de livros que contam as experiências dos abduzidos sem compreendê-las, exorcizá-las, metabolizá-las e resolvê-las. Assim os abduzidos se encontram como vacas exaustas, boas apenas para o matadouro, porque nenhum, ao final do jogo, soube resolver seus problemas... e tudo isso acontece sob o olhar impávido dos "especialistas".

****ANTECEDENTES****

Quando se trata de *abduction*, fala-se sempre muito dos alienígenas e pouco, muito pouco, dos abduzidos. Esta lacuna será agora colmatada. É necessário que alguém o faça, porque o fenômeno *abduction*, que é apenas e totalmente real, não vem sabiamente interpretado pelos psicólogos, pelos psiquiatras, ou pelos psico-o-que-seja.

Quem esteve, como eu nestes anos, em contato com dezenas de pessoas que manifestaram a síndrome de *abduction*, percebeu, talvez apenas a nível emocional, talvez a nível empático, talvez no verdadeiro sentido experimental do termo, as sensações e as comunicações dos abduzidos. Eles vêm e dizem:

"Diga-me que estou louco, assim fico feliz e volto para casa..."

Ser declarado finalmente louco e colocar, assim, no lugar tantas coisas no próprio cérebro; é isso que todos pedem: ser declarado louco se torna uma necessidade.

O suposto louco sabe que os modelos mentais da nossa sociedade, modelos mentais que logo definiremos, são claros e indiscutíveis. Os modelos mentais dizem assim:

"Tens uma visão ou uma percepção de algo que não existe? Bem: és um doente mental"

O que há de mal em ser doente mental? Poderíamos nos perguntar. Nada.

Assim, diante de algo real, mas terrível e desconhecido, que dá medo, que te destrói a vida, as noites e os dias, a família... tu preferes acreditar que, no fundo, estás louco. Assim os outros, aqueles que todos os dias te dizem que estás louco e continuamente te fazem saber com pequenos gestos muito significativos, teriam finalmente razão. Tu serias louco, mas o mundo ao teu redor estaria a salvo. Estariam a salvo teus filhos, teus pais, e teus amigos. O único realmente louco serias apenas tu e não as pessoas a quem tu queres.

As pessoas às quais estás ligado estariam a salvo da tua loucura, porque é certo que tu as verias como "contaminantes" do problema, bem no interior do problema alienígena, mas seria uma falsa percepção tua, distorcida pela tua loucura e portanto não uma realidade objetiva.

"Eu estou louco, mas minha família está a salvo!"

"Diga-me que estou louco, assim volto para casa contente..."

Esta frase a ouvi muitas vezes seja por telefone, pessoalmente, por carta ou via e-mail.

Quando eu digo:

"Olhe que, para mim, o(a) senhor(a) não está nem um pouco louco(a)."

... e tento explicar o que é a loucura e o que é a normalidade, do outro lado do telefone se produz um silêncio total, um buraco negro no qual, enquanto falo, tentando perscrutar, de escutar uma respiração... nada. Tudo está congelado! Termino de falar e espero que meu interlocutor, a quem disse tudo o contrário daquilo que quer ouvir, me diga:

"Nada disso é verdade, o senhor é um palhaço com estranhas ideias na cabeça. Tinham-me advertido para não falar com o senhor..."

Contrariamente, logo após uma longa respiração, meu interlocutor irrompe dizendo:

"Sabia, sabia que não estava louco e que aqueles que acreditava que eram sonhos que me obsesionaram a vida inteira não eram simplesmente sonhos, assim também meus filhos... então é certo... e como posso defender minha família?"

Diante de uma repetida sequência de pessoas que respondiam da mesma maneira às minhas objeções, decidi fazer algo. Seguramente havia decidido aplicar a psicologia: Era necessário estabelecer se os fenômenos contados eram verdadeiros e se o eram, em que medida.

Depois de tantos anos de trabalho compreendi que, por trás das supostas alucinações dos abduzidos, há, em seu lugar, apenas verdade.

A psicologia e a psiquiatria modernas, se de moderno se pode falar, pensavam encontrar-se diante de sujeitos esquizofrênicos, cuja esquizofrenia, manifesta, era seguramente devida a causas de vivências familiares para os psicólogos e a causas orgânicas para os psiquiatras.

Os psicólogos tendem sempre a justificar as psicopatologias com as experiências familiares. Isso não estaria mal se os psicólogos soubessem que existe também um fenômeno, dito *abduction*, no qual os pacientes, que eles consideram doentes, tiveram realmente a ver com os alienígenas.

Para os psiquiatras, ao contrário, a aclaração deste fenômeno está fechada, porque eles pensam que tudo seja fisicamente relegado a um mau funcionamento do sistema perceptivo humano e que o único método para evitar danos maiores consista em narcotizar o paciente, o qual, assim, não responderá mais de maneira indesejável a certas pulsões extravagantes, ao contrário, com o passar do tempo não responderá mais a nada.

Cassano faz eletrochoque todas as terças-feiras a bons e maus em seu desafortunado setor.

"Depois estão todos melhores..."

Já, mas o que quer dizer estar melhor? Não incomodar mais a "paciência" dos médicos do setor? Um caso histórico é aquele de um abduzido de Livorno, o qual, depois de tantos anos de dizer que falava com os alienígenas, foi submetido a uma série de eletrochoques. Ao final, literalmente perdeu o cérebro e a consciência de si mesmo.

Coube-me falar, durante uma conferência sobre *abduction*, com o Professor Rossi da universidade de Gênova, reconhecido psicanalista; não tendo ele nenhuma noção sobre o problema *abduction*, mas como pessoa iluminada, tendo tido vontade de escutar, diz a um certo ponto:

"...emm, sim, também eu, há dez anos, tive uma paciente a qual, no manicômio, me perseguia dizendo que havia sido contactada pelos alienígenas, que lhe tinham metido algo no nariz (um microchip, precisamente -nda) e talvez hoje, tendo escutado a conferência do professor Malanga, bem... deveria rever algumas coisas..."

Rever, então, algumas coisas. Já, mas quem pode rever estas "algumas coisas": os psiquiatras?³

Eles acreditam que o cérebro humano seja uma máquina e que se não funciona, se deva intervir mecanicamente para fazê-la funcionar.

Ou os psicólogos?⁴

Eles diante de uma sintomatologia que não conhecem podem apenas aplicar os modelos mentais relativos a algo muito similar que aprenderam na escola. Sou um psicólogo e se me apresenta um paciente que diz que vê alienígenas diante de sua cama (uma vez dizia ter

visto os diabos, por um condicionamento histórico-cultural). Eu, como psicólogo, sei que meus modelos mentais me impõem dizer que seguramente meu paciente teve uma alucinação e tento motivar esta alucinação. Assim surgem as figuras dos pais *padrone*, das mães castrantes e das irmãs-bruxas-assassinas.

O psicólogo, depois, não consegue entender por que o paciente, ao qual descobriu a natureza da loucura que o aflige, não se cura, apesar de que se lhe está dando todas as explicações do caso.

E no entanto está escrito, nos livros de psicologia e de psicanálise, que, se o paciente reconhece a natureza de sua perturbação, está no caminho da cura, através de um processo de sublimação e de digestão mental da doença.

Em contrapartida, aqui não há nenhuma cura, ao contrário, o sujeito, que ouviu dizer que se trata de pesadelos devidos às relações falseadas com o pai, cai num estado de depressão.

Como é possível? Talvez o paciente, ou melhor, seu inconsciente, tem perfeitamente claro que seu interlocutor-curandeiro não entendeu nada e começa a acreditar que permanecerá doente por toda a vida?

Por outro lado não está escrito em nenhuma parte que existem os alienígenas e que raptam os humanos. Nos livros não está escrito e nenhum dos psicólogos do mundo se deu conta.

Incrível mas certo! O psicólogo ou o psiquiatra aplicam aqueles que são os assim chamados "modelos mentais vigentes", esses processos automáticos que nosso cérebro aprendeu a executar porque alguém lhe disse durante o curso da vida que estes modelos são confiáveis. Vem à mente o caso da *Helicobacter pylori*, que agora muitos têm no estômago, mas antes ninguém se dava conta, simplesmente porque não podia existir. De fato, era ensinado, textualmente:

"Nenhum bacilo poderia jamais viver no ambiente ácido do estômago"

Em contrapartida, vive e como! De fato agora, finalmente, se pode até curar.

Existem grandes diferenças metodológicas entre os psicólogos e os psicanalistas.

Alguns deles acreditam, resumidamente, que não têm que fazer reviver os traumas ao paciente, mas apenas fazê-lo entrever, enquanto outros sustentam que, para ser reconhecido e sublimado, o trauma tem que ser revivido até com certa violência.

Nestes últimos anos pude além disso notar, logo após ter falado com numerosos psicoterapeutas, uma certa tendência a misturar as metodologias ditadas pela práxis com novas metodologias, condicionadas pela *new-age*.

Tudo nasce do fato de que o psicólogo se dá perfeitamente conta de não conseguir resolver os problemas simplesmente obedecendo ao quanto está escrito nos livros e assim prova com

as Flores de Bach ou a Meditação Transcendental e alguns usam até estupefacientes, transformando a personalidade do curador na mente de um bruxo que, a golpe de peiote, tenta de qualquer maneira transmutar uma situação para ele confusa em algo místico.

Para mim o intento é louvável e seguramente oferece mais garantias que aficionar-se ao Prozac como faz Cassano, no entanto falta um mínimo de chave de leitura e é, por isso, de qualquer maneira destinado a falhar: não se pode, de fato, curar uma doença que doença não é.

Os abduzidos não são doentes mentais, mas correm o risco de se tornarem tais se seu problema não é reconhecido pela sociedade que o circunda.

Quase sempre na sociedade, o que conta, lamentavelmente, é o reconhecimento.

Para ser integrado na sociedade se tem que ser alguém, fazer algo, ser parte de um grupo, pertencer a um partido, a uma religião... Se não se é algo de tudo isto, simplesmente não se existe.

Aquele que permaneça isolado, aquele que não pertence a um clã e que não pensa aquilo que pensam os outros, está fora da sociedade.

Estar fora da sociedade quer dizer não ter o reconhecimento de existência da parte daqueles que, em vez disso, a ela pertencem: estás fora, não contas, além disso, algum considera que deverias autoeliminar-te e algum outro pensa que te poderia dar uma mão para que te autoelimines. Por conseguinte, tendes a autoexcluir-te, também porque te sentes marginalizado, não reconhecido, não te identificas como pertencente a algum clã ou a alguma confraternidade; se não fizeste um profundo exame de consciência e não entendeste que "se é" porque se existe e não porque se pertence a algo, estás terminado.

Não se reconhecendo a si mesmo, o sujeito não reconhece nem mesmo suas experiências e a viagem para a loucura está facilitada por esta importante etapa inicial.

É fácil encontrar exemplos disto que digo e sustento desde anos.

Se ligam para os EUA a um professor universitário e atende sua mulher, não se apresentará com seu nome e apelido, dirá simplesmente:

"Sou a mulher do professor fulano..."

Nos EUA as mulheres dos professores são como as mulheres dos presidentes, ouropéis agregados ao macho, e como tais se apresentam.

És gay? Não podes estar na sociedade "normal"...

És normal? Não podes estar na sociedade gay.

Mas quando não és ninguém não podes estar em nenhum lado, nem mesmo em teu corpo, e às vezes alguém tenta o suicídio com a intenção de ir a outro lado, a um lugar de onde não se regressa de modo que, onde quer que este lugar seja, te têm que reter...

Se em vez disso, no além não existe nenhum lugar, melhor! Pelo menos se terá terminado de sofrer e, na morte, se buscará aquela identidade que em vida não se pôde possuir. Torna-se um em nada? Bem! Se na morte não há nada, é aí que há que ir. É inútil dizer que muitos abduzidos por mim conhecidos pensaram no suicídio e muitos o até tentaram, falhando sempre miseravelmente o objetivo. Algum outro, em vez disso, com o qual não pude trabalhar, lamentavelmente ultrapassou o ponto, porque seu ciclo de utilização por parte dos alienígenas havia terminado e ele podia, portanto, autoeliminar-se, não valendo mais nem mesmo para eles. Nesta ótica, os psicólogos e sobretudo os psiquiatras, podem fazer danos irreparáveis aos abduzidos que não sabem de sê-lo.

****UMA PRIMEIRA HISTÓRIA INTERESSANTE: O CASO DE ANNA****

O caso de Anna (Anna é um pseudônimo) o demonstra.

Conheci esta jovem mulher durante um convênio organizado numa cidadela de montanha, conhecida localidade de esqui italiana.

A moça, então com vinte e sete anos, era diretora numa agência de turismo. Depois da minha conferência sobre o fenômeno *abduction* me afasta e me conta uma história estranha. Havia notado que, enquanto falava das experiências dos abduzidos, ela havia assumido uma postura estranha ao estar sentada: escutava como se estivesse bloqueada no que estava dizendo, se reconhecia naquilo que eu estava dizendo.

Não dou nunca a impressão de ter entendido que me poderia encontrar diante de um abduzido totalmente inconsciente do fato de sê-lo, mas, num momento, a moça decide me contar sua estranha experiência, que em poucas linhas, desejo agora propor.

A moça me contou que, quando tinha quinze anos e se encontrava num acampamento, havia sido violada. Havia recorrido à sua mãe e lhe havia contado tudo. A mãe a havia acompanhado ao ginecologista o qual não havia confirmado seu relato.

Neste ponto a situação se precipitou: a moça insistia em sustentar que havia sido violada e os pais não acreditavam nela. Ela não sabia descrever ao ou aos que a haviam violado. Este é o antecedente.

A psicóloga à qual a moça foi levada à força, sustenta, além disso, que o desconhecido violador, não é identificável porque seu rosto não está visível, tem, na realidade, a cara do pai da moça: a moça se sentiria violada pelo pai, que se opõe aos seus comportamentos, portanto é seu rosto o que resulta cancelado pelo inconsciente da moça.

A psicóloga sustenta que a moça odeia o pai. A moça não odeia na realidade seu pai, acredita que, começando a odiá-lo, sairá de seu problema e segue o conselho da psicóloga, mas logo o abandona, bem sabendo, dentro de si, que não descobriu a verdade. Ao final do relato pergunto à moça por que me contou esta história e o que têm a ver os alienígenas, a moça sacode a cabeça como para espantar uma mosca que lhe está fazendo cócegas no interior do crânio, e me diz:

"Não sei"

"Como não sabes! Pensa bem," digo-lhe eu, *"que na realidade sabes bem..."*

... e ela me responde, cada vez mais perdida e assustada:

"Não seeeei..."

A moça se mostra incapaz de continuar a manejar a situação e está por chorar.

Eu eludo a conversa e a encho de palavras inúteis mas enquanto isso olho o que faz e como se move. Finalmente lhe digo:

*"Olha que se pode reconstruir o que realmente sucedeu, porque teu cérebro é como um *hard disk* a só escrita: tudo aquilo que te sucedeu está registrado. Talvez não saibas onde puseste a gravação, mas se quiseres podemos tentar reconstruir a situação, ou seja encontrar o registro daquele acontecimento..."*

Ela me olha, faz uma rápida pausa, logo:

"Sim, façamo-lo!", me responde *"mas, é perigoso?"* *"O que é perigoso?"* lhe respondo.

"A hipnose: essa coisa..."

"Não é necessária a hipnose," lhe digo, *"trata-se de falar..."* e começo a fazê-la recordar o estranho episódio da suposta violência carnal.

"Conta-me tudo desde o princípio" lhe digo e ela começa (no princípio é importante escutar o sujeito e logo interagir com o mesmo, sem piedade; recorre-se à Programação Neurolinguística, que utiliza os movimentos do corpo, a voz, assim como as contradições e os contrastes das memórias, exaltando-os e pondo-os à luz). Este é o texto do colóquio:

- Estava aí.
- Aí, onde?
- No acampamento.
- O que sucedeu?
- Senti que me pegava por trás e me levava para a barraca.
- Me pegava é no singular: então era uma só pessoa?

- Mmmmm, sssim, não tinha pensado antes...
- Como não pensaste? Te violaram e tu não tinhas pensado?
- Não sei por que, mas jamais tinha pensado antes...
- E na barraca o que havia?
- Não sei: não se via nada.
- Mas a ele vias o rosto?
- Não, não o via.
- Estava escuro?
- Não, não estava escuro.
- Então por que não o vias?
- Não sei! Não o via, mas não estava escuro.
- De que cor era a barraca?
- No exterior era branca.
- Branca? Uma barraca de acampamento branca? É uma cor um pouco incomum para uma barraca: o branco é uma cor que se suja facilmente e além disso dentro de uma barraca branca há muita luz.
- Estranho, sim não coincide...
- Como não coincide?
- Não sei: há algo na memória que não coincide...
- Na barraca o que havia?
- Uma mesa. Me deitou sobre uma mesa.
- Como era essa mesa?
- Não sei, não me lembro.
- Estava quente ou fria? (a memória das sensações ativa a memória das imagens -nda)
- Estava fria. Era de metal.
- Uma mesa de metal numa barraca de um acampamento?
- Já; não tinha pensado antes.
- O que estava fazendo aquele que te havia levado (não digo nem ele nem ela nem o alienígena nem o assassino; digo "aquele" e basta -nda)
- Me havia bloqueado.
- Então, te havia posto as mãos em algum lado para imobilizar-te?
- Não, não me tocava.
- E então como fazias para estar imóvel naquela caminha de ferro numa barraca branca que não permitia passar a luz; quem te segurava?
- Alguém me segurava por trás... eram dois.
- Eram altos ou baixos?
- Eram baixos.
- Então os viste?
- Não, não, não os vi, eram escuros.
- Mas se sabes que eram escuros quer dizer que os viste. E as mãos como eram?
- Tinham os dedos longos (a mulher se sacode como se tivesse um arrepio).
- Que cheiro havia? (reconstrução da memória das sensações -nda)
- Fedia, fedia forte (com assombro)
- Mas aquela barraca branca como era feita, vista desde o exterior?

A mulher se vira como se estivesse aí, como se seu inconsciente recordasse os movimentos que havia feito então.

- Mas não é uma barraca, parece algo redondo, agora que a vejo bem (a moça está utilizando o presente: agora que a vejo bem... -nda)
- Mas tu estás num acampamento?
- Estava na França.
- Na França?
- Sim, estava na França de férias.
- E tua mãe?
- Tinha ficado na Itália.
- Mas então como fizeste para avisar à tua mãe, como me disseste antes?
- Não sei, então... não sei. Talvez não era aquela vez... (extraviamento e falta de memória temporalmente coerente)
- Te dizia algo aquele da barraca?
- Sim, me dizia que ficasse tranquila
- E como te dizia?
- Não sei, parecia que não sentisse aquelas palavras com os ouvidos, mas na cabeça.
- E tu entendias?
- Sim.
- Que idioma falava?
- Francês.
- E tu entendias?
- Sim, sim: conheço bem o francês...

Bloqueio esta primeira parte da memória e lhe digo:

- Mas como? Não recordas que estavas na França quando isto sucedeu?

A moça, extraviada, diz que não recorda muito bem, agora, mas antes acreditava que tudo tivesse sucedido na Itália, em sua casa. No entanto, de fato, nenhum de sua casa tinha ido nunca de acampamento: ela, em toda sua vida, tinha estado num acampamento apenas, e na França.

A mente desta moça havia feito um involuntário intento de colar, unir, as memórias: havia pensado que aquilo branco fosse uma barraca, portanto teria que estar num acampamento. O suposto violador não estava sozinho e falava telepaticamente em francês, mas a moça não o havia relacionado com o fato de estar na França.

Ela, logo após algum tempo, no regresso das férias, se havia, como por reflexo condicionado, recordado de algo que havia sucedido em meses anteriores, mas para ela era como se houvesse sucedido naquele preciso momento. Não havia sabido colocar o acontecido nem espacial nem temporalmente e portanto se saía dos modelos mentais do são. Por tanto a moça estava louca e sua loucura era causada por seu pai, que segundo a psicóloga, a moça teria que ter odiado. Odiar para curar: eis o conselho da psicóloga.

Logo após o colóquio relatado acima, a moça recuperou a verdadeira natureza de suas memórias e não odiou mais seu pai, que não tinha nada a ver com toda a história.

A moça compreendeu o que havia por trás daquela experiência e resolveu instantaneamente seus problemas de relação com os outros.

Para resolver o problema das relações com os alienígenas o discurso teria que ter sido, em contrapartida, muito diferente e teria requerido um último e longo esforço de vontade. Neste caso não me foi possível obtê-lo.

Como é óbvio a moça respondia positivamente a muitas perguntas do Teste de Autoavaliação (TAV), além disso sua grafia indicava que era absolutamente normal e não esquizofrênica, assim como seu comportamento, nos poucos dias em que nos frequentamos, mostrava uma clara capacidade de se relacionar perfeitamente com os demais.

****ANJOS E DEMÔNIOS****

Chegados a este ponto da análise psicológica é bom abrir um parêntese sobre a diferença que existe entre um abduzido e uma abduzida. Na realidade as diferenças são muitas: a experiência de uma fêmea abduzida é em si mesma, mais invasiva, não assim a de um varão abduzido.

A mulher se sente invadida no próprio corpo, além disso na própria mente: conta e descreve, até nos mínimos detalhes, quando é fecundada artificialmente desde o exterior, com um idôneo artefato com forma de tubo, que *"empurra algo"* no interior de sua vagina. A experiência é traumática, porque a abduzida vê, e talvez entende, que se está trabalhando em seus genitais. A hipnose, nestes casos, põe em evidência o medo de que o próprio corpo resulte profanado: a mulher, em hipnose, chora, se agita e se desespera, revivendo, como se tivesse aí e agora, a terrível sensação.

E mais: a abduzida descreve quando o conhecido tubo, depois de aproximadamente três meses, lhe é reintroduzido na vagina e algo desta vez é aspirado para fora (exportado). Esse algo se revela, numa atenta reconstrução em ambiente hipnótico, um feto. Um feto, com traços diferentes àqueles típicos terrestres: é muito mais pequeno e tem umas características marcadamente alienígenas. A mulher que sofre esta espécie de estupro exógeno ao planeta, mostra sempre, e indiferentemente da tipologia do feto parido, uma relação de amor mãe-filho (ou filha) para com aquela coisa que lhe foi tirada.

Ainda quando o feto alienígena é claramente diferente dos nossos, a mulher que tem esta experiência o considerará, desde esse momento em diante, um filho seu. Não é para nada importante que a memória seja reconstruída nos mínimos detalhes mediante a hipnose ou a PNL. Basta um sonho, um sonho que, quase sempre, é contado pelas mulheres durante os primeiros encontros que tenho com elas e as mulheres abduzidas chegam ao conhecimento de possuir um filho perdido em algum lado, um filho que não é deste mundo, portanto um filho alienígena.

No Teste de Autoavaliação (TAV) que faço realizar aos abduzidos, existe uma pergunta precisa que soa mais ou menos assim: *"Já sonhaste alguma vez ter um filho que não é teu?"*

Como faz um filho meu a não ser meu? A contradição resulta totalmente passada por alto pelo inconsciente do abduzido, que responde positivamente:

" ... Sim sonhei ter um filho que não é meu!"

Qual poderia ser a explicação?

O moderno psicanalista, isso é, aquele que pertence a um período histórico já passado, diria que as vontades frustradas de maternidade da mulher produz o sonho da maternidade mesma, em compensação desse desejo não realizado. O macho, necessário para que uma mulher fique grávida, teria sido sublimado na figura de um alienígena, um homem superior, o melhor para o filho que ela deseja, um homem quase deus, porque é alienígena (exógeno - ndt) a este mundo, dentro do qual a mulher rejeitaria a figura masculina. Agora, mas, é necessário sublinhar que a figura masculina, nesta sociedade, é rejeitada como consequência de estereótipos familiares que não foram minimamente compreendidos e digeridos pela fêmea-filha.

Neumann, histórico aluno de C.G. Jung, que fala dos estados de desenvolvimento femininos, descreve a mulher do primeiro tipo (segundo ele há três tipos), a qual acredita que o mundo seja apenas feminino e que o ser masculino sirva apenas para a reprodução. Neste contexto é evidente que a abduzida pertencente ao primeiro tipo de "mulher Neumann" é comumente representada pela figura feminina que acredita ver a Santíssima Virgem Maria, sublimando o macho num extraterrestre deus ou semideus.

Aquelas que acreditam nas visões da Santíssima Virgem, as quais, oh! casualidade, são 90% fêmeas castradas no *animus*, ou seja não conhecem a parte masculina que está dentro delas, sonham homens sem rostos e consideram que a Virgem seja a mulher a imitar dado que é o ser feminino perfeito, que ficou grávida ainda sem relações sexuais reais com um homem.

A menina que vive numa família em que existem um pai *padrone* e uma mãe serva, que não obstante, dentro de si, se rebela a essa situação e reivindica, muitas vezes inconscientemente, o papel de mulher, termina depois por odiar a tal ponto a figura do macho, que sublima a figura da mulher e a converte na Virgem, estereotipadamente falsa.

Obviamente se trata da Virgem descrita pela Igreja Católica e não da verdadeira Mãe de Jesus, com seus verdadeiros problemas daquele tempo: atender ao menino, lavar a roupa, ser, num mundo hebreu machista, de qualquer maneira submissa a um marido patrão de ovelhas e de fêmeas.

Portanto a mulher abduzida do primeiro tipo de Neumann tenderá em todo caso a acreditar que o extraterrestre a elegeu como a Virgem e que ela seja, por conseguinte, mãe de algum comparável a um deus.

Este tipo de mulher está caracterizado pela dificuldade nas relações com um *partner* (companheiro) macho e, embora quisesse de qualquer maneira, em alguns casos, ter relações com ele, ao final se desvanece numa fuga motivada por medos terríveis, baseados na necessidade de *"manter-se pura"*.

Também nestes casos a psicanálise contemporânea pensa encontrar-se diante de pessoas afetadas por fortes distúrbios sexuais e de processos castrantes que frustram o manifestar-se da normal feminilidade. A explicação, em vez disso, pode ser totalmente diferente.

A mulher se sente inconscientemente abduzida e entendeu que alguém, em seus genitais, fez algo que vai contra sua vontade.

Por consequência trata-se de uma violência carnal!

Tal violência é muitas vezes inaceitável, mas o processo de dissonância de cognição que está dentro de nós faz milagres e tenta endireitar uma situação penosa e terrível. O processo de dissonância de cognição é aquele pelo qual uma verdade desagradável é reinterpretada pelo subconsciente de maneira a convertê-la em suportável por parte do sujeito que a viveu: praticamente o princípio em que se baseia a fábula *"A raposa e as uvas"*. A única possibilidade de transformar em aceitável a violência sexual sofrida, se tem, se a produzir a violência foi Deus em pessoa. Deus, não tem importância se é sob a forma de alienígena ou de figura angélica, dado que para as novas gerações aparece sempre mais similar a um alienígena tecnológico, capaz de criar, milhares de anos atrás, a raça humana.

Portanto um dono espacial fez aquilo que é seu direito de fazer sobre uma criatura de sua produção, a fêmea do homem. Eis que reaparece a síndrome de Ana e de Maria, duas das tantas mulheres do Antigo e Novo Testamento grávidas pelo sopro divino.

O sociólogo, hoje, explicaria estas situações como: a tentativa da mulher submetida de ter um papel na patriarcal sociedade hebreia antiga, recuperando a estima do *capo-famiglia* (cabeça de família) com a demonstração que, no fundo, ela é um títere da vontade de Deus. Deus, para criar, escolhe a mulher e não tem necessidade do homem.

O fato mesmo de propor, numa sociedade de todo machista como a hebreia antiga, a figura de uma mulher que, no ato da reprodução, está desvinculada do macho patrão, mas que tem igualmente necessidade de Deus para procriar, representa um *escamotage* de notável validade.

O arquétipo de santa Ana se propõe de novo, portanto, também nas sociedades pouco cultas e machistas do mediterrâneo católico, um mundo onde as visões da Santíssima Virgem seguramente não faltam. Muitas vezes ver o invisível aparece como um pedido de sustento e, se a sociedade que o circunda não nos ajuda em ser aceitos como pessoas e não como

coisas, eis que toma forma, na nossa cabeça, a possibilidade de ser parte do jogo, chamados em causa pelo deus ou o extraterrestre de plantão. Não existiria uma solução alternativa, senão a morte por suicídio, isto provocado não tanto por nós sobre nós mesmos, mas aquilo provocado pela sociedade sobre o indivíduo.

Em certos ambientes a figura feminina, se se formou de caráter e elevou seu espírito de autoestima pode razoavelmente reafirmar, com força e também com violência, aquela que é sua posição na sociedade e decidir não ficar, como uma serva secretamente infiel, ao lado de um macho patrão. Portanto se a abduzida conta que Jesus veio visitá-la, segundo minha opinião o resultado desta vivência, pouco compreendida e metabolizada, tem que ser provavelmente revisado e corrigido.

“... Jesus era alto e loiro, vestido de branco e tinha os olhos com a pupila vertical... e curava minha mãe, que estava doente de câncer, com a máquina para curar doenças (a mãe efetivamente se curou de um câncer -nda)... No sonho minha mãe estava num cilindro de vidro, nua, suspensa num líquido e conectada a cabos. Essa era a máquina para salvar minha mãe... Depois vêm os diabos, mas eu os expulso lendo o Evangelho. Os diabos são pequenos, escuros, com uma cabeça muito grande e têm os dedos longos. Fede e têm quatro dedos em cada mão... Mas eu não acredito que os vi, porque quando os vejo, eu rezo e eles escapam...” (?) - nda).

Assim descreve alguma de suas experiências uma moça, sobrinha de dois bispos católicos, com uma mãe fervorosamente crente, a qual, de pequena, queria ser freira, mas agora está casada, tem dois filhos e vive na Sardenha. Durante uma conferência minha na Sardenha a moça assistiu à descrição dos alienígenas que, comumente, faço utilizando as declarações dos abduzidos e sofreu uma forte crise histérica, fazendo assim que se manifeste uma rebelião no corpo e na mente: uma lógica reação e uma situação não aceita a nível consciente, mas reconhecida, a nível inconsciente, do sujeito mesmo. O arquétipo escondido entre linhas do Novo, mas também do Antigo Testamento, é incrível:

"Os filhos de Deus vieram à Terra e viram que as filhas do homem eram belas e se acasalaram com elas..."

Notem o fato de que, nesta archiconhecida passagem do Antigo Testamento, não diz:

"As filhas de Deus viram que os filhos do homem eram belos, etc., etc..."

A passagem está totalmente dominada pela figura masculina do deus masculino de uma sociedade masculina e, para uma mulher de Neumann que quer evoluir, não haverá outra possibilidade senão aquela de sonhar um mundo feminino manejado por um só macho: Deus. O resto será todo um mundo feminino, onde as mulheres se confrontam com as amigas, as irmãs, as noras e as sogras, mas ainda sendo sempre num mundo onde a figura do macho resulta ausente, senão apenas para procriar, e se esta figura é substituída pela divindade macho, tudo seja bem-vindo, porque essa representa a libertação da mulher da escravidão em relação ao macho, também no ato de procriar numa sociedade machista.

Se o abduzido, com pouca cultura e sobretudo ligado a figuras parentais castrantes e possessivas, não vem seguido e encaminhado a um reexame do vivido com uma chave marcadamente mais realista, termina por voltar a percorrer esse caminho que levará a sujeitos deste tipo, de acordo com o que sustenta Eric Fromm em sua fundamental obra *"Ter ou Ser"*, a associar a figura do alienígena com Deus, com uma figura de patrão **super partes** em que tudo é concedido.

A relação com o alienígena se transforma, portanto, ainda mais turbulenta, porque de uma parte existe a necessidade de justificar o comportamento do alienígena como patrão (amo ou dono) total do abduzido e da outra parte reflorescem as memórias da dor, seja física que moral, que se acumulam durante os processos de **abduction**. É assim que o abduzido se torna mártir de uma igreja que imita as tradições locais, mas que tem conotações de tipo cientificista.

Nascem assim os piores movimentos de tipo ideológico, tais como a **Scientology**, a ideologia de Rael ou a ideia de que alguns estigmatizados, como Giorgio Bongiovanni na Itália, tenham a ver com figuras alienígena-crísticas do terceiro milênio.

Se isso é certo devemos considerar alguns contactados, segundo os quais Deus é alienígena, como sujeitos, senão esquizoides, pelo menos abduzidos realmente, mas incapazes de compreender aquela realidade verdadeira que os viu protagonistas, por falta do fundamental requisito representado por uma boa cultura pessoal.

A figura do abduzido mártir é típica das abduzidas e no caso dos abduzidos, não me sucedeu poder pôr em evidência tal peculiaridade, excluindo, naturalmente, aquelas figuras masculinas que se sentem contactadores e portanto não contactados.

Por conseguinte o abduzido mártir religioso se criou dentro de si, a nível subconsciente, uma motivação válida para seu dicotômico sofrimento.

*"...Deus o quer assim – O alienígena me elegeu para seus objetivos insondáveis – Seja Deus ou o alienígena são de qualquer maneira seres superiores, portanto perfeitos, são belos e têm razão. Têm razão também em me fazer sofrer, porque, evidentemente, não nos é permitido entender, mas algum dia entenderemos..."**

Para um psicólogo que trabalha com um verdadeiro abduzido, é fácil confundir uma situação de verdadeira **abduction** modificada pelos processos de dissonância de cognição com uma perturbação esquizoide religiosa e pode tender a meter tudo numa mesma bolsa.

Uma mulher que, segundo Neumann, apareça mais evoluída (Neumann as define como do segundo tipo -nda) terá uma relação totalmente diferente com o alienígena que vem periodicamente comprometer sua vida.

Em geral varões e fêmeas abduzidos evoluídos, os quais, por fortuna, parecem ser a maioria, são totalmente ateus e odeiam a religião católica, mas não sabem bem por quê. Este ódio tem raízes históricas em sua infância.

Eles acreditam, em vez disso, numa civilização "búdica" de tipo oriental, são quase sempre vegetarianos e respeitosos dos animais, são, embora pareça uma forte contradição, amantes e praticantes de artes marciais, ou então de meditação transcendental, de yoga, de respiração oriental e de outras práticas não clássicas em nossa cultura. Todos sustentam que nossos governantes são uns bastardos, especuladores e assassinos, e todos sustentam que a raça humana não é feita de seres todos iguais entre si, são, ou seja, não no sentido negativo do termo, profundamente racistas.

A ideia de ser diferentes poderia encontrar uma explicação na constatação de terem sido eleitos, mas logo aparece a constatação de NÃO terem sido pre-eleitos pelas características tais como bondade, beleza, retidão, capacidade de fazer ou ter algo mais que os demais: os abduzidos se dão conta de terem sido eleitos com base em fatores genéticos, os quais não compreendem a importância.

Então o abduzido pertence a um grupo de afortunados ou a um grupo de desafortunados? Quem o pode dizer?

"Eu sou útil para eles e portanto sou útil para algo..."

O homem, às vezes se contenta de ser tido em consideração pelos outros, dado que vive num mundo onde ninguém o estimaria ou o ajudaria por aquilo que é, mas apenas por aquilo que faz, enquanto que aquilo que faça respeite os cânones da sociedade para a qual a única coisa que conta é o aparentar e ter sucesso.

Mais uma vez emerge uma relação de tipo sadomasoquista entre o raptor e o abduzido.

O masoquista, neste caso o abduzido, no fundo está contente de ter sido tomado, porque entra assim, num mecanismo que o ajuda a adquirir o conhecimento de servir para algo.

Este algo, pertence à esfera do invisível, do impalpável, do inalcançável: em palavras pobres, ao mágico mundo do irreal.

Numa sociedade onde tudo aquilo que é real lhe dá asco, ele tem a necessidade que uma parte de si mesmo viva no irreal, para se sentir de qualquer maneira útil nessa dimensão, dado que as coisas andam assim mal. O alienígena que o tortura e o usa representa um trâmite através do qual ele dá sua própria contribuição à esfera do irreal, onde, se bem é certo que o alienígena o faz sofrer, lhe demonstra também consideração, embora seja no sofrimento.

É sempre melhor ter sido objeto de sofrimento, em vez de ter sido tratado como praticamente inexistente!

"Alguém, afinal de contas, se interessa por mim, fazendo-me sofrer, mas pelo menos se interessa".

O sujeito abduzido vive dualmente esta sensação: tem medo do alienígena que voltará e quem sabe o que querará fazer-lhe, mas depois de um tempo sente falta e gostaria de voltar a vê-lo.

"É absurdo" se poderia pensar e reaparece a ideia de estar diante de uma pessoa com modelos de comportamento múltiplos.

Se não se lhe aclara logo ao abduzido este comportamento, ele tende a isolar-se cada vez mais numa exaltação do ego que o transforma em indiscutível personagem chave de todo o acontecimento e não uma simples marionete nas mãos dos alienígenas.

Pode-se notar e pôr em evidência este tipo de reação sobretudo em grupos de ajuda formado por vários abduzidos: o impacto com a mesma realidade por parte de diferentes indivíduos se transforma no desejo de fazer aceitar a todo o grupo a própria interpretação da mesma realidade. Derivam fortes enfrentamentos entre alguns abduzidos que, em contraste com os outros, sustentam ser apenas eles os VERDADEIROS ABDUZIDOS, adquirindo uma espécie de satisfação pessoal e não se dando conta que teria sido melhor para eles não ter jamais sido abduzido.

Acontece além disso que, no grupo, tome forma e se exalte a ideia segundo a qual, um pode ter sido abduzido por uma particular raça de alienígenas, enquanto que outro por uma raça diferente, sempre com a intenção de continuar com a farsa mental que consiste em afirmar ter sido predestinado e não simplesmente eleito como marionete vivente.

"O diabo me elegeu" dizem com aparente orgulho, caindo, alguns minutos depois desta afirmação, no medo mais atroz do próximo sequestro.

Não é raro que este tipo de abduzido se valorize a si mesmo como diferente dos demais e busque exaltar as diferenças que percebe, mostrando-as ao investigador como prova da própria diversidade; as ostenta com orgulho como ferida de guerra e além disso, para sustentar as próprias teorias se convence rapidamente que possui também faculdades paranormais, que lê os pensamentos e que vê a aura das pessoas.

Entendamo-nos: às vezes tudo isso parece real, mas as faculdades paranormais não têm que ser erroneamente consideradas como um dom derivado da diversidade, ou talvez como um dom produto do ter sido eleito.

Trata-se de outra coisa: provavelmente tem a ver com reações da glândula pineal pelas fortes estimulações às quais o abduzido foi submetido durante a experiência de sequestro. Um fenômeno colateral e secundário, seguramente não querido pelos alienígenas, mas que é produto de uma resposta química da serotonina deacetilase, decididamente mais humana do que se possa pensar. Existem também outras razões que levam o abduzido a possuir realmente propriedades paranormais, mas já disse que neste tratado não enfrentarei estes temas.

****ABDUÇÃO COMO SEPARAÇÃO (PARA ESQUIZOFRENIA)****

Como se pôde notar de tudo o dito até agora, quando se está em presença de *abduction* se está também em presença de um forte processo desintegrante, seja no interior que no exterior do abduzido. É mais que evidente que a medicina moderna considera o abduzido como esquizoide, ou seja como um sujeito o qual seu Inconsciente não fala com seu Subconsciente, tornando-o incapaz de rasgar o véu que separa a realidade da fantasia.

Diante de declarações como aquelas dos abduzidos, os quais dizem ser raptados por alienígenas, ou então pior, de se sentir alienígena, ou ainda mais grave, de se sentir como ser humano diferente numa vida passada, o diagnóstico não pode ser outro que a esquizofrenia.

Lamentavelmente todos os outros parâmetros que fariam pensar que se trate de um sujeito normal, passam a segundo plano; tão assim é dominante a ideia de que seja impossível para ele relacionar-se corretamente com as experiências vividas.

A medicina tem muitas lacunas, mas uma das mais terríveis está ligada à relação entre credibilidade e mentira. Para o psiquiatra um relato incrível cai na esfera do irreal e do fantástico, portanto não é verdade.

Na realidade na psicanálise, por sorte, as coisas são bastante distintas.

Hillman sustenta, ao contrário dos psiquiatras, que o experimentado é sempre real, só muda a capacidade de vê-lo e senti-lo, com os interpretadores dos sentidos que se tenham à disposição.

Para ele um esquizoide é alguém que vê as coisas muito melhor que uma pessoa normal, de fato aquele que se arroja no Inconsciente, um esquizoide justamente, não tem esses filtros, construídos sobre o funcionamento do Subconsciente, que alteram continuamente a realidade para transformá-la em mais ou menos agradável, mas de qualquer maneira adaptada ao momento vivido e às exigências psíquicas do abduzido.

Para Hillman a saúde mental é um estado de doença mental, nem mais nem menos que a esquizofrenia, na qual, em vez disso, a descrição do mundo aparece mais próxima da realidade.

Hillman aperfeiçoa uma ideia já presente no pensamento de alguns filósofos antigos, introduzindo aquele conceito de virtualidade na realidade que hoje é tão apreciado por alguns físicos modernos e que faz de suas teorias mais fascinantes daquelas de muitos outros, embora provavelmente mais verdadeiras, ao menos virtualmente.

Analogamente à separação interna, o sujeito abduzido padece um verdadeiro desapego da realidade familiar, proporcional à sua insistência no sustentar de ter tido que ver com uma realidade com aparências totalmente irreais.

Ela, abduzida, conta a ele: ele lhe tira os filhos e se divorcia velozmente. Parece a publicidade de uma telenovela mas lamentavelmente não o é; no meu repertório estão presentes uma variedade de casos deste gênero, mas o que acontece na realidade dentro do núcleo familiar é algo ainda mais profundo e dilacerante.

Se por exemplo, a mulher se dá conta de ter problemas relativos às interferências alienígenas e busca avisar ao *partner* (companheiro), produz nele um imediato rechaço de uma realidade que não quer aceitar.

Existem duas pulsões precisas que nascem numa situação do gênero.

A primeira se relaciona com o medo, sob a forma de verdadeiro terror de *"estar no problema"*.

Estar no problema, por parte do *partner* de uma abduzida, significa ser provavelmente abduzido e não querer saber nada com ter que ver com o assunto. Poder-se-ia dizer que o *partner* tenha muito mais medo e muito menos consciência que a mulher abduzida. Isto faz pensar, e as hipnoses parecem confirmá-lo, que o *partner* não seja parte integrante do sequestro, mas apenas um involuntário testemunha.

Neste caso, quando o fenômeno se produz, a mulher é retirada, mas o homem se apercebe do que está acontecendo, embora pareça totalmente ausente. Tem os olhos abertos mas não se move, ou então tem os olhos fechados mas seu inconsciente, que nunca dorme, grava tudo. Que reação podemos esperar de uma testemunha, a qual, pelo menos quatro vezes ao ano, assiste impotente a toda a cena do sequestro de seu *partner* sem poder mover um músculo?

Diante de uma mulher que narra e confirma aquilo que o inconsciente do homem gravou por dezenas de vezes, diante do aspecto desses seres, que parecem saídos dos piores pesadelos, não resta outra alternativa que escapar.

Não é para nada estranho que tenha decididamente mais medo o homem que a verdadeira abduzida; ele, de fato, não sofreu o sequestro e não sabe o que, na realidade, acontece logo após a mulher ter partido, às vezes passando através da janela, outras através do teto da casa, ou então através das paredes. A fantasia pode voar em todas as direções e os relatos dela seguramente não o tranquilizam. Não resta, portanto, mais que a fuga. A fuga que se expressa em todos os modos possíveis, mas que se conclui, de maneira bastante rápida, com a separação da abduzida e de seu *partner*.

Este último tenta também salvar os filhos do acercamento com a sequestrada, sem conseguir, se eles estão envolvidos em tal fenômeno, tenta salvá-los das *abductions*, mas agravando a ruptura e a separação familiar. O *partner* não terá sucesso em sua fuga e agravará somente a situação psicológica da abduzida.

Existe, além disso, um segundo aspecto dramático da separação.

Trata-se de um raciocínio que de noite, quando geralmente se produz a *abduction*, se torna pouco a pouco mais grande na mente do *partner* não abduzido. Dentro de si o sujeito se pergunta:

Por que ela sim, e eu não?

O varão que assiste passivamente à *abduction* e que, a nível consciente não recorda nada, mas a nível inconsciente sabe tudo, se pergunta como pode ser que a *partner* resulte tomada, eleita ou talvez predestinada, enquanto que ele não. Se o varão *"padrone"* acreditava ser ele o eixo da família, descobre agora que não o é; gostaria de ser ele o abduzido e com esta cega atitude nesta situação, mostra todo o inapropriado que se sente para sustentar sua posição dominante. Desta forma se assiste ao afastamento do varão do núcleo familiar, que se poderia dizer, por inveja; encontra outra mulher, foge, se nega a falar e tudo acontece a nível inconsciente, precisamente porque no macho, a nível consciente, não sabe nem mesmo qual é o objeto adverso, apenas o conhece a nível inconsciente.

A mulher resulta assim desviada por uma série de comportamentos incompreensíveis por parte do *partner*, o qual, até há pouco, não manifestava comportamentos imprevisíveis ou anormais.

Parece que o varão começa a assumir, em família, comportamentos antissociais quando a mulher começa, por exemplo, a enfrentar as hipnoses para tentar recuperar algumas memórias. O marido assiste uma e outra vez tranquilo, mas dentro de si toma corpo a ideia de um absurdo sentimento de ciúmes profundos:

Ela a levam, ela elegem, não a mim...

Há além disso, um ulterior aspecto que divide o casal: trata-se do caminho de aprofundamento que, com a hipnose ela enfrenta com sucesso, enquanto que ele fica atrasado.

No início das hipnoses um se encontra diante de duas pessoas que se conhecem, mas ao finalizar, a mulher está profundamente mudada, porque possui uma visão do Universo mil vezes mais expandida que ele. É a queda, dado que agora um se encontra diante de duas pessoas diferentes, que poderiam não ter mais nada a dizer-se.

Quando a situação é a oposta, onde o abduzido é ele e ela assiste inerte ao sequestro, sabendo ou não, mas nunca inconsciente, a fuga dela por medo é praticamente imediata. A ideia de ser raptada não é suportada pela mulher, a qual busca imediatamente qualquer meio para literalmente escapar do núcleo familiar.

Nestas condições é impossível para um varão normal, lograr fazer uma família estável.

****MÃES E FILHOS****

A relação que existe entre uma mulher abduzida e sua filha, abduzida também, é totalmente única. Nenhuma das duas sabe, a nível consciente, que seja ela que a outra tenham tido problemas de interferências alienígenas e durante toda a vida se observam de soslaio, cada uma para ver se da outra surge algum vislumbre de verdade.

As relações entre as duas fêmeas estão, também neste caso, baseadas na separação e não na união das forças ou na recíproca compreensão.

Mas vamos em ordem e tentemos entender de onde provém, no fundo, a não compreensão da filha para com a mãe. A menina, desde a mais tenra infância, é repetidamente raptada pelos alienígenas e à semelhança do varão, perde rapidamente a confiança na possibilidade de que a própria mãe faça algo para evitar a feitoria.

Na primeira infância a figura do pai é quase inexistente e por isto insisto na figura materna e em seu papel. A menina, portanto, perde a confiança na figura da mãe e esta confiança perdida é reelaborada pelo subconsciente da abduzida, e se como a nível consciente, não sabe que foi raptada, portanto não é capaz de saber também por que não tem confiança na figura materna.

As coisas começam a surgir em hipnose e quase sempre, aclaram uma série de comportamentos que a mulher, a menina de ontem, adquiriu com respeito à mãe e que hoje manifesta.

Um dos exemplos mais assombrosos pode ser extraído da minha experiência com uma abduzida de quarenta e poucos anos, a qual, sob hipnose, recorda uma das primeiras, fundamentais, experiências com os alienígenas:

"Estou em casa brincando com meu irmãozinho gêmeo, quando chega ele... passou através da parede e eu me escondo debaixo da mesa... é escuro e tem uma grande cabeça pelada, com grandes olhos negros... tem quatro dedos nas mãos e é mau, porque me olha feio... Escapo e me meto debaixo da mesa, mas ele passa uma mão através da mesa e me pega pelo pescoço como se fosse um gatinho... Eu tenho medo e grito... Também meu irmão viu a mala... a mala que voa sobre nossas cabeças na habitação, ... a mala onde me quer pôr para me levar... eu grito, grito, chamo minha mãe... mas minha mãe não vem, não escuta... minha mãe não vem... minha mãe não vem nunca quando a chamo!"

E eis que emerge a razão fundamental pela qual ela nutrirá logo, pelo resto de sua vida, a sensação de ter uma mãe egoísta, que pensa apenas em si mesma, estando totalmente encerrada em seus medos e em suas recordações inconscientes. O tom com o qual expressa a frase:

"Minha mãe não vem nunca quando a chamo..."

... é de profunda resignação, de total perda de esperança. A agravar a situação está o
"depois" do sequestro:

"Minha mãe diz que tenho febre alta porque estou mal... lhe digo o da mala... também meu irmão viu a mala... diz também ele... mas minha mãe diz que nos sentimos mal porque comemos algo que não nos caiu bem e que estamos delirando..."

Não se pode fazer nada: as crianças não são críveis e a mãe não lhes acredita o relato! A relação mãe-filha está definitivamente comprometida, avariada para toda a vida e não será possível recuperá-la; tão enraizada está a emoção de viver um sequestro e de não ser salvo por aquela a quem se sente totalmente parte integrante: a mãe, precisamente. Este episódio, totalmente esquecido pela memória consciente da menina, voltará a emergir na hipnose.

A menina, agora convertida em mulher, saberá por que a mãe não veio: a mãe não podia correr a socorrê-la, porque estava bloqueada pelas forças alienígenas. A filha adquirindo consciência do fenômeno *abduction*, começará, como por encanto, a recuperar a difícil relação com uma mãe insensível, a qual na realidade, se revelará também ela abduzida e portanto incapaz de reagir em certas situações.

A criança vê em seu quarto uma estranha criatura e não entende quem possa ser:

"... é alta, com os cabelos longos, será uma mulher, será a Virgem..." pensa, *"grito, chamo minha mãe, mas mãe não escuta e não vem... A Virgem me diz que é inútil que a chame: mãe, igual, não pode vir e além disso é ela a mãe... a mãe de todas as mães, a mãe também de minha mãe..."*

O abduzido adulto, ao regressar a este episódio da infância, tem um duplo comportamento para com *"a Virgem"*: um de confiança, o outro de medo, criando uma dicotomia interna devida ao fato de que seus sentidos estão recebendo inputs contrastantes. Por um lado, a efêbica figura loira lhe diz que fique calado e tenta tranquilizá-lo, fazendo-lhe acreditar que é quem não é, e por outro, a criança percebe perfeitamente que esse ser não é de confiar.

Análises e diagnósticos precoces do problema, por um lado põem os familiares em condições de poder recuperar as relações recíprocas, destruídas por tantos anos de presença das *abductions*, e por outro produzem expansão de consciência, com o aumento dos interrogantes internos e das incertezas sobre o futuro.

Aumentar as incertezas; alguém poderia objetar que seja uma ação negativa, enquanto que eu sustento que, para poder morrer tranquilos, é necessário conhecer-se a si mesmo, aos outros e ao Universo. Esta vida, de contrário, não serviria para nada, senão aos alienígenas, os quais, como todos aqueles que mandam, querem, desde sempre, ter a população dos súditos na total ignorância.

Entender e compreender a realidade das Interferências Alienígenas quer dizer abrir uma porta à compreensão do fenômeno e tentar aprender a conviver com essa terrível realidade.

Veremos logo que este, para mim, é o caminho a percorrer, o único que pode oferecer alguma pequena esperança de nos libertarmos desta terrorífica obsessão pelo resto dos eões que nos esperam.

Mas não é o momento de enfrentar este outro aspecto da questão.

O que acontece, em contrapartida, quando a mãe é adulta e descobre ser uma abduzida?

A mãe abduzida não descobre nunca em si mesma esta verdade, mas muitas vezes, analisando os relatos e os comportamentos dos filhos, descobre que há algo que não vai bem. Na realidade, mais uma vez, seu inconsciente conhece todas as respostas, mas o consciente não consegue entender o que acontece e tenta obtê-las por todos os meios possíveis.

Os filhos têm comportamentos estranhos, sonham os mesmos inconfessáveis sonhos que a mãe sonhava quando era pequena e ainda sonha de grande, se isolam, fazem desenhos estranhos com serpentes e pequenos Grises, mas também de criaturas loiras vestidas de azul. Algo está acontecendo e a mãe teme por seus filhos. A mãe teme, porque o inconsciente conhece as verdades ocultas por trás destes estranhos sonhos, de contrário não se preocuparia de um simples sonho ou de um simples desenho, se por trás desse sonho ou desenho não houvesse algo mais.

O comportamento da mãe que começa a entender é de proteção para com seus filhos, enquanto que o comportamento do pai, nestes casos é de proteção para com a família.

Um abduzido varão adulto do norte da Itália, que tinha uma mulher muito capaz de manejar a situação, tinha também um menino pequeno que tinha comportamentos estranhos.

Um dia o menino foi encontrado às cinco da manhã nu, encolhido contra a parede... A mãe se acorda e o vê nesse estado, se aproxima e lhe pergunta o que lhe aconteceu. O menino não quer falar: talvez sonhou algo feio, povoado dos habituais seres pequenos que ele associa a coelhos. A mãe faz caso omisso a este sonho. Nada mais.

Alguns dias depois, no jardim de infância o menino tem que desenhar um coelho.

O coelho realizado no desenho é realmente estranho e a professora chama a mãe para saber se o menino tem algum problema familiar. O coelho é todo preto, pequeno, sem vestidos e com uma grande cabeça preta com grandes olhos oblíquos. A mãe, em casa, com calma, tenta fazer falar o menino e recolhe um estranho relato:

“Os coelhos vêm de noite, quando tua mãe dormes, e passam através da janela embora esteja fechada. Vêm brincar comigo e me levam à casa dos coelhos. A casa dos coelhos é feita como um foguete”.

Na realidade o menino desenha algo redondo, com muitas luzes no *"ventre"*.

"O coelho me leva no raio azul e subimos à casa dos coelhos. A casa dos coelhos voa e eles me levam a ver a Terra desde o alto... A casa dos coelhos funciona com a eletricidade e os coelhos vêm aqui para meter os meninos nas barrigas das mães..."

O menino havia feito também um desenho muito significativo onde se representava uma mulher com a barriga transparente com dentro um menino pequeno e todo preto! O menino continua a relatar:

"A outra noite estavas também tu, mãe, na casa dos coelhos e também estava meu irmãozinho..." A mãe abre os olhos com assombro e diz que não recorda, o menino pensa um pouco e logo acrescenta:

"Sim, não o podes recordar, estavas dormindo deitada numa maca, na habitação dos coelhos, com muitos coelhos ao redor que te estavam fazendo algo..."

Quando a mãe pede ao menino para mostrar como é o coelho, ele corre para outro quarto, pega um coelho de pelúcia, puxa para trás as orelhas, logo pega os óculos de sol do pai, que têm as lentes pretas estreitas e alongadas para trás e põe os óculos na cabeça do coelho.

Diante de certos episódios os progenitores, que estão ao corrente do problema *abduction* porque um deles se sente abduzido, não terão reações senão um pânico total, seguido de um desejo de destruir os alienígenas, quaisquer que eles sejam. A impossibilidade objetiva de lograr fazer algo se transforma rapidamente em frustração, que desemboca logicamente, em depressões, as quais se não são controladas, podem conduzir a gestos irreparáveis.

É necessário intervir solidamente com uma obra de aclaração que tente estabelecer quem é o ser humano, quem o alienígena e o que interessa a este.

Aclarar a dinâmica da *abduction* leva o abduzido a um estágio de compreensão que lhe permite excluir atos insensatos na própria existência, além disso, transforma-se a *abduction*, de um *"teatrinho"* onde o abduzido é a marionete, a um lugar onde existe interação reativa entre o alienígena e o Terrestre.

Um casal jovem com um menino pequeno, que vive no nordeste da Itália, levava o menino à casa dos avós no sábado e o recolhiam no domingo de manhã. O pai, um profissional comprometido com o social e com o setor da justiça civil e penal, tinha episódios como abduzido e logo que eu tenha tido alguns colóquios de aprofundamento com ele, algo estranho sucedeu em sua família.

Um domingo normal, o pai veste uma camiseta que não havia usado antes, camiseta que lhe havia sido dada por um amigo, que tinha estampado o rosto de um clássico *"Gris"*, o tipo de alienígena todo olhos e sem pelos que já se vê também até nas publicidades mais comuns.

Os cônjuges vão buscar o menino aonde seus avós, onde todas as vezes se repete a cena do menino correndo para abraçar sua mãe.

Mas desta vez as coisas resultam diferentes: o menino vê os pais e corre, como sempre, para sua mãe, de improviso nota a camiseta que veste seu pai e, sem dizer uma palavra, o abraça e se refrega na camiseta nova. *Silêncio!*

Para dissolver a tensão que se criou, a avó diz ao menino, indicando-lhe a imagem do *"Gris"*:

"Conheces esse? Quem é esse?"

O menino responde:

"Esse é Kikom!"

"Quem é Kikom?" diz a avó, *"E de onde vem Kikom?"*

O menino ergue um dedo apontando e indica... o céu... e os progenitores se sentem desfalecer! O pequeno, logo, reconhecerá o *"Gris"* de maneira indiscutível, como resulta por outras indicações derivadas de colóquios com ele no âmbito familiar.

Em especial o menino verá na televisão uma publicidade de um equipamento estereofônico de uma importante empresa americana e reconhecerá o rosto de Kikom na figura da estranha atriz da propaganda, semelhança certamente similar àquela de uma EBE (Entidade Biológica Extraterrestre).

Nesse momento no progenitor algo se rompe e se quebra o vidro opaco das incertezas, que permanecem, às vezes por toda a vida!

"Tocou também a meu filho!"

Agora o progenitor não só tem a certeza de que aquilo que lhe sucedeu a ele mesmo é certo, dado que se aclara e se reforça toda a temática *abduction* familiar, mas que aquilo que sempre imaginou e suspeitou é real.

Começa a relacionar também outras situações familiares, desta vez aquelas respeito de seus pais e seus avós, pessoas pertencentes a outra geração, as quais viam talvez os mortos (assim os chamavam), ou os duendes do bosque, ou seja as fadas e os gnomos e se aperceberá logo que não se tratava nem de fadas nem de gnomos, nem de figuras angélicas ou demoníacas, mas da habitual Interferência Alienígena que havia, desde sempre, na mira de toda a família.

****VARÕES E FÊMEAS: RELAÇÃO PERCEPTIVA DO TEMPO E REAÇÃO À ABDUÇÃO****

Como se sabe, em hipnose os sujeitos reagem à percepção do tempo dilatando-a ou comprimindo-a ao máximo: sob hipnose é possível voltar a ver um filme como *"...E o Vento Levou"* num segundo e poder, logo, relatá-lo com todos os detalhes como se o houvesse observado atentamente durante horas.

Por este motivo a percepção do tempo dilatada que se tem durante uma hipnose, leva, àqueles que acreditam saber algo destas técnicas, a sustentar que as reconstruções temporais não são confiáveis.

Segundo quanto pude notar nas inumeráveis hipnoses que realizei nestes anos, considero que uma vez que o cérebro armazenou os dados reconhecíveis temporalmente, estes resultam todos disponíveis contemporaneamente e são entregues no mesmo instante. Portanto o sujeito é capaz de extrair as informações escritas no *"CD"* de seu cérebro, praticamente em tempo real. Se lhe é pedido reproduzir a experiência com os tempos do acontecido, o fará, mas se lhe é dito para encurtar os tempos e rever o acontecido muito rapidamente, será igualmente capaz de consegui-lo.

Assim pois, se quem conduz a hipnose não dá uma instrução de tipo temporal, relativo à leitura dos dados armazenados no cérebro, pode-se esperar de tudo.

Aplicando técnicas de PNL desde há muitos anos, me apercebi que a percepção do tempo é totalmente diversa para um varão que para uma fêmea. É possível que isso seja devido ao fato de que varões e fêmeas utilizam de modo diferente os lobos temporais direito e esquerdo; notei também que nada do que direi foi dito na literatura.

A mulher e o homem que não devem ser confundidos com o varão e a fêmea, dominam o tempo em dois modos totalmente diferentes. Ante tudo é necessário dizer que a mulher e o homem, têm dentro de si, partes masculinas e femininas. É normal que a mulher possua mais partes femininas que masculinas e vice-versa no homem.

A fêmea vive no passado e no presente, enquanto que o varão vive no presente e no futuro. Isso significa que varões e fêmeas se podem relacionar apenas no presente, que é a única porção temporal possuída em comum.

Mulheres com alto conteúdo feminino poderão, portanto, relacionar-se, no presente, com homens que tenham alto conteúdo masculino. A ideia que as relações varão-fêmea sejam tão breves no tempo, nasce, segundo meu parecer, precisamente do fato de que, habitualmente, não se vai além de uma atração de natureza imediata e exclusivamente sexual.

A fêmea olha o álbum de fotografias e vê o passado do qual está cheia sua memória. O homem não olha nunca o álbum de fotografias, que para ele pertencem a um passado esquecido e não têm mais sentido.

O varão comete muitas vezes os mesmos erros, porque do passado não aprendeu nada, na medida em que não toma indicações daquilo que foi, mas está totalmente projetado naquilo que será.

Analisemos os gestos de uma mulher com alto conteúdo feminino.

A mulher vai de bicicleta e seu andar é similar ao movimento retilíneo uniforme. Não acelera e não desacelera, ou seja não varia nunca seu andar, que se mostra constante e monótono. Isto sucede porque, ao contrário do varão, não percebe temporalmente os obstáculos que não estejam em seu presente. Não ver os obstáculos leva a fêmea a utilizar um andar não influenciado pelo mundo externo. Só quando chega a um semáforo e este está vermelho, é então quando se detém bruscamente, deixando a todos desconcertados pela repentina freada. Mas isso, para a fêmea, é regular: o semáforo se torna algo importante somente quando entra em seu tempo, ou seja, no presente. Enquanto está no futuro, não conta para nada.

Hoje em dia, na indústria, a mulher é utilizada para realizar trabalhos repetitivos, não porque seja menos capaz que o homem, mas porque é melhor para repetir submissamente algo compreendido, catalogado e aprendido.

Assim as grandes pianistas tocam perfeitamente as obras mais difíceis, mas não busquem uma mulher que toque Jazz, porque dificilmente a encontrarão: a série de variantes jazzísticas necessárias para tornar um tema de jazz nunca igual a outro (improvisação -ndt) é tecnicamente árduo para aquela que toma aristotelicamente inspiração do passado.

A mulher tem uma certa tendência à carência de programação do futuro, que em vez disso, é indispensável no homem, o qual sem programação, não sai nem mesmo de sua casa. Sair a olhar vitrines porque se deve comprar algo, mas não se sabe o que comprar, é uma ação que encoleriza o homem, enquanto que para a mulher é uma atividade normal.

Um mesmo gesto, feito por um varão ou uma fêmea, tem por conseguinte, um significado diferente.

Deixar o automóvel mal estacionado em fila dupla e no meio da rua, para um homem, é um ato de má educação e de irreverência em relação à liberdade dos outros, enquanto que para uma mulher é simplesmente a aplicação da própria natureza:

"Tenho que parar aí, e paro aí... Por que pensar, projetando-me no futuro aqueles poucos segundos que me separam do estacionamento, que algum automobilista, daqui a pouco, poderia encontrar-se em dificuldades ao passar pelo estreito espaço deixado à disposição?"

Esta característica se nota também no gênero de estudos empreendidos por varões e fêmeas: há mais fêmeas que estudam história e mais varões que estudam engenharia aeroespacial.

A mulher se defende, a este ponto, dizendo que o varão é demasiado previsível e que não tem fantasia no ato de viver. O varão não entende como é possível, que se se têm que levar documentos a uma agência, não se controle, antes de sair de casa, se todos foram recolhidos.

Alguém poderia objetar que há exemplos de varões e fêmeas que se comportam de modo diametralmente oposto àquilo que estou descrevendo.

Um exemplo: seguramente Arturo Benedetti Michelangeli era um ótimo pianista, executor perfeito de obras de outros, nunca uma improvisação, ao contrário, canonicamente igual em todos seus concertos, espasmodicamente iguais. Mas este pianista era também homossexual, fazendo evidente uma grande *anima* dentro de si, em menoscabo de um *animus* sufocado por situações familiares, para nós hoje não interessantes.

****Não se trata, atenção!, de herança parental, mas de desenvolvimentos animus-anima diferentes.****

****Assim quando encontramos algumas figuras femininas hoje tanto na moda, como top-manager mulher, descobrimos nelas uma anima castrada e uma tentativa não tanto de arremedar o homem, quanto de ser homem.****

****A análise grafológica, sob este perfil, não pode ser enganosa.****

****Com uma visão do espaço, mas sobretudo do tempo, assim tão diversa, sejam homens que mulheres, que têm animus e anima diferentes, encontram-se, às vezes, com ter que sofrer o problema das Interferências Alienígenas.****

****Encontra-se, assim, a mulher que se encerra em si mesma pensando no passado, na mãe e naquilo que está encerrado em sua mente, mas que já passou, e vê o fenômeno abduction apenas no presente. O fato de não poder imaginar o que acontecerá na próxima vez e, sobretudo, o que acontecerá à prole, põe a abduzida num estado de agitação, do qual sozinha, não pode facilmente sair. Esta situação, de qualquer maneira, a defende de ter claro no cérebro que estas experiências se repetirão com vencimentos regulares: o fato de não conseguir focalizar a situação, produz, de todos os modos, na psique da mulher abduzida, uma certa estabilidade que a ajuda a sobreviver no cotidiano e a não pensar naquilo que acontecerá.****

****O homem, em vez disso, toma o ato do passado como algo superado e se põe na ótica de fazer algo, de contrariar o alienígena, de eliminá-lo de alguma maneira: faz algum projeto, mas, não analisando a fundo as experiências passadas, não é capaz de desenvolver nenhuma estratégia baseada na compreensão de repetição. Está obcecado com a abduction e busca opor-se reativamente todos os dias.****

****Mais se é varão dentro de si, mais se é proclive à rebelião, até pôr em ação algumas manifestações que conduzem à finalização da própria existência, como rejeição final pela situação de abduction, mas mais se é fêmea mais se trata de encontrar um acordo que, através da dissonância de cognição, lhe permita sobreviver numa tão dramática situação. A mulher, desta maneira, transforma a visão do alienígena na da Virgem, enquanto que o homem se predispõe à ideia de suprimi-lo.****

****Um abduzido com ALMA desenvolvida sublimará o sequestro numa eleição que o alienígena teria feito, elegendo-o justamente a ele para encarregá-lo de fazer alguma boa ação futura, a qual os outros seres humanos não seriam dignos de levá-la a cabo. Assim o procedimento de dissonância de cognição induz à ideia de que o homem é o centro da situação, não utiliza modelos religiosos pouco adaptados para a psique masculina e faz sentir o abduzido como o "gonzo" masculino da situação.****

****O varão, principalmente aquele com poucos meios culturais à disposição, tem maior necessidade, que as fêmeas, de obter a consideração dos outros, embora estes fossem alienígenas.****

****Uma abduzida com forte animus tentará diretamente golpear o alienígena durante a abdução, não se dando conta de que tal gesto serve apenas como válvula de escape, sendo uma reação totalmente violenta e marcadamente masculina, logrando como único resultado, a possibilidade de descarregar a forte carga de stress emocional que se produz na tentativa de reafirmação da própria supremacia territorial por parte da abduzida mesma.****

****ABDUZIDOS E SEXUALIDADE****

A atividade sexual de um abduzido resulta fortemente condicionada pelas experiências que, a nível subconsciente, ele sofre contra sua vontade.

A fêmea sofre um verdadeiro estupro tecnológico. Ao longo de sua vida resulta sequestrada muitas vezes e é enfrentada à ideia de ter sido fecundada por uma espécie de máquina alienígena, com a intervenção de pequenos alienígenas (os chamados Grises, que fazem "o trabalho sujo" por conta dos outros). Logo após alguns meses a mulher, sempre no ambiente alienígena, parira, ajudada por uma máquina, uma criatura alienígena. Os tipos de alienígenas paridos são pelo menos quatro e há que sublinhar que, ainda logo após sair da hipnose, a fêmea nutre, pelo pequeno parido, um vínculo seja de proteção que de possessão:

"Era meu e me tiraram..."

Ainda quando o ser parido tivesse dez olhos e catorze caudas, isso não teria importância, porque o irrefreável instinto materno não se fixa na forma, mas evoca atavicamente a importância da essência. A mulher viverá uma vida durante a qual acreditará ter sido privada de uma maternidade que lhe correspondia por direito e estará sempre na busca de um filho que, quem sabe onde, ela de qualquer maneira pariu. Além disso se criará, em sua psique feminina, uma má relação com o ato sexual procriador, que muitas vezes ela rejeitará inconscientemente para evitar a desilusão do parto não logrado e para opor-se, sempre inconscientemente, ao aspecto violento e contra sua vontade do estupro alienígena sofrido.

Para o varão, em vez disso, o trauma ligado à sexualidade começa por volta dos catorze ou quinze anos, quando os alienígenas praticam sobre ele uma extração de esperma, e continua quando o abduzido é posto na situação erótica na qual ele não se pode mover, mas pode ter

uma ereção. Uma estranha criatura de aspecto feminino praticamente o viola. Isto, para muitos abduzidos, representa a primeira verdadeira relação sexual com uma fêmea. Sabemos quão é delicado este momento para o varão; o fato de saber que ele se encontra com ter que enfrentar uma situação de tipo exogâmico na qual está bloqueado nos movimentos e forçado na vontade, portanto incapaz de manejar a situação, pode produzir nele um stress violento, com subsequente rejeição à atividade heterossexual pelo resto de sua vida. O varão, todas as vezes que se deitar com uma mulher, se sentirá violado, ainda somente pelo olhar e sua vida conjugal não será das mais simples.

A fêmea alienígena descrita, sob hipnose, pelos abduzidos que com ela tiveram que ver tem as características de uma oriental; pois bem, os varões "violados" por este tipo de fêmea, estereotipicamente falando, preferirão logo, as orientais, com as quais teriam o desejo de acasalar-se sexualmente, mas que no fato prático resultam quase impotentes. Os abduzidos guiados para uma recuperação da sexualidade, durante o caminho mental que o levará a entender a verdadeira natureza da violência sofrida, notarão também, que no escroto, têm uma estranha cicatriz feita com três pontinhos escuros postos em triângulo, que eles, ou melhor, seu inconsciente, relacionarão imediatamente com uma particular vivência alienígena.

As diferentes respostas a estas solicitações inconscientes produzem diversas reações na vida sexual dos abduzidos, segundo a capacidade que eles tiveram para esconder, ou esquecer, ou seja sublimar as experiências em ambiente alienígena.

Não é possível confundir estas experiências com eventos fantásticos criados pelo mesmo abduzido.

Além da presença de certos signos externos, visíveis no corpo dos abduzidos, vai sublinhado que os "não são de mente", que são muitas vezes, ao contrário dos abduzidos, seres autorreferenciais, se criam sonhos em que suas manias de grandeza desembocam também no ser predestinados, mas no ser predestinados há gosto, gozo, complacência e satisfação.

Os abduzidos, em contrapartida, não têm nenhuma vontade de ser predestinados e tentam renegar sua experiência de tipo exogâmico com os alienígenas, de fugir e de sepultá-la no mais recôndito estrato mental.

Agora pergunto aos "especialistas".

"Haverá, portanto, uma razão, ou talvez não, para este tipo de comportamento?"

****ABDUZIDOS POR SI MESMOS, ABDUZIDOS PELA PRÓPRIA MEMÓRIA****

A relação de separação que existe entre um abduzido e outro ser humano é apenas uma face da moeda. A outra face é uma separação interna que o abduzido sofre, cada dia, quando se pergunta quem ele é, sem saber responder-se.

O abduzido tende a escrever sempre "separado nas letras" ou "falso unido", como dizem os grafólogos. Em outras palavras, acontece como se sua caneta, criando uma separação, tendesse sempre a levantar-se da folha entre uma palavra e outra. Este tipo de grafia é típico de um sujeito que não sabe conectar-se a si mesmo com aquilo que o próprio ser será logo após um instante. O sujeito, dito com palavras mais simples, tem dificuldade, no momento em que escreve, para reconhecer-se naquilo que será logo após um momento, ou seja, reconcontrola continuamente sua verdadeira identidade, porque há dentro dele algo que não está claro.

Mais uma vez o psicólogo ou o psiquiatra, poderiam cair na armadilha, convencendo-se de que o sujeito que têm diante é esquizofrênico, e em vez disso se trata de paraesquizofrenia, um termo que significa: da parte oposta da esquizofrenia.

É muito fácil, em termos grafológicos, compreender que o abduzido não é esquizofrênico, porque o verdadeiro esquizoide escreve de um modo totalmente diferente.

Este não é o lugar para fazer um tratado de grafologia do esquizoide, mas seria de qualquer maneira favorável que os psicólogos tivessem em conta também o parecer dos grafólogos, antes de emitir diagnósticos que de contrário poderiam ser sumamente arriscados.

Mas qual é a verdadeira batalha que se realiza interiormente no abduzido e por que este último mostra algumas características que poderiam fazê-lo erradamente assemelhar a um esquizoide?

Durante o estudo destes fenômenos, utilizando a PNL pude notar que, na mente dos sujeitos abduzidos, havia uma zona de memória com acesso negado, e que esta zona de memória, onde de qualquer maneira se podia aceder mediante uma oportuna solicitação (por simplicidade chamemo-la *password*), estava habitada pelas recordações de uma vida alienígena.

O funcionamento desta zona da mente já foi descrito e se disse que tal zona está povoada não só pela recordação da vida de um alienígena, mas também por aqueles chamados *carriers*, os seres humanos que em precedência transportaram a mesma memória alienígena e foram utilizados como reais suportes de *backup*.

Nesta sede aprofundarei o tema: *"Sentir-se outro"*.

No curso de sua vida o abduzido, ainda estando impossibilitado de conhecer diretamente ou conscientemente a "*password*" necessária para aceder à sua zona de memória com acesso negado, às vezes a faz disparar de um modo absolutamente involuntário.

Nosso cérebro, de fato, é como um *computer* que executa, continuamente, algumas operações matemáticas (repetições) que servem para levar à solução dos mais variados problemas; assim, por casualidade, é possível que o tráfico neuronal conduza à abertura de uma porta, atrás da qual existe a memória da vida de outro ser humano, ou de um alienígena. Portanto o abduzido sofre muitas vezes uns *flash-backs* nos quais, por um instante, se sente outro, se vê outro, se chama inclusive com outro nome!

Até alguns sonhos são muito significativos, se lidos com esta chave de leitura.

O abduzido sonha muitas vezes com estar noutro planeta, quase sempre caracterizado pela presença de dois corpos luminosos no céu e por uma vegetação frondosa e muito colorida.

Os habitantes são altos, com cabelos claros e com cinco dedos nas mãos, os mesmos que aparecem depois durante as *abductions*.

Durante esses sonhos, no momento em que o subconsciente do dorminhoco relaxa, é aí que o inconsciente dispara, sem piedade, todos os seus cartuchos.

Ou bem é aí, que reflorescem cenas de vida de muitos anos atrás, dos tempos descritos nos livros de história.

As situações e as sensações são tão certas que levam com elas até a recordação do frio ou do calor, da dor, dos ruídos, do sabor e de tudo o que serve para entender que as memórias fazem parte de um bagaço real, caracterizados pelos aportes de todos e cada um dos cinco sentidos. Sabe-se que, quando isso acontece, a memória se deve classificar como real, não induzida.

Portanto quem sonha está em presença de uma memória absurda a nível consciente, que se é analisada com os modelos mentais à sua disposição, o poderia levar inexoravelmente a pensar que é um louco de amarrar, com psicoses dissociativas e pluripersonalidade.

Estas memórias podem ficar adormecidas por toda a vida, mas por caso, sem sequer conhecer a *password* necessária para abrir a porta dessa memória, o sujeito pode de qualquer maneira extrair dados, informações, imagens, sons e sensações do todo reais.

Existe outro evento, pelo qual é possível que parte da memória alienígena saia à superfície: trata-se de um acontecimento traumático, um violento *shock* capaz de provocar a ruptura de algum processo neuronal.

O sujeito, ou melhor, seu cérebro, nestes casos tende a passar os processos neuronais por outro lado, compensando, embora seja parcialmente, as atividades dos setores comprometidos do mesmo.

Pode acontecer que ele, logo após ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica sob os efeitos de fortes doses de anestésicos, tenha consciência, quando se desperta, de uma parte de memórias que antes não tinha. Os anestésicos, que possuem a capacidade de não fazer

sentir a dor física, piorando a relação entre sinal e ruído de fundo no corpo humano, possuem além disso a característica de destruir uma boa quantidade de neurônios, de maneira que o cérebro logo após a anestesia, tenta raciocinar utilizando percursos que, em precedência, geralmente não usava.

Analisei um certo número de abduzidos pelos quais o acesso às memórias alienígenas começou a ser possível, justamente posteriormente a uma anestesia química por uma operação cirúrgica.

Um se encontra diante de pessoas, as quais enquanto a nível consciente não manifestam distúrbios dissociativos da personalidade, a nível inconsciente (e com a análise da escrita se nota -nda) demonstram, em vez disso, incapacidade de saber quem elas são na realidade:

Sempre pensei que meus pais não fossem meus pais...

Sempre acreditei que meu nome fosse outro...

Às vezes pensei que vivo noutro planeta...

Não se sentem parte desta sociedade, que rejeitam, julgando-a bárbara e ineficaz. São muitas vezes vegetarianos e geralmente praticam artes marciais.

É assim, que se começa a responder a alguns estranhos interrogantes que o mesmo abduzido se coloca com respeito à própria existência. Quando ele entende o porquê de todas as suas sensações, compreende também que não está louco e sabe que pode enfrentar a vida de um modo mais concreto. Adquire o conhecimento, além disso, do fato de que, dentro de seu cérebro, existem diversas mentes, com as quais deve aprender a conviver, mas que também pode aproveitar: é necessário absolutamente fazer-lhe compreender que o verdadeiro ser importante é ele mesmo.

Não é seguramente o alienígena, cuja memória e apenas essa, se hospeda em sua cabeça, senão, o terrestre que teve sua origem aqui, neste planeta.

Se demole assim, de um só golpe, o sonho fatuo e fictício segundo o qual o abduzido teria origem alienígena: isso o levaria, erradamente a pensar de ser superior aos outros. Este comportamento, de fato, pode produzir uma compensação interna, no desesperado intento do abduzido, posto em ato pela dissonância de cognição, de considerar-se predestinado, e portanto eleito.

Levar clareza à mente do abduzido quer dizer também destruir a necessidade desta daninha mentira, contida em sua psique; ele voltará a adquirir de uma só vez a própria e verdadeira identidade terrestre. Como consequência entenderá em seguida que, é ele, aquilo que necessitam os alienígenas e não ao contrário, assim como o Deus criador do Antigo Testamento tem necessidade dos homens e não vice-versa.

O EU do sujeito, frustrado até aquele momento, não terá mais necessidade de sentir-se um alienígena, porque não é certo que os alienígenas são os mais fortes, mas renunciar à própria identidade torna de qualquer maneira mais fracos, até o ponto de tornar-se parasitados em mãos exógenas a nosso planeta.

Reivindicar, em vez disso, a própria origem, reforça a psique dos abduzidos e lhes permite viver a sucessiva *abduction* cada vez mais conscientemente e cada vez menos como marionete.

****ESTABILIZAÇÃO DO ABDUZIDO****

Se tudo o que concisamente dito acima descreve a patologia de um abduzido, há alguns pontos "mortos" que segundo meu parecer devem ser realizados, como estratégia de contenção, para estabilizá-lo e transformá-lo em capaz de viver a *abduction*, porque, por enquanto, ninguém está seguro de conseguir detê-la: isto representa o primeiro ponto sobre o qual não se discute. Ele deve ser informado do fato de que a *abduction* não se pode parar, mas com a qual se pode conviver.

Além disso fazer readquirir as memórias das vivências serve para fazer entender ao abduzido que:

- 1) Não está louco.
- 2) O que relata realmente aconteceu.
- 3) Pode competir com o alienígena, porque possui algo que o alienígena não tem.
- 4) Não tem sentido a vingança contra o alienígena, em todo caso tem, a comiseração por sua incapacidade para manejar os humanos.
- 5) Nós somos nossos e não uma propriedade sua.
- 6) Nós podemos salvar-nos a nós mesmos e a eles.
- 7) Eles já perderam uma batalha, condicionada por uma lei ditada por eles mesmos, porque no Universo não há nenhuma lei, senão aquela do tempo: um bom dia tudo termina, também os alienígenas.
- 8) Nós, às vezes, somos muito mais conscientes que eles e isto lhes provoca terror!
- 9) Embora os outros não entendam a situação dos abduzidos, estes últimos têm fortuna e desgraça simultaneamente, como faces da mesma moeda: carregam a cruz da *abduction*, mas isto lhes dá a oportunidade de viver e ver, além do próprio nariz, a grandeza do Universo.
- 10) Ninguém é igual a outro.

Com estas regras na cabeça, o abduzido se torna uma força da natureza, entende o porquê das coisas e as enfrenta com uma força que não teria encontrado em nenhuma outra parte, com a esperança de que, num próximo futuro, esta batalha a combater possa ser ganha talvez pelos mesmos abduzidos.

****ESQUECIMENTO E CURA****

Pode-se curar a síndrome de *abduction*?

No fundo a resposta a esta pergunta é o resultado de minhas investigações e é também o que os abduzidos querem saber. A resposta é sumamente simples: *NÃO!*

Não se pode curar a síndrome de *abduction*, porque o abduzido não é um doente e portanto, sendo uma pessoa sã de mente no sentido mais amplo do termo, não pode nem deve curar. Mas isto o que quer dizer?

O abduzido quando vem buscar ajuda, tem dois problemas, que logo é um só: por uma parte quer saber se aquilo que acredita sonhar é realidade, e pela outra, logo após ter adquirido a noção da realidade, quer saber como se libertar de seus pesadelos reais. Para responder a esta pergunta se deve enfrentar o problema em modo correto.

O que se entende hoje, por doença e quando se cura?

A doença, segundo a medicina ocidental, lamentavelmente representa apenas um mau funcionamento do corpo humano, o qual, como se fosse uma simples máquina, é reparado, seja substituindo os pedaços seja intervindo nos maus funcionamentos.

Na realidade as coisas não parecem ser tão simples, de fato parece que nos esquecemos do pensamento criador, típico de nosso cérebro.

Hoje se tende a acreditar que nosso cérebro tenha funções de analisador e não de criador do pensamento. Tudo o que pensamos derivaria da análise de coisas que vêm de fora, ditas estímulos, e a cada estímulo corresponderia uma resposta, de nosso sistema pensante. Ninguém jamais quis meter seriamente as mãos no problema que, em vez disso, é muito mais interessante do que se possa imaginar e que concerne à nossa criatividade.

Nosso cérebro cria continuamente, é este processo criativo que faz o homem diferente. Digo isto porque considero que muitas das doenças humanas tenham origem psicossomática, ou seja, nasçam porque o *soma* do ser humano interage de algum modo com o ambiente e permite a isso que nos adoça. A doença não seria outra coisa mais que um espelho, uma sonda, do estado de saúde de nossa mente.

Obviamente um adoce porque existe uma verdadeira razão física no adoecer, mas apenas e exclusivamente se o cérebro e a mente querem inconscientemente adoecer.

Se predisporia assim, a ser mais vulnerável a certos vírus ou a certas situações que produzem mau funcionamento no corpo.

As causas disso podem ser muitas: a vontade de autocastigar-se, o desejo de sentir-se amado porque se está doente, a vontade de morrer, a ideia de punir alguém com o próprio

sofrimento e assim sucessivamente. Este tipo de situação, em que o corpo não funciona mais bem, estaria, portanto, ligado à psicopatologia e não a uma simples patologia médica. Enquanto no oriente esta ideia é apreciada desde milênios, no ocidente se supõe que a máquina seja algo à la Piero Angela, caracterizada por simples respostas a estímulos, totalmente previsíveis com base em regras fixas.

Este tipo de visão da realidade talvez não esteja tão longe da verdade dos fatos, mas descuida um parâmetro fundamental, representado pela vontade de estar doente, um parâmetro que depende da criatividade de nosso verdadeiro EU, o qual faz de nós o que quer e se desinteressa das verdadeiras doenças.

Um *Daimon*, ou demônio interior, à la Hillman, que decide se um se deve adoecer ou não e é responsável pela existência de uma vontade intrínseca de estar doente.

A ciência oficial pensa que uma pessoa curou de uma doença quando não sente mais os sintomas: em outras palavras, quando se esqueceu.

"Esquece-se o problema, assim se esquece também a doença ligada a esse problema..."

Mas esquecer não é curar: esquecer é esconder um problema atrás das dobras de nossa psique. Assim um se convence de ter curado, mas no máximo se apenas negou a possibilidade de entender a natureza da doença e do problema a ela ligado. Quantas vezes se escuta dizer:

"Quero esquecer esse período de minha vida, cheio de sofrimentos..."

Segundo meu parecer este raciocínio é profundamente errôneo, na medida em que se cura da doença no momento em que esta é compreendida a fundo e se entendeu por que e o que a provocou: tratar de assemelhar a *abduction* a uma doença é errôneo, porque a realidade dos fatos se contrapõe, a cada instante, a esta tese.

Não tem sentido confiar-se numa expectativa de curação de uma não doença, porque apenas uma expectativa de compreensão dos fatos verdadeiramente acaecidos pode levar o sujeito a enfrentar, no modo mais positivo possível, os inconvenientes que o problema produz.

A medicina atual propõe ao abduzido, julgado psicopático, esquecer, abjurar o conteúdo das "fantasias" acreditando-as tais, enquanto que eu digo que a salvação, isso é a curação, está em recordar detalhadamente todos os momentos do trauma de *abduction* e em compreender os mais sutis matizes, para continuar a conviver com essa realidade que atualmente é típica dos abduzidos, mas que em breve, lamentavelmente, poderá incumbir à inteira humanidade.

As experiências traumáticas não devem ser esquecidas, devem ser compreendidas e recordadas, porque também dentro delas existe algo que pode fazer progredir; rejeitar o sofrimento significa rejeitar o crescimento. Hoje se interpreta o sofrimento como algo que se deve rejeitar e assim as novas gerações estudam pouco, porque estudar e entender quer

dizer sofrer; os pais das famílias modernas acomodam seu pequenino diante do televisor, assim estará sempre contente e não dará incômodos, mas não aprenderá nada e será para sempre como lobotomizado.

Dos pobres de espírito será o reino dos céus...

Por caridade!! Que este reino esteja o mais longe possível de nós, porque se para conquistá-lo é necessário ser cretinos, que Deus conserve tranquilamente um reino de cretinos e que deixe aos outros, um caloroso, bom, sadio e instrutivo inferno.

Então, não esquecer, não sublimar, não reinterpretar em modo fantástico, mas perceber a realidade dos fatos tal qual ela é, sem abandonar-se a fantasias religiosas ou crenças de possessões diabólicas; viver o trauma e reconhecê-lo como experiência própria, sem esconderijos de psicoterapia.

Esta é minha tese e, para mim, representa a salvação do abduzido das garras de um desconhecido, que deveria permanecer tal se se lhe desse ouvidos à ciência oficial, aos ignorantes, aos serviços secretos e aos alienígenas coniventes com nossos governantes.

****CONCLUSÕES PARCIAIS****

Se a um terapeuta se apresentasse um caso com as características que foram até agora elencadas, aconselho, antes de considerar o sujeito como um louco de amarrar, de submetê-lo a uma simples visita ao otorrinolaringologista, porque se ele apresentasse a fratura do osso esfenoide, poderia significar que algo tentou invadir fisicamente seu cérebro.

Em caso positivo, provavelmente o sujeito terá em seguida e durante o curso de sua vida, perdas de sangue pela fossa nasal direita.

Em tal caso solicitaria uma consulta mais profunda, antes de prescrever Prozac.

****Referências sobre a técnica de perfuração do esfenoide****

Jho HD, Carrau RL: Endoscopic endonasal transsphenoidal surgery: Experience with 50 patients. Neurosurgical focus 1: article 2, 1996

Jho HD, Carrau RL, Ko Y: Endoscopic pituitary surgery, in Wilkins RH, Rengachary SS (ed): Neurosurgical Operative Atlas, Park Ridge, III: American Association of Neurological Surgeons, 1996, Vol 5, pp 1-12

Jho HD, Carrau RL: Endoscopy assisted transsphenoidal surgery for pituitary adenoma: Technical note. Acta Neurochirurgica 138: 1416-1425, 1996

Jho HD, Carrau RL: Endoscopic pituitary surgery: An early experience. *Surgical Neurology* 47: 213-223, 1997

Jho HD: Endoscopic endonasal pituitary surgery: Technical aspects. *Contemporary Neurosurgery* 19, No.6: 1-8, 1997

Jho HD: Endoscopic surgery of pituitary adenomas. In Krisht AF, Tindall GT (eds), *Pituitary Disorder: Comprehensive Management*, Williams & Wilkins (in press)

Carrau RL, Jho HD: Pituitary: Endoscopic approach. In Arriaga M, Day J (eds) *Neurological Issues in Otolaryngology: Principles and Practice of Collaboration*, Lippincott-Raven (in press)

Jho HD: Transsphenoidal endoscopic surgery. In Fessler RG, Sekhar LN (eds), *Atlas of Neurosurgical Techniques* (in press)

Jho HD: Endoscopic transsphenoidal surgery. In Schmidek HH (ed), *Fourth edition of Operative Neurosurgical Techniques: Indications, Methods and Results* (in press)

Jho HD: Endoscopic transsphenoidal surgery. In Fisher WS (guest ed), Hadley M (ed), *Perspectives in Neurological Surgery* (in press).

****SÍNDROME DE FALSO SEQUESTRO****

Ocupo-me da *abduction* desde há aproximadamente dezessete anos e me dei também conta de que, junto às reais situações de Interferência Alienígena, existe um subproduto deste fenômeno.

É certo que, nos últimos anos, a rádio, a televisão, o cinema e os jornais publicitaram, no pior dos modos, o problema alienígena e este tipo de falsa informação produziu, nos *mass-media*, a clara ideia de que os sequestros são fruto de comportamentos esquizoides por parte de pessoas que têm graves problemas psíquicos. Na realidade as coisas não estão assim, ou melhor, não estão apenas assim.

O fenômeno dos sequestros aparece, aos investigadores que tenham feito um mínimo de experiência neste setor, totalmente real.

E é também certo que sujeitos com fortes perturbações psíquicas se nutriram com as notícias sobre a síndrome de *abduction* (SDA) e alimentaram desse modo, os próprios medos e as incertezas.

É necessário aclarar as diferenças que existem entre uma síndrome de falso sequestro e uma síndrome de *abduction*, porque esta matéria cai sob o domínio de quem se reputam

especialistas do funcionamento do cérebro humano, mas que na realidade, neste ponto, demonstram toda sua ignorância.

Assim, alguns psiquiatras se inclinaram demasiado em classificar a síndrome de *abduction* como uma síndrome de esquizofrenia aguda, fazendo muitas vezes confusão com a síndrome de falsa-*abduction*.

Como diferenciar, então, os dois aspectos, aos olhos inexperientes, que aparecem verdadeiramente sobrepostos? Dizendo claramente quais são as diferenças entre estas duas síndromes e enunciando as características peculiares.

O fingido abduzido tem sempre uma ótima relação com seus sequestradores alienígenas.

"Os alienígenas são bons e o elegeram para algo não muito claro, mas que será aclarado com o tempo, em sucessivas *abductions*" Ihe dizem os mesmos alienígenas.

Os alienígenas e o sequestrado têm uma relação positiva. Varões e fêmeas não se diferenciam na análise do fenômeno, mas aquilo que os acomuna notavelmente é a visão religiosa do fenômeno ufológico que vivem. Os alienígenas são de fato, vistos desde um ponto de vista puramente divino, como seres superiores espiritualmente, além que tecnologicamente.

Os sujeitos que são vítimas, a nível mental, desta síndrome de falso sequestro, estão caracterizados pela falta de espírito crítico e pouca cultura, são todos religiosos, embora alguns com estilo próprio, e acreditam que a divindade os elegeu por algum motivo pelo qual eles devam ser considerados especiais: especiais no sentido positivo, obviamente. Encontrei rapazes, entre quinze e dezessete anos, convencidos de estar pouco considerados no âmbito familiar, que sublimam a falta de interesse de seus pais com aquilo que um alienígena poderia ter com respeito a eles.

O alienígena, então, se torna o pai espiritual do rapaz e, na fantasia, não o abandona nunca; não o abandona principalmente nesses momentos onde as figuras parentais resultam ausentes.

Este aspecto acomuna os falsos abduzidos àqueles que acreditam ver a Santíssima Virgem, figura na qual, sobretudo as mulheres, veem a verdadeira Mãe, não apenas espiritual mas também física, figura que na vida real se mostra ausente ou não à altura das expectativas do falso vidente.

Encontram-se também fêmeas e varões adultos que sublimam a falta de interesse para com eles por parte do sexo oposto, com o contato com seres alienígenas, obviamente também estes de sexo oposto.

Os alienígenas não só resultam associados à perfeição mental, mas também à magnificência física. Muitos dos avistamentos dos chamados Seres de Luz talvez possam incluir-se nesta síndrome, embora nem todos os casos sejam tão explícitos.

Não faltam as descrições de relações sexuais entre falsos abduzidos e alienígenas.

O que deve, então, ser tido em consideração é o componente narcisista do sujeito, o qual considera estar ao centro das atenções dos alienígenas-deuses, quando em vez disso, se os deuses existissem verdadeiramente, não se deteriam absolutamente conosco, terrestres insignificantes.

A ideia da recuperação de autorreferência, que o falso abduzido tem, é facilmente reconhecível, porque ele tende a pôr-se sempre no centro de seus relatos:

"Os alienígenas me disseram... os alienígenas me fizeram... os alienígenas farão de maneira que eu... quando voltarão a levar-me..."

Há que ter presente que o que hoje interessa mais à gente comum é ter o reconhecimento por parte dos outros: ser reconhecidos em seu papel de filhos, de pais, profissionais, amantes, etc. e todas as vezes que este reconhecimento falta pode disparar a síndrome de falsa *abduction*, porque o sujeito tende a reagir a esta carência criando ele mesmo uma figura fantástica que o recompense e o reconheça no campo dos afetos, do trabalho, da realização social ou qualquer outra coisa que lhe ocorra.

A sutil diferença entre um falso abduzido e um verdadeiro está, portanto, no fato de que o primeiro sabe quem é, mas se considera pouco estimado pelos outros, na realidade ele mesmo se desvaloriza a nível inconsciente. Acreditando efetivamente de valer pouco, e não merecendo a estima de seus companheiros, cria uma figura, comumente noutro plano, às vezes místico, divino, extraterrestre, que possa sub-rogar o amor que, fundamentalmente, não obtém de si mesmo.

O verdadeiro abduzido, em vez disso, não sabe quem é na realidade e se apresenta com grandes crises de identidade na personalidade.

Estas incertezas sobre sua identidade profunda podem ser postas à luz pelas frases que ele pronuncia:

"Não sei... às vezes me parece que venho de outro planeta... Sempre acreditei que meus pais não fossem meus verdadeiros pais... Os seres humanos me dão asco e eu não tenho nada a ver com eles..."

... e não são devidas a problemas de esquizofrenia, totalmente ausente, como demonstram as provas grafológicas dos mesmos sujeitos, mas por outros fatores das experiências que os abduzidos passaram em sua vida.

Mas deste aspecto da questão não quero falar agora, porque me urge em vez disso, pôr em evidência como seja possível distinguir as duas síndromes de maneira fácil e indiscutivelmente exata.

O verdadeiro abduzido não é jamais religioso desde um ponto de vista católico, ao contrário, o catolicismo lhe provoca repulsão, além disso não quer saber nada com os alienígenas, embora se num primeiro acercamento, parece debater-se entre dois comportamentos:

"...gostaria que voltassem... mas se voltarem tenho medo..."

O falso abduzido, em vez disso, tem apenas uma atitude extremamente positiva com os alienígenas, espera que voltem em breve e às vezes, espera que o levem com eles, querendo exaltar assim o simbolismo do prêmio, prêmio que a humanidade inteira lhe nega e que em vez disso os alienígenas estão dispostos a oferecer-lhe generosamente, tendo reconhecido nele um ser superior.

Mas a que se deve a dicotomia no comportamento de fundo que um verdadeiro abduzido tem para com os alienígenas? Deve-se a muitos fatores, um dos quais, é o fato de que os alienígenas se bem por um lado fazem do abduzido o que querem contra sua vontade, aterrorizando-o até a morte, por outro buscam amansá-lo, às vezes diretamente com falsas promessas.

Respeito a isto há que considerar o componente multiracial dos alienígenas.

A maioria dos abduzidos foi contactada por várias raças, algumas totalmente hostis, algumas indiferentes e outras que aparentam inspirar confiança, detrás empero de uma cortina de incerteza que é ele mesmo abduzido que consegue extrair de suas vivências: *"Parecia que me queriam, mas às vezes penso que se tratava de um estado de ânimo não genuíno... como se me quisessem fazer crer que me querem, mas que na realidade é tudo puro teatro..."*

O falso abduzido, em vez disso, não tem dúvidas: os alienígenas são bons e o querem.

Mas os falsos abduzidos, quando recordam suas experiências, não têm a recordação da esfera emocional, demonstrando a falta de uma parte importante da mesma recordação.

Sabe-se, de fato, que se pode distinguir uma recordação verdadeira de uma falsa, porque a recordação verdadeira, ao contrário da falsa, traz também as emoções e todo o bagaço dos sentidos que registaram odores, temperaturas, cores, aspereza dos materiais tocados, sabores, etc. Além disso os falsos abduzidos, postos à prova em hipnose regressiva, não têm nada para recordar e não recordam nada, ao contrário dos verdadeiros. Até as respostas do Teste de Autoavaliação (TAV) são totalmente divergentes, no sentido de que os abduzidos reais respondem positivamente às perguntas, enquanto os falsos abduzidos respondem negativamente, sem contar a falta de provas objetivas (cicatrizes, implantes, específicas recordações), totalmente ausentes em quem é afeto da síndrome de falso abduzido.

Existem, então, três tipologias de *abduction* bem distintas:

- a primeira é a verdadeira síndrome de *abduction* (SDA)
- a segunda é a síndrome de falsa *abduction* (SDFA)

- a terceira situação é sintomática por ausência total de vivências, sejam reais que imaginárias, com respeito a uma *abduction*.

Não me parece que, até o dia de hoje, especialistas do setor, ufólogos, psicólogos ou psiquiatras se tenham dignado a fazer alguma diferença sobre este ponto.

****O CASO DE UM FILHO ÚNICO E DE UM PAI PADRONE (AUTORITÁRIO)****

Um dia veio a mim um jovem, inscrito no primeiro ano de física, que me conhecia desde há tempo e ao qual havia também falado extensamente sobre minhas investigações das *abductions*.

Conhecia-o de anos mas nunca me havia falado de seu caso.

Esse dia me confessou e me contou que estava sob tratamento com um psicólogo desde há dez anos.

Acrescentou que, anteriormente, havia sido atendido por uma psicóloga, a qual, à semelhança do atual, não havia resolvido seus problemas.

Me disse logo que, quando tinha dois anos e meio (sic), havia sido levado a um psiquiatra infantil por alguns fortes distúrbios nascidos quase por casualidade.

Perguntava-me, em razão de algumas de suas sensações físicas e psicológicas (sonhos particulares, momentos de frustração ou de forte pânico), se não teria sido sequestrado pelos alienígenas.

Perguntava-me, portanto, se seu mal-estar fosse causado por razões exógenas ao planeta Terra.

O rapaz sabia de minhas investigações e isto me punha em séria dificuldade para tratá-lo como aos demais, porque poderia ter sido fortemente influenciado por minhas conferências. De qualquer maneira tive com ele três colóquios preliminares e fiz com que me contasse seus sonhos. Em especial um era muito interessante: ele sonhava muitas vezes que era pequeno e que brincava com um caminhão de brinquedo.

De repente o caminhão caía ao chão...

O rapaz tinha terror a esta cena e rompia em choro enquanto o contava, mas sem conhecer o motivo a nível consciente.

Ele parecia ter recordações de vida alienígena (mas respeito dos Grises e isto não se apresenta nunca em minha série de casos), dizia ter paixão pela astronomia desde pequeno e

sentir-se de outro mundo: além disso não conseguia integrar-se no mundo real, tendo dificuldades seja no âmbito sexual, com seus *partners*, seja com os amigos.

Não conseguia nunca terminar o que havia começado, embora se no início o fizesse com fervor e entusiasmo.

Bastava que alguém lhe fizesse a menor reprovação para fazê-lo cair numa crise depressiva muito grave.

Esquizofrenia compulsiva era o diagnóstico do psiquiatra.

Logo após ter tido dois colóquios com a mãe e um colóquio com seu atual psicólogo, me dei conta de que não estávamos diante de um abduzido, mas diante de algo que a medicina atual não havia sabido entender.

O trauma desencadeante surgia claro e numa sessão clarificadora o expus ao rapaz (a Psiquiatria e a Psicologia moderna não estão de acordo com meus procedimentos, mas para tratar estes argumentos nesta sede seria longo e tedioso, portanto posponho para outro momento o discurso sobre a relação entre sujeito traumatizado e resolução do trauma).

Na família, a figura de um pai *padrone* (autoritário) jamais disposto a ver seu filho equivocar-se e a de uma mãe totalmente submissa me haviam levado, junto com outros elementos, a ver as coisas totalmente de outra maneira.

Descobri, também graças à ajuda de sua mãe, que o episódio do *"caminhão"* não havia sido um sonho, mas uma realidade esquecida pelo jovem e foi assim que tentei interpretar os eventos:

"Agora te direi o que aconteceu segundo meu parecer e se, as coisas são realmente assim, será teu inconsciente o que reconhecerá como verdadeiro o que te digo, de contrário te parecerá que eu estou equivocado, porque a realidade objetiva está dentro de ti e apenas tu sabes indicar a resposta correta."

Eras pequeno e um dia estavas brincando com teu caminhão, quando se te caiu ao chão. Nesse momento se abriu inopinadamente a porta de teu quarto e entrou teu pai, o qual se apercebeu que tinhas deixado cair o caminhão, se enojou contigo, tomou o brinquedo e num ímpeto de ira, o arremessou contra a parede, partindo-o em mil pedaços. Isso que fez teu pai nesse momento não foi só quebrar teu brinquedinho, mas quebrá-lo num momento em que isso representava para ti um objeto transicional, a coisa sobre a qual vertias teu amor, assim é como pensavas que teu pai teria que ter feito contigo, mas que por causa de sua incapacidade, não sabia fazer."

"Então teu pai não arremessou contra a parede um simples brinquedo, mas quebrou seu filho". Daí a poucos anos o filho elaborará instinto homicida contra o pai.

O jovem teve um estouro de choro irrefreável enquanto que eu lhe dizia que por sorte, os alienígenas em seu caso não tinham nada a ver, e que seu problema poderia resolver-se muito mais facilmente que uma Interferência Alienígena.

Ele, transcorridas algumas horas de nosso colóquio, logo após ter pensado a tudo o que havíamos dito, me enviou uma mensagem telefônica que soava assim:

"Obrigado, tudo é justamente como tu dizes. Salvaste-me a vida!"

Haver individuado a causa de um problema não significa haver eliminado o problema, mas apenas estar a meio caminho: desde este ponto em diante não era mais, institucionalmente, dever meu prosseguir.

O rapaz não conseguia nunca terminar aquilo que começava porque apenas tivesse terminado seria submetido ao temido e insuportável juízo paterno, e assim reabrir-se a ferida traumática daquele dia longínquo de sua infância.

Durante os vinte dias nos quais tivemos nossos colóquios, o jovem havia abandonado com sucesso todas as terapias psiquiátricas impostas pelos médicos.

****UMA VOZ NO OUVIDO DIREITO****

Uma senhora veio encontrar-me logo após ter estado com muitos especialistas e de ter interpelado também válidos especialistas de ciências paranormais, sem que nenhum tenha podido resolver seu problema. A senhora ouvia vozes, duas em especial, no interior de seu ouvido direito e num determinado momento de sua vida se perguntou se estas vozes poderiam provir de um microchip implantado por alguém para controlá-la. Na realidade as medidas efetuadas por um válido grupo de investigadores bolonheses com quem colaboro ativamente, não haviam posto em evidência nenhum microchip embora sim, numa determinada situação, havia sido registrado algum som similar a uma voz humana, justamente no interior do ouvido direito. Num colóquio com a senhora, logo após ter lido o informe dos médicos, comecei com minhas habituais perguntas e a nível de PNL, tentei entender exatamente quais fossem suas respostas corporais e de comportamento. Soube que as vozes, que a senhora ouvia desde anos, pareciam ser as de seus parentes: a do pai e a da irmã. Além disso a senhora ouvia estas vozes desde quando tinha tido uma feroz briga com todos os membros de sua família. Evidenciava-se bastante claramente, pelos movimentos que a mulher fazia enquanto respondia às perguntas, que se tratava de uma forte interferência da família, à frequência que ela, naquele então, tinha com um amigo. Algo que a mulher não queria declarar havia feito com que esta frequência cessasse contra sua vontade. Havia seguido uma forte briga, depois chegaram as vozes no ouvido das quais a senhora dizia:

"Têm a intenção de controlar-me continuamente, onde vou, o que faço, etc. Se não são meus progenitores, que agora estão mortos, então poderia ser algum alienígena ou algum experimento militar..."

A senhora chamou também minha atenção sobre uma operação cirúrgica à qual foi submetida uns anos antes quando lhe extraíram o útero. Esta operação aparecia de algum modo ligada às vozes no ouvido. Enquanto falava, dirigia o olhar na direção que indica a ativação do mecanismo de recepção das vozes internas, típica daqueles que falam consigo mesmo em seu interior (R. Bandler, J. Grinder in **IPNOSI E TRASFORMAZIONE**, pag.250, Astrolabio, Roma,1983): evidentemente era ela mesma que produzia os sons que estava nesse momento ouvindo.

A mulher buscava todas as provas e as possíveis explicações de ficção-científica, fingindo querer encontrar a verdadeira causa deste fastidioso vociferar interior; dizia querer encontrar a solução do problema, mas na realidade não queria tomar consciência do trauma que havia produzido o início das vozes.

Também neste caso disse sinceramente à senhora o que pensava a respeito:

*"Agora lhe direi como sucederam as coisas segundo meu parecer. A senhora ficou muito perturbada pela interferência de sua família em sua vida sentimental e acusa seus integrantes de não lhe terem permitido ser uma mulher feliz e mãe de filhos próprios. Desde esse dia a senhora odiou seus familiares e suas vozes. Nunca deixou de odiá-los, nem mesmo um instante, até o ponto de gozar de maneira masoquista no reviver a dor que essa situação lhe provocou (a senhora tem uma grafia caracterizada por um parágrafo, chamado por alguns autores "do masoquismo": A. Beretta in **LA SCRITTURA**, Sonzogno, Milano 1993; M. Maero in **IL TEST DELLA SCRITTURA**, ANIPADS, Torino, 1984). O único modo para reviver continuamente essa dor, que lhe dá a satisfação de renovar, numa roda temporal infinita, o ódio por seus familiares, consiste em reproduzir para sempre as vozes deles em seu ouvido direito. Só assim poderá cada dia evitar o esquecimento e refrescar seu ódio para com os que lhe impediram uma verdadeira vida afetiva".*

A senhora me olhou, pensou em silêncio durante uns instantes, logo me disse:

"Sim, talvez. Se dentro de mim não há nenhum microchip, então talvez... este... pode ser como o senhor diz. Certo que com o que o senhor diz não estou em desacordo."

Concluindo exortei a senhora a olhar-se dentro com sinceridade e a encontrar a justa resposta, não deixando nada pendente.

****ALIENÍGENAS PERTURBADORES E FENÔMENOS PARANORMAIS****

Um dia fui a uma cidade do norte da Itália para falar com uma jovem mulher que, desde há um tempo, estava perturbada: me dizia que em sua casa se abriam as gavetas por si mesmas,

se acendiam imprevistamente as luzes e que sucediam coisas estranhas. Tudo isso sucedia desde quando ela, uma noite, havia visto figuras luminosas em seu quarto. A mulher era muito religiosa e sustentava que poderia tratar-se de Jesus, ou então de alienígenas bons que vinham salvá-la. Ela, de fato, rezava muito. Os alienígenas, ou quem quer que fossem, segundo seu parecer eram a causa dos eventos de natureza paranormal que se verificavam em sua casa, dado que, precedentemente à sua chegada, um par de anos antes, não lhe sucedia nada.

A mulher, jovem e pouco culta, tinha uma filha e vivia com a mãe num contexto psíquico de *"mulher de Neumann do primeiro tipo"*, onde as figuras masculinas resultavam totalmente ausentes.

Logo após as primeiras perguntas, emerge imediatamente uma vivência em que ela contava quando, de pequena, havia sido violada pelo tio.

A análise grafológica punha em evidência esta possibilidade, e também o modo de vestir-se da mulher, com cores fortes propensas ao vermelho, e a maquiagem carregada representavam as sinais de um procedimento de castração do próprio *animus* (a parte masculina de si mesmo).

Os fenômenos estranhos haviam começado quando ela uma noite tinha intensamente começado a rezar porque queria perdoar o tio pelo que, quando era jovem, lhe havia feito. Desde então não havia podido praticamente mais viver normalmente, porque suas preces haviam atraído a atenção dos alienígenas que a queriam ajudar. Existia uma clara contradição na declaração de que os alienígenas por um lado a estavam ajudando e por outro lhe davam fastio, mas a mulher disso não se dava conta. Também neste caso, como sempre, expus as conclusões de minha investigação diretamente à interessada.

O trauma provocado pela violência carnal sofrida era provavelmente a causa de tudo.

Ela, sendo muito religiosa, havia tentado rezar para resolver seu problema.

Com o perdão havia acreditado, segundo os ditames católicos, poder liberar também a angústia da recordação dessa experiência. As mulheres, tendem erradamente a culpabilizar-se, quando são violadas, e tentar perdoar podia fazê-la crer que era possível remover a causa do sofrimento cancelando a culpa que havia produzido o estupro. Ela o havia tentado, mas depois das preces algo evidentemente não havia funcionado.

Seu Inconsciente não aceitava nenhum tipo de perdão por aquilo que se lhe havia feito e se rebelava, pelo contrário, à ideia do mesmo perdão. Assim para tudo isso não restava mais que criar o artifício da chegada dos alienígenas, ou de Jesus em pessoa, para ajudá-la a perdoar alguém que ela, na realidade, não tinha nenhuma intenção de perdoar. Aconselhei-a, então, uma série de encontros com uma psicóloga, esperando que a quase total falta de pré-requisitos culturais não lhe fechassem o caminho a uma mais profunda compreensão de si mesma, sempre necessária para readquirir completamente o conceito de realidade.

Referi estes episódios para demonstrar que nem sempre interpreto *lucciole per lanterne* (15) e não tenho vontade de ver sempre UFOs e alienígenas atrás de qualquer sonho ou comportamento anômalo.

Devo, não obstante, sublinhar que a grande maioria (96% aprox.) daqueles que se dirigiram a mim, tinham realmente problemas de Interferência Alienígena, problemas que hoje, nenhuma estrutura médico-cirúrgica ou de sanidade mental é capaz de enfrentar.

Também graças ao pequeno número de casos anômalos, pude, avaliar melhor e a seguir distinguir, os verdadeiros abduzidos daqueles que estão afetados pela síndrome de falsa *abduction* (SDFA). De fato é com a experimentação de campo que se realizam estas pesquisas e não atrás de uma pilha de livros acumulados numa escrivaninha para criar uma barreira insuperável entre o analista e o paciente!

****TESTE DE AUTOAVALIAÇÃO (TAV)****

No estudo dos fenômenos de Interferência Alienígena (IA), pus a ponto um procedimento específico que prevê efetuar, com o suposto abduzido, um colóquio preliminar, durante o qual se busca estabelecer se o sujeito tenha realmente sido abduzido, ou tenha perturbações de tipo esquizoide.

Um dos primeiros testes aos quais é submetido o novo sujeito é um simples elenco de perguntas às quais ele deve responder. Se o interessado responde no modo verificado sobre dezenas e dezenas de abduzidos, então se começa a pensar que quem estamos analisando poderia efetivamente ter sido objeto de interesse por parte de entidades alienígenas a nosso planeta e se pode proceder com outros tipos de teste.

O teste, ou melhor, a série de simples perguntas para fazer ao potencial abduzido, nasce pela exigência de saber rapidamente se vale a pena continuar a investigação, ou se é o caso de dizer-lhe logo que, para sua fortuna, não teve nada a ver com os alienígenas.

Um exame rápido como este foi necessário porque o grande número de pessoas para analisar torna indispensável uma resposta clara em breve tempo e um dos principais objetivos a conseguir é justamente isso, dizer rápido ao sujeito o que se pensa de seu caso.

Não nos podemos permitir adotar métodos tediosos, embolados, longuíssimos e sobretudo ineficazes, como os utilizados por alguns grupos ufológicos que, sendo formados por amadores incompetentes com respeito a estas temáticas, não são logo, na realidade, capazes de fornecer ao abduzido uma resposta séria.

O que quero dizer é que, nos últimos anos, fui interpelado para resolver os casos de *abduction* que, analisados previamente pelo CUN ou o Parsec, não haviam sido levados a uma conclusão. Em outras palavras, o sujeito que havia pedido consulta a estas duas

organizações não havia sentido que se lhe desse uma resposta definitiva, ou pior, não havia sentido que se lhe desse sequer uma avaliação embora fosse vagamente real ou crível.

A pedir-me esta ulterior consulta era geralmente alguém do mesmo CUN, o qual desse modo confirmava a escassa confiança nos meios de investigação e experiência do Parsec.

Efetivamente uma vez me encontrei diante de um sujeito que, analisado pelo Parsec, lhe haviam dito, segundo suas palavras, que não era abduzido, mas que seus fenômenos derivavam de um malefício (sic) que lhe haviam feito.

Não gosto de andar controlando o trabalho alheio, mas nesse caso não pude evitar constatar (pelo colóquio preliminar que tive com esta pessoa) que me encontrava diante de um caso de violência carnal, sofrida, na infância, dentro do núcleo familiar, por parte do tio da mulher em questão.

Falando com a interessada que mostrava graves signos de esquizofrenia dissociativa da personalidade, perguntei-lhe se, com o Parsec, houvesse enfrentado tal problema, mas me respondeu que ninguém lhe havia perguntado nada em tal propósito. Em síntese, o Parsec simplesmente não se havia apercebido de que a jovem mulher havia sido de pequena objeto de violência carnal no núcleo familiar. Nessa ocasião, dentro do CUN, alguém me pediu para voltar a analisar o caso e assim, logo após o habitual intercâmbio epistolar preliminar, seguido por um colóquio de duas horas, disse ao sujeito minha versão dos fatos, no modo que considerei oportuno nesse lugar.

Encontrei-me na embaraçosa situação de ter que verificar, precisamente por pedido dos membros do CUN, o realizado pelos mesmos investigadores com respeito ao caso; isso me criava incômodo, intranquilidade e sensação de impotência, sobretudo porque o tempo passava e eu via pessoas que, simplesmente por não terem querido dar-me ouvidos **in illo tempore** (26), agora perdiam dias valiosos atrás de metodologias improváveis, obsoletas, inadaptadas e tudo o mais, de qualquer maneira evidentemente segundo meu parecer, totalmente ineficazes.

Não cabe a mim julgar o trabalho dos outros, mas a impressão de ser o único que entende algo era indubitavelmente forte!

À medida que estes episódios se repetiam, eu tentava subtrair-me dessa situação. No fundo tinha já minhas próprias complicações e não tinha nenhuma vontade de pôr a cabeça na bolsa do CUN, o qual, francamente me importava bastante pouco.

A série de perguntas que era proposta no colóquio inicial com o provável abduzido se ia complicando cada vez mais, pelos relatos que os abduzidos faziam, pelas experiências comuns que eles tinham e contavam e também pelas comuns sensações que eles sentiam antes e depois de uma real **abduction**.

Não tomei como ponto de partida outros questionários do tipo dos que se encontram na Internet, nem, sobretudo, do questionário do doutor Boylan, grande amigo da senhora Paola Harris, mas também incompetente em matéria de psicologia.

Não sei, francamente, se a incompetência deste senhor em tal matéria é devida ao fato de que é americano, portanto sumamente pouco culto respeito à escola de psicologia europeia, ou porque é, como ele mesmo se define em seus artigos e entrevistas, um *"contactado"*.

Quem, de fato, se encontra ao interno do sistema que está estudando e em primeira pessoa sofre uma *"abduction"*, não pode, segundo minha opinião, ser um investigador do fenômeno, porque tem sempre uma visão fechada ao redor do próprio SER. O sobredito se comporta como aquele estudante de medicina que estuda psiquiatria para resolver os problemas que tem dentro de si, não conseguindo reconhecer as causas a nível consciente e esperando entender através do exame a seus pacientes. A Itália dos psiquiatras e dos psicólogos está cheia de tipos semelhantes. Também aqui alguns hipnólogos que se interessaram pelo problema *"abduction"* tinham o mesmo modo de comportar-se de Boylan e desembocavam num misticismo tecno-religioso que levava à visão do alienígena bom e evoluído espiritual e tecnologicamente, o qual, portanto, se lhe fizesse algo ao homem, o fazia necessariamente para expandir a consciência do mesmo.

Seguidamente se descobriu que esses hipnólogos haviam sido abduzidos junto a toda sua família.

O acima descrito síndrome é o mesmo que o ufólogo latino-americano Dante Minazzoli demonstrava possuir sustentando que os alienígenas eram bons, os comunistas eram bons, portanto os alienígenas eram marxistas.

O teste proposto nesta sede está altamente aperfeiçoado, porque peneirado no tempo sobre dezenas e dezenas de sujeitos, é totalmente fiável.

Não se trata de dezenas e dezenas de perguntas, como nos testes produzidos pelos americanos Derrel Sims, Budd Hopkins, David Jacobs, ou com estranhas perguntas, como aquelas de Boylan, mas simples interrogações que aparentam, às vezes, não ter nada a ver com o fenômeno que se está estudando.

De fato sustento que um teste, quanto mais resulta complicado mais indica que quem o escreveu não conhece a fenomenologia que busca identificar. Por conseguinte ele está obrigado a ampliar o arco de perguntas, para tentar enquadrar num contexto amplo o sujeito que está estudando. De fato quanto mais amplo é o contexto se estará mais seguro de atrapar o potencial abduzido na rede da casuística.

Bem, mas fazendo assim se atraem peixes diferentes dos que se querem pescar.

Está claro que, para pescar um só tipo de peixe, se tem que escolher o tipo e a trama da rede adaptados para reter apenas essa variedade de peixes, mas é também evidente que, para

fazer isto, é necessário conhecer exatamente forma e dimensão do peixe a pescar. Quem não conhece estes últimos detalhes usa uma rede que atrapa todos os peixes.

Para quem já pescou muitos peixes do tipo desejado, suas características são perfeitamente sabidas e o teste representa uma rede construída à medida, precisamente para esse tipo de peixes.

O teste proposto contém, de fato, uma sequência de perguntas que tende a produzir, a nível inconsciente, a evocação das vivências dos abduzidos e deveria ser proposto por alguém que entenda programação neurolinguística e seja capaz de avaliar as reações gestuais do examinado; o teste pode, não obstante, também ser autoproposto, porque as respostas justas estão de qualquer maneira escondidas nas dobras da experiência pessoal e o sujeito que se autoexamina não pode, portanto, fazer-se trampa.

Ao final do teste o sujeito terá interrogado seu próprio Inconsciente, ou seja aquilo que sabe a verdade e, dentro de si, suspeitará automaticamente se encaixa na casuística dos abduzidos ou não, sobre a base de algumas solicitações que seu Consciente não percebe, mas que seu Inconsciente suspeita a nível profundo.

Obviamente o autoteste é válido apenas se quem o realiza é sã de mente, de contrário o efeito que se obtém é o mesmo daquele que abrindo uma enciclopédia médica, descobre ter todos os sintomas de todas as doenças à medida que vai lendo.

É ainda mais uma vez evidente, de tudo o dito, que o abduzido não deve ser considerado um doente e portanto não tem que ser curado, mas apenas sustentado com a compreensão das experiências vividas, sem confiná-las ao campo do fantástico, mas aceitando-as no campo do real através da construção de novos, adequados, modelos mentais.

A publicação desta série de perguntas preliminares, que fazem parte de um procedimento já estandardizado, serve para permitir a todos respondê-las e, se sentirem a necessidade, realizar contatos para os aprofundamentos do caso.

O teste havia nascido originalmente, como exame vocal, em que, com um apropriado *software*, se media a tensão das cordas vocais do sujeito a examinar.

Durante o exame ao sujeito, se lhe faz também desenhar algo muito simples: céu estrelado e mar com ondas. O desenho, que na realidade é um teste projetivo chamado *"Teste de Estrelas e Ondas de Lallemand"*, pode ser efetuado por qualquer um, seja em idade infantil que adulta, e é independente da cultura do sujeito examinado.

A decisão de publicar este teste tem sua origem no fato de que alguns dos que leram meus artigos me escreveram porque se identificavam com várias das descrições da síndrome de *abduction*: com esta série de perguntas estas pessoas poderiam, de alguma maneira, fazer-se uma ideia embora seguramente confusa, mas de todos os modos mais precisa, com respeito a tal síndrome (SDA).

****TESTE DE AUTOAVALIAÇÃO (TAV)****

1. Já perdeu sangue alguma vez por uma das fossas nasais (qual)?
2. Já teve alguma vez incômodos/distúrbios, como sons estranhos, num só ouvido (qual)?
3. Tem cicatrizes no corpo, que não recorda como as fez?
4. Já teve crises depressivas?
5. Já sonhou alguma vez com uma pessoa igual a si (uma cópia sua)?
6. Já se sentiu alguma vez como se proviesse fisicamente de outro planeta ou já sonhou alguma vez?
7. Já encontrou objetos fora de lugar, seja em seu corpo (anéis, colares, *piercing*, etc.), seja no ambiente onde vive?
8. Já alguma vez sonhou que alguém introduzia algo na sua cavidade nasal, no seu ouvido, num olho ou nos seus genitais?
9. Já viu ou sonhou com um ser diferente de nós?

Se sim:

- a) que altura tinha?
- b) como estava vestido?
- c) que cheiro tinha?
- d) quantos dedos tinha e como eram?
- e) comunicou-se consigo?

10. Já se despertou alguma vez com a pele manchada de amarelo?
11. Já teve alguma vez a impressão de não reconhecer algum conhecido seu ou de não se reconhecer a si mesmo (de sentir-se fisicamente diferente), com subsequente brevíssima crise de identidade?
12. Já sonhou alguma vez em ter um filho que não era deste mundo?
13. Já sonhou alguma vez em estar num lugar tecnológico?
14. Pratica meditação, técnicas de relaxamento ou artes marciais?
15. Já viu ou sonhou com seres que tinham as pupilas verticais como os olhos de um gato?

Se sim:

- a) aparentavam ser positivos?

- b) aparentavam ser negativos?
- c) aparentavam ser indiferentes?
- d) quantos dedos tinham e como eram?
- e) que altura tinham?
- f) como era a cabeça?
- g) de que cor era a pele?
- h) como estavam vestidos?

16. Já sonhou alguma vez que se encontrava nalgum lugar subterrâneo?

17. Já sonhou com "sáurios" que caminham em posição ereta ou criaturas similares?

18. Já sonhou ou viu seres luminosos, similares a crianças feitas de luz?

19. Se é mulher, já lhe aconteceu de acreditar erradamente que estava grávida em algum período da sua vida?

20. Já sonhou alguma vez que mantinha relações sexuais com alguma criatura?

Se é varão:

- a) podia interagir com ela?
- b) podia mover-se?
- c) podia mover os olhos?
- d) que altura tinha a criatura?
- e) quantos dedos tinha nas mãos?
- f) como era seu rosto?
- g) como eram seus cabelos?
- h) teve uma ereção?
- i) extraíram-lhe sangue?

Se é mulher:

- a) que altura tinha?
- b) podia distingui-lo do resto do ambiente?
- c) agiu contra sua vontade?
- d) quantos seres estavam presentes?
- e) distinguia-se o rosto?
- f) extraíram-lhe sangue?
- g) era uma situação de muito *stress*?
- h) era uma situação normal?
- i) era uma situação prazerosa?

21. Já sonhou em ser intervencionado cirurgicamente?

22. Já sonhou em estar num estranho hospital?

23. Já se despertou alguma vez com uma peça a menos do pijama ou posta de maneira incorreta ou ao contrário?
24. Seu fator sanguíneo é Rh NEGATIVO, ou algum de seus parentes tem Rh NEGATIVO?
25. Já teve alguma vez episódios de paralisia enquanto está na cama, caracterizados pela possibilidade de mover apenas os bulbos oculares?
26. Tem a faculdade de dobrar a língua para o interior da cavidade bucal sem ajudar-se com o paladar?
27. Já alguma vez percebeu odores ou ruídos particulares, sem poder determinar a causa aparente?
28. Já teve alguma vez a sensação de ter perdido a cognição do tempo (*missing time*) embora fosse apenas por alguns segundos?
29. Algum de seus parentes lhe contou alguma vez que viu ou sonhou com estranhas criaturas durante sua vida?
30. Alguém de sua família padece de polidactilia (mais dedos do que os normais em mãos ou pés)?
31. Alguém de sua família padece de pterígio (crescimento de uma subpálpebra)?
32. Alguém de sua família tem indícios de crescimentos de membranas interdigitais?
33. Tem sobre a tíbia esquerda (ou direita) alguma cicatriz que aparenta ser uma queimadura de cigarro?
34. Alguém de sua família tem ou teve um crescimento ou protuberância cutânea na zona lombar, como uma pequena cauda?
35. Já se despertou alguma vez com a sensação de estar coberto por uma estranha geleia pegajosa?
36. Já se despertou alguma vez destruído pelo cansaço?
37. Já teve alguma vez dificuldade para engolir?
38. Já sonhou alguma vez com militares?
39. Tem atrás da orelha, entre a parede do crânio e o pavilhão auricular, de maneira subcutânea, reconhecível ao tato algum objeto que se assemelha a uma pequena bolinha? (se a resposta for afirmativa, indicar qual orelha)

40. Já sonhou com figuras angélicas ou diabólicas sobretudo quando pequeno? Se a resposta for afirmativa, fazer uma breve descrição.
41. Já teve alguma vez repentinas crises de pânico durante uma visita médica? (inclusive o dentista)
42. Já pensou alguma vez que seus pais não fossem seus verdadeiros pais?
43. Já sonhou alguma vez com um ser caracterizado pela presença de algo no centro da testa?
44. Já teve alguma vez tanta sede, sem aparente motivo, que o levou a beber muita água?
45. Já teve experiências fora do corpo (OOBE em inglês)?
46. Já teve recordações ou sonhos, atribuídos por si, a reencarnações ou Vidas Passadas?
47. Já sonhou alguma vez em estar ou ser posto dentro de um contentor, ou percebeu outros dentro de um contentor?
48. Já alguma vez durante um sonho ou na realidade, escreveu ou falou uma língua, teoricamente desconhecida para si?
49. Já escreveu alguma vez em modo contrário ao normal (bustrofélico), como para ser lido num espelho, como o fazia Leonardo Da Vinci)?
50. É destro ou canhoto?
51. Já sonhou alguma vez em ser física ou animicamente, um ser diferente daquele que é?
52. Já teve alguma vez a sensação de atravessar as paredes, o piso ou o teto do seu dormitório?
53. Já viu ou sonhou alguma vez com um O.V.N.I.? Se a resposta for afirmativa, descreva-o brevemente.
54. Já acreditou alguma vez ter visto ou sonhado com insetos muito grandes? Se a resposta for afirmativa, que tipo de inseto?
55. Já sonhou alguma vez com cenas de guerra nas quais você combate como num videogame?
56. Já fez uso alguma vez de substâncias estupefacientes ou psicofármacos? Se a resposta for afirmativa, de que tipo e por quanto tempo?

57. Já foi alguma vez protagonista de fenômenos que poderiam ser definidos por si, como paranormais?

58. Quando cruza as mãos, o polegar de qual mão prevalece sobre o outro? direito ou esquerdo?

59. Já teve alguma vez a sensação de que seu corpo fosse invadido por uma intensa vibração?

60. Tem aptidões artísticas criativas: toca ou compõe música, escreve poesia ou relatos/contos, desenha, pinta, canta, atua ou outras?

****Ao finalizar o teste, realizar um desenho que contenha:****

****CÉU ESTRELADO E O MAR COM ONDAS****